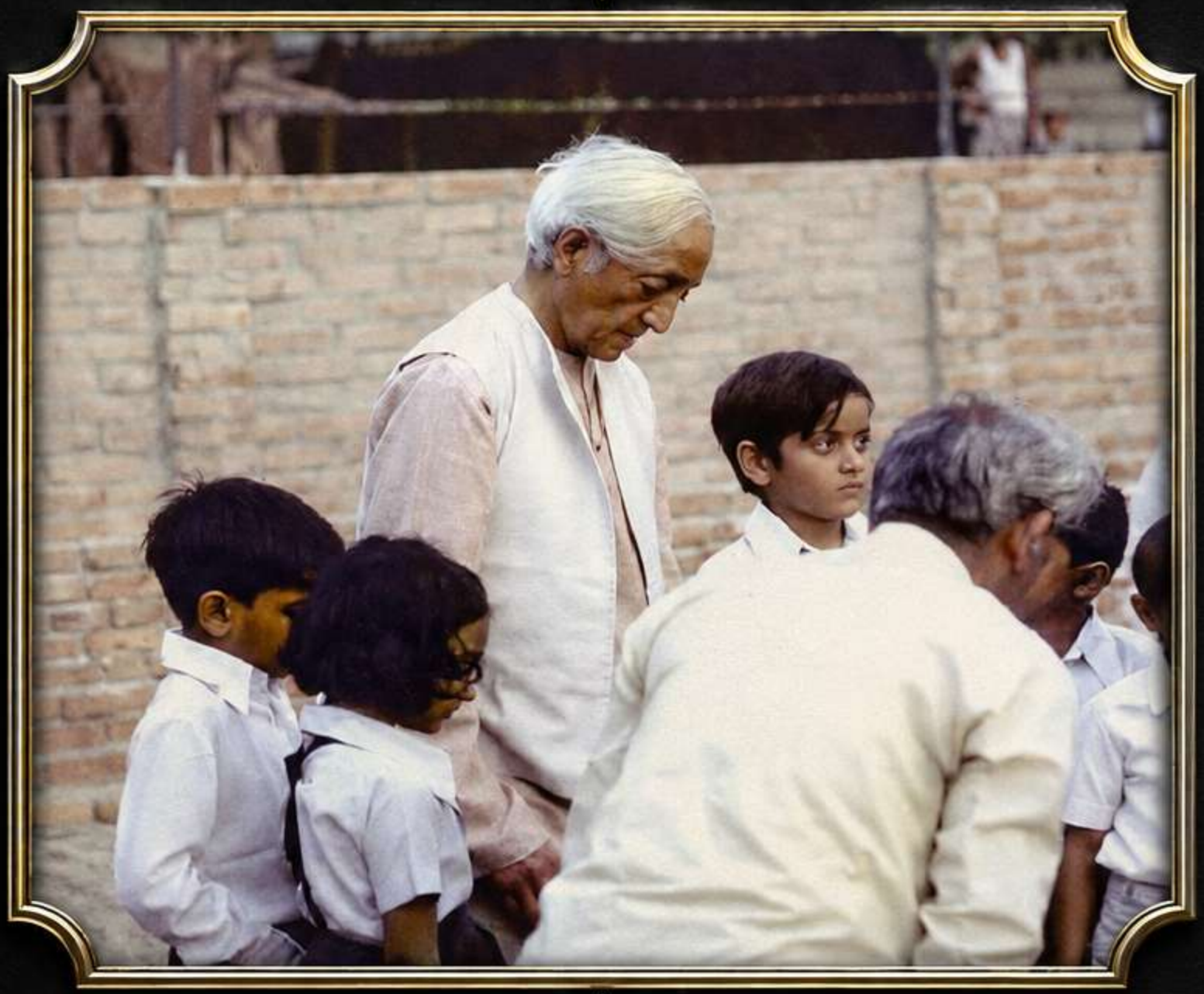
Todo o Movimento da Vida Constitui Aprendizagem

CARTAS DE J. KRISHNAMURTI
ÀS SUAS ESCOLAS



TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

O MOVIMENTO TODO DA VIDA É APRENDIZAGEM
CARTAS DE J. KRISHNAMURTI ÀS SUAS ESCOLAS

J. Krishnamurti

PREFÁCIO

Como gostaria de manter o contacto com as escolas na Índia, Brockwood Park em Inglaterra e a Oak Grove School em Ojai, Califórnia, proponho-me escrever-lhes uma carta quinzenalmente durante o tempo que for possível. É difícil manter o contacto pessoal com todas elas, por isso, se me for permitido, gostaria muito de escrever estas cartas para transmitir o que as escolas deveriam ser, para transmitir a todas as pessoas que são responsáveis por elas que estas escolas devem ser excelentes academicamente, mas muito mais do que isso. Devem preocupar-se com o cultivo do ser humano total.

Estes centros de educação devem ajudar o estudante e o educador a florescer naturalmente. O florescimento é realmente muito importante; caso contrário, a educação torna-se apenas um processo mecânico orientado para uma carreira, para algum tipo de profissão. A carreira e a profissão, tal como a sociedade agora existe, são inevitáveis, mas se colocarmos toda a nossa ênfase nisso, então a liberdade para florescer irá gradualmente murchar.

Temos colocado demasiada ênfase nos exames e na obtenção de bons diplomas. Não é esse o propósito principal para o qual estas escolas foram fundadas. Isto não significa que o estudante venha a ser inferior academicamente. Pelo contrário, com o florescimento tanto do professor como do estudante, a carreira e a profissão assumirão o seu devido lugar.

Estas cartas não se destinam a ser lidas casualmente quando se tem um pouco de tempo livre de outras coisas, nem devem ser tratadas como entretenimento. Estas cartas são escritas seriamente e, se se dispuserem a lê-las, leiam-nas com a intenção de estudar o que é dito, tal como estudariam uma flor ao olhar para ela com muito cuidado — as suas pétalas, o seu caule, as suas cores, a sua fragrância e a sua

beleza. Estas cartas devem ser estudadas da mesma maneira, não lidas numa manhã e esquecidas no resto do dia. É preciso dedicar-lhes tempo, brincar com elas, questioná-las, investigar nelas sem aceitação prévia. Vivam com elas durante algum tempo; digiram-nas de modo a que fiquem vossas e não do autor.

J. Krishnamurti

EDUCAÇÃO TOTAL

Estas escolas destinam-se a cultivar o ser humano total

A sociedade, a cultura em que vivemos, exige que o estudante seja orientado para um emprego e para a segurança física. Esta tem sido a pressão constante de todas as sociedades: a carreira em primeiro lugar e tudo o resto em segundo; ou seja, o dinheiro em primeiro lugar e os caminhos complexos da nossa vida diária em segundo. Estamos a tentar inverter este processo, porque o homem não pode ser feliz apenas com dinheiro. Quando o dinheiro se torna o fator dominante na vida, há um desequilíbrio na nossa atividade diária. Gostaria que os educadores compreendessem isto muito seriamente e vissem o seu significado pleno. Se o educador compreender a importância disto, e na sua própria vida lhe tiver dado o devido lugar, pode então ajudar o estudante, que é compelido pelos seus pais e pela sociedade a fazer da carreira a coisa mais importante. Gostaria de enfatizar este ponto — manter em todos os momentos nestas escolas um modo de vida que cultive o ser humano total.

Como a maior parte da nossa educação é a aquisição de conhecimento, ela está a tornar-nos cada vez mais mecânicos; as nossas mentes estão a funcionar ao longo de sulcos estreitos, quer seja conhecimento científico, filosófico, religioso, empresarial ou tecnológico aquele que estamos a adquirir. Os nossos modos de vida, tanto em casa como fora dela, e a nossa especialização numa carreira particular, estão a tornar as nossas mentes cada vez mais estreitas, limitadas e incompletas. Tudo isto conduz a um modo de vida mecânico, a uma padronização mental, e assim, gradualmente, o Estado, mesmo um Estado democrático, dita aquilo em que nos devemos tornar. A maioria das pessoas pensadoras está naturalmente

consciente disto, mas infelizmente parecem aceitá-lo e viver com isso. Isto tornou-se um perigo para a liberdade.

A liberdade é uma questão muito complexa e, para compreender a sua complexidade, o florescimento da mente é necessário. Cada pessoa dará uma definição diferente do florescimento da mente, dependendo da sua cultura, da sua educação, experiência, superstição religiosa — isto é, do seu condicionamento. Aqui não estamos a lidar com opinião ou preconceito, mas sim com uma compreensão não verbal das implicações e consequências do florescimento da mente. Este florescimento é o desabrochar total e o cultivo das nossas mentes, dos nossos corações e do nosso bem-estar físico; isto é, ter uma harmonia completa na qual não haja oposição ou contradição. O florescimento da mente só pode ocorrer quando há uma perceção clara, objetiva e não pessoal, quando esta não está sobrecarregada por qualquer imposição sobre si. Não se trata do *que* pensar, mas de *como* pensar com clareza. Durante séculos, através da propaganda e afins, fomos encorajados no *que* pensar. A maior parte da educação moderna é isso, e não a investigação do movimento todo do pensamento. O florescimento implica liberdade. Uma planta necessita de liberdade para crescer.

Em cada carta lidaremos com o despertar do coração, que não é sentimental, romântico ou imaginário, mas pertence à bondade que nasce da afeição e do amor; e com o cultivo do corpo, o tipo certo de comida, o exercício adequado, o que trará uma profunda sensibilidade. Quando a mente, o coração e o corpo estão em completa harmonia, então o florescimento surge naturalmente, facilmente e em excelência. Este é o nosso trabalho, a nossa responsabilidade enquanto educadores. Ensinar é a maior profissão da vida.

BONDADE

A liberdade é essencial para a beleza da bondade

A bondade só pode florescer em liberdade. Não pode desabrochar no solo da persuasão sob qualquer forma, nem sob compulsão, nem é o resultado de uma recompensa. Não se revela quando existe qualquer tipo de imitação ou conformismo, e não pode existir quando há medo.

A bondade mostra-se no comportamento, e este comportamento baseia-se na sensibilidade. A bondade expressa-se na ação. O movimento todo do pensamento não é bondade. O pensamento, que é muito complexo, tem de ser compreendido; a própria compreensão dele desperta o pensamento para a sua própria limitação.

A bondade não tem oposto. A maioria de nós considera a bondade como o oposto do mau ou do mal e, por isso, ao longo da história, em qualquer cultura, a bondade tem sido considerada a outra face daquilo que é brutal. A humanidade tem lutado sempre contra o mal para ser boa; mas a bondade nunca pode vir a existir se houver qualquer forma de violência ou luta. A bondade mostra-se no comportamento, na ação e no relacionamento. Geralmente, o nosso comportamento diário baseia-se em seguir certos padrões, que são mecânicos e, portanto, superficiais, ou em motivos muito cuidadosamente pensados com base na recompensa ou no castigo. Assim, o nosso comportamento, consciente ou inconscientemente, é calculado. Isto não é um bom comportamento. Quando se compreende isto, não meramente de forma intelectual ou juntando palavras, então o bom comportamento surge da negação daquilo que ele não é.

O bom comportamento é, em essência, a ausência do «eu», do «mim». Mostra-se na cortesia, na consideração pelos outros, no ceder sem perder a integridade. O comportamento é extraordinariamente importante; não é um assunto casual para ser negligenciado, ou um brinquedo de uma mente sofisticada. Surge das profundezas do teu ser e faz parte da tua existência diária.

A bondade mostra-se na ação. Agir corretamente é uma das coisas mais difíceis de fazer. É algo muito complexo e tem de ser examinado muito de perto, sem impaciência ou sem saltar para qualquer conclusão. Nas nossas vidas diárias, a ação é um movimento contínuo a partir do passado, interrompido ocasionalmente por um novo conjunto de conclusões. Estas conclusões tornam-se então o passado, pelo que se age de acordo com ideias ou ideais preconcebidos. Agimos sempre ou a partir do conhecimento acumulado, que é o passado, ou em prol de um ideal futuro, uma utopia. Aceitamos essa ação como normal. Sê-lo-á? Questionamo-la depois de ter ocorrido ou antes de a realizar, mas este questionamento

baseia-se em conclusões anteriores ou em expectativas de recompensa ou castigo futuros — «Se eu fizer isto, poderei obter aquilo».

Estamos agora a questionar toda a ideia aceite de ação. A ação ocorre depois de termos acumulado conhecimento ou experiência; ou agimos e aprendemos, agradável ou desagradavelmente, a partir dessa ação, e essa aprendizagem torna-se novamente a acumulação de conhecimento. Portanto, ambas as ações se baseiam no conhecimento; não são diferentes. O conhecimento é sempre o passado e, por isso, as nossas ações são sempre mecânicas.

Haverá uma ação que não seja mecânica, que não seja repetitiva, que não seja rotineira e, portanto, sem lamento? Isto é realmente importante para nós compreendermos, pois onde há liberdade e o florescimento da bondade, a ação nunca pode ser mecânica. Escrever é mecânico; aprender uma língua, conduzir um carro é mecânico; adquirir qualquer tipo de conhecimento técnico e agir de acordo com ele é mecânico. Nesta atividade mecânica pode haver uma pausa, e nessa pausa uma nova conclusão pode ser formada, mas isso torna-se novamente mecânico. É preciso ter constantemente em mente que a liberdade é essencial para a beleza da bondade. Existe uma ação não mecânica, mas tens de a descobrir. Não te podem falar sobre ela; não podes ser instruído nela; não podes aprender através de exemplos, pois então torna-se imitação e conformismo. Nessa altura perdeste completamente a liberdade e não há bondade.

LAZER

Apenas no lazer pode a mente aprender

O relacionamento com outro ser humano é uma das coisas mais importantes na vida. A maioria de nós não leva muito a sério os seus relacionamentos, pois estamos preocupados connosco próprios em primeiro lugar e com a outra pessoa quando é conveniente, satisfatório ou sensualmente gratificante. Tratam-se os relacionamentos como que à distância, e não como algo em que estamos totalmente envolvidos.

Quase nunca nos mostramos a outro, pois não estamos totalmente conscientes de nós próprios, e aquilo que mostramos a outro num

relacionamento é ou possessivo, ou dominante, ou subserviente. Há o outro e eu, duas entidades separadas mantendo uma divisão duradoura, cada uma preocupada consigo própria, e assim esta divisão é mantida ao longo da vida até que a morte chegue. Claro que se mostra simpatia, afeição, encorajamento geral, mas o processo divisivo continua. Disto surge a incompatibilidade, a afirmação de temperamentos e desejos, e assim há medo e apaziguamento. Sexualmente pode haver uma união, mas o relacionamento peculiar, quase estático, do «tu» e do «mim» é mantido, com discussões, feridas, ciúmes e todo o sobressalto habitual. Tudo isto é geralmente considerado um bom relacionamento.

Ora, poderá a bondade florescer em tudo isto?

O relacionamento é a vida; sem algum tipo de relacionamento não se pode existir. O eremita, o monge, por mais que se retirem do mundo, levam o mundo consigo. Podem negá-lo, podem suprimi-lo, podem torturar-se a si próprios, mas continuam a permanecer em algum tipo de relação com o mundo, pois são o resultado de milhares de anos de tradição, superstição e de todo o conhecimento que o homem reuniu ao longo de milénios. Portanto, não há escapatória para nada disto.

Existe um relacionamento entre o educador e o estudante. Manterá o professor, quer sabendo-o quer não, um sentimento de superioridade, colocando-se sempre num pedestal, fazendo o estudante sentir-se inferior, aquele que tem de ser ensinado? Obviamente, nisto não há relacionamento. Disto nasce o medo por parte do estudante, uma sensação de pressão e tensão, e portanto, o estudante aprende, desde a sua juventude, esta qualidade de superioridade. É levado a sentir-se diminuído e, assim, ao longo da vida, ou se torna o agressor ou é continuamente condescendente e subserviente.

Uma escola é um lugar de lazer, onde o educador e aquele que há de ser educado estão ambos a aprender. Este é o facto central da escola — aprender. Por lazer não queremos dizer ter tempo para si próprio, embora isso também seja necessário. Não significa pegar num livro e sentar-se debaixo de uma árvore ou no quarto, a ler

casualmente. Não significa ter um estado de espírito plácido, e certamente não significa estar ocioso ou usar o tempo para sonhar acordado. Lazer significa uma mente que não está constantemente ocupada com algo, com um problema, com algum divertimento, com algum prazer sensorial. O lazer implica que a mente tem tempo infinito para observar o que está a acontecer em redor de si e dentro de si, para escutar, para ver com clareza. O lazer implica liberdade, que é geralmente traduzida como fazer o que se deseja, que é o que os seres humanos estão a fazer de qualquer modo, causando uma grande quantidade de travessuras, miséria e confusão. Lazer é ter uma mente tranquila, sem motivo e, portanto, sem direção. É apenas neste estado de lazer que a mente pode aprender, não apenas ciência, história, matemática, mas também sobre si mesma. E pode-se aprender sobre si mesmo no relacionamento.

Poderá tudo isto ser ensinado nas nossas escolas, ou é algo sobre o qual se lê e se memoriza ou esquece? Quando o professor e o ensinado estão envolvidos na compreensão real da importância extraordinária do relacionamento, então estão a estabelecer na escola um relacionamento correto entre si. Isto faz parte da educação, sendo superior ao mero ensino de disciplinas académicas.

O relacionamento exige uma grande dose de inteligência. Não pode ser comprado num livro nem ser ensinado. Não é o resultado acumulado de uma grande experiência. O conhecimento não é inteligência. A inteligência pode usar o conhecimento. O conhecimento pode ser astuto, brilhante e utilitário, mas isso não é inteligência. A inteligência pode usar o conhecimento. A inteligência surge natural e facilmente quando toda a natureza e estrutura do relacionamento são vistas. É por isso que é importante ter lazer, para que o homem ou a mulher, o professor ou o estudante, possam conversar calma e seriamente sobre o seu relacionamento, de modo a que as suas reações reais, suscetibilidades e barreiras sejam vistas, e não imaginadas, não distorcidas para agradar um ao outro ou suprimidas a fim de apaziguar o outro.

Certamente que é esta a função de uma escola: ajudar o estudante a despertar a sua inteligência e a aprender a grande importância do relacionamento correto.

MEDO

A bondade não pode florescer no campo do medo

Parece que a maioria das pessoas passa uma grande quantidade de tempo a discutir mera clareza verbal; não parecem captar a profundidade e o conteúdo para lá da palavra. Ao tentarem procurar a clareza verbal, tornam as suas mentes mecânicas, as suas vidas superficiais e, muito frequentemente, contraditórias. Nestas cartas não estamos preocupados com a compreensão verbal, mas com os factos diários das nossas vidas.

Este é o facto central de todas estas cartas — não a explicação verbal do facto, mas o próprio facto. Quando estamos preocupados com a clareza verbal e, portanto, com a clareza de ideias, a nossa vida diária é conceptual e não factual. Todas as teorias, os princípios, os ideais são conceptuais. Os conceitos podem ser desonestos, hipócritas e ilusórios. Pode-se ter qualquer número de conceitos ou ideais, mas estes não têm rigorosamente nada a ver com os acontecimentos diários da nossa vida.

As pessoas são nutridas com ideais; quanto mais fantasiosos forem, mais são considerados nobres; mas a compreensão dos acontecimentos diários é muito mais importante do que os ideais. Se a mente de alguém estiver atravancada com conceitos, ideais e assim por diante, o facto, o acontecimento real nunca poderá ser enfrentado. O conceito torna-se um bloqueio. Quando tudo isto é compreendido muito claramente — não intelectual ou conceptualmente —, a grande importância de enfrentar um facto, o real, o agora, torna-se o fator central da nossa educação.

A política é uma espécie de doença universal baseada em conceitos; e a religião é um emocionalismo romântico e imaginário. Quando se observa o que está realmente a acontecer, tudo isto é uma indicação de pensamento conceptual e de um evitar da miséria, confusão e sofrimento diários da nossa vida.

A bondade não pode florescer no campo do medo. Neste campo há muitas variedades, os medos imediatos e os medos de

muitos amanhãs. O medo não é um conceito, mas as explicações do medo são conceptuais e variam de um sábio para outro ou de um intelectual para outro. A explicação não é importante; o que é importante é enfrentar o facto do medo.

Em todas as nossas escolas, o educador e os responsáveis pelos estudantes, quer na sala de aula, no campo de jogos ou nos seus quartos, têm a responsabilidade de ver que o medo, sob qualquer forma, não surja. O educador não deve despertar o medo no estudante. Isto não é conceptual, porque o próprio educador compreende, e não apenas verbalmente, que o medo sob qualquer forma paralisa a mente, destrói a sensibilidade, encolhe os sentidos. O medo é o fardo pesado que o homem sempre carregou. Deste medo surgem várias formas de superstição — religiosa, científica e imaginária. Vive-se num mundo de faz-de-conta, e a essência do mundo conceptual nasce do medo. Dissemos anteriormente que o homem não pode viver sem relacionamento, e este relacionamento não é apenas a sua própria vida privada, mas, se for um educador, ele tem um relacionamento direto com o estudante. Se houver qualquer tipo de medo nisto, então o professor não pode possivelmente ajudar o estudante a libertar-se dele.

O estudante vem de um ambiente de medo, de autoridade, de todo o tipo de impressões e pressões fantasiosas e reais. O educador também tem as suas próprias pressões, medos. Não será capaz de trazer a compreensão da natureza do medo se não tiver descoberto a raiz dos seus próprios medos. Não se trata de que ele deva primeiro libertar-se dos seus próprios medos para ajudar o estudante a libertar-se, mas antes de que, no seu relacionamento diário, na conversa, na aula, o professor aponte que ele próprio tem medo, tal como o estudante também tem, e assim, juntos, possam explorar toda a natureza e estrutura do medo.

Deve ser assinalado que isto não é um confessionário por parte do professor. Ele está apenas a constatar um facto sem qualquer ênfase emocional ou pessoal. É como ter uma conversa entre bons amigos; exige uma certa honestidade e humildade. Humildade não é servilismo. Humildade não é uma sensação de derrotismo; a humildade não conhece arrogância nem orgulho. Portanto, o professor tem uma responsabilidade tremenda.

Ensinar é a maior de todas as profissões. O professor deve dar origem a uma nova geração no mundo, o que é um facto, não um conceito. Pode-se fazer um conceito de um facto e, assim, perder-se em conceitos, mas o real permanece sempre. Enfrentar o real, o agora e o medo é a função mais elevada do educador; não apenas trazer a excelência académica, mas também, o que é muito mais importante, a liberdade psicológica do estudante e de si mesmo.

Quando a natureza da liberdade é compreendida, elimina-se toda a competição no campo de jogos e na sala de aula. Será possível eliminar completamente a avaliação comparativa académica ou ética? Será possível ajudar o estudante a não pensar competitivamente no campo académico e, ainda assim, ter excelência nos seus estudos, nas suas ações e na sua vida diária?

Por favor, tem em mente que estamos preocupados com o florescimento da bondade, que não pode possivelmente existir onde haja qualquer competição. A competição existe quando há comparação, e a comparação não traz a excelência. Estas escolas existem fundamentalmente para ajudar tanto o estudante como o professor a florescerem na bondade. Isto exige excelência no comportamento, na ação e no relacionamento. Esta é a nossa intenção; é por isto que estas escolas passaram a existir; não para formar meros carreiristas, mas para trazer a excelência do espírito.

CONHECIMENTO

O acúmulo de conhecimento não conduz à inteligência

O conhecimento não conduzirá à inteligência. Acumulamos uma grande quantidade de conhecimento sobre muitas coisas, mas agir inteligentemente sobre o que se aprendeu parece quase impossível. Escolas, faculdades e universidades cultivam o conhecimento sobre o nosso comportamento, sobre o universo, sobre a ciência e todas as formas de tecnologia, mas estes centros de educação raramente ajudam um ser humano a viver uma vida diária de excelência. Os eruditos sustentam que os seres humanos só podem evoluir através de vastas acumulações de informação e conhecimento.

A humanidade viveu através de milhares e milhares de guerras; acumulou uma grande quantidade de conhecimento sobre como matar, contudo, esse próprio conhecimento está a impedir-nos de pôr fim a todas as guerras. Aceitamos a guerra como um modo de vida e todas as brutalidades, violência e matança como o curso normal da nossa vida. Sabemos que não devemos matar outro. Este saber está totalmente não relacionado com o facto de matar; o conhecimento não impede que matemos animais e destruamos a terra. O conhecimento não pode funcionar através da inteligência, mas a inteligência pode funcionar com o conhecimento. Saber não é saber; a compreensão do facto de que o conhecimento nunca pode resolver os nossos problemas humanos é a inteligência.

A educação nas nossas escolas não é apenas a aquisição de conhecimento, mas, o que é muito mais importante, o despertar da inteligência, que utilizará depois o conhecimento. Nunca é o oposto. O despertar da inteligência é a nossa preocupação em todas estas escolas. A questão inevitável surge então sobre como esta inteligência há de ser despertada. Qual é o sistema, qual é o método, qual é a prática? Esta própria questão implica que se continua a funcionar no campo do conhecimento. A perceção de que é uma questão errada é o início do despertar da inteligência. A prática, o método, o sistema na nossa vida diária promovem a rotina, a ação repetitiva e, portanto, uma mente mecânica. O movimento contínuo do conhecimento, por mais especializado que seja, coloca a mente num sulco, num modo de vida estreito.

Aprender a observar e a compreender toda esta estrutura do conhecimento é começar a despertar a inteligência.

As nossas mentes vivem na tradição. O próprio significado dessa palavra — transmitir — nega a inteligência. É fácil e confortável seguir a tradição, quer seja uma tradição política, religiosa ou inventada por si mesmo. Nessa altura não se tem de pensar sobre isso; não se questiona, faz parte da tradição aceitar e obedecer. Quanto mais antiga for a cultura, mais a mente está presa ao passado, vive no passado. A rutura de uma tradição será inevitavelmente seguida pela imposição de outra.

Uma mente com muitos séculos de qualquer tradição particular por trás recusa-se a deixar ir o antigo até que haja outra tradição igualmente gratificante e segura. A tradição em todas as suas várias formas, desde a religiosa à académica, tem de negar a inteligência. A inteligência é infinita. O conhecimento, por mais vasto que seja, é finito, tal como a tradição. Nas nossas escolas, o mecanismo formador de hábitos da mente tem de ser observado. Nesta observação existe o vivificar da inteligência.

Faz parte da tradição humana aceitar o medo. Tanto a geração mais velha como a mais jovem vivem com o medo. A maioria não está consciente de que vivemos no medo. É apenas numa forma branda de crise ou num incidente avassalador que nos tornamos conscientes deste medo permanente. Ele está lá. Alguns estão conscientes dele, outros esquivam-se dele. A tradição diz: controla o medo, foge dele, suprime-o, analisa-o, atua sobre ele, ou aceita-o. Vivemos com o medo durante milénios e de algum modo conseguimos ir lidando com ele. É da natureza da tradição atuar sobre ele ou fugir dele, ou sentimentalmente aceitá-lo e recorrer a alguma entidade externa para o resolver. As religiões brotam deste medo, e o impulso compulsivo dos políticos pelo poder nasce deste medo. Qualquer forma de dominação sobre outro é da natureza do medo. Quando um homem ou uma mulher possui outro, há medo em segundo plano, e este medo destrói todas as formas de relacionamento.

É função do educador ajudar o estudante a enfrentar este medo, quer seja o medo do pai ou da mãe, do professor ou de um estudante mais velho, o medo de estar sozinho ou o medo da natureza. A questão central na compreensão da natureza e estrutura do medo é enfrentá-lo; enfrentá-lo não através da tela das palavras, mas observar o próprio acontecimento do medo sem qualquer movimento de afastamento dele.

O movimento de afastamento do facto é confundir o facto. A nossa tradição, a nossa educação, encorajam o controlo, a aceitação ou a negação, ou uma racionalização muito astuta.

Como professor, podes ajudar o estudante e a ti próprio a enfrentar todos os problemas que surgem na vida? Na aprendizagem,

não há nem o professor nem o ensinado, há apenas a aprendizagem. Para aprender sobre o movimento todo do medo devemos chegar a ele com curiosidade, que tem a sua própria vitalidade. Tal como uma criança que é muito curiosa, nessa curiosidade há intensidade. É o caminho da tradição conquistar o que não compreendemos, derrotá-lo, pisá-lo — ou adorá-lo. A tradição é conhecimento, e o fim do conhecimento é o nascimento da inteligência.

Agora, percebendo que não há nem o professor nem o ensinado, mas apenas o ato de aprender por parte do adulto e do estudante, podes, através da perceção direta do que está a acontecer, aprender sobre este medo? Podes, se permitires que o medo conte a sua história antiga. Escuta-o atentamente, sem interferência, pois ele está a contar-te a história do teu próprio medo. Quando escutas assim, descobrirás que o medo não é separado de ti. Tu és esse próprio medo, essa própria reação com uma palavra anexada a ela. A palavra não é importante. A palavra é o conhecimento, a tradição; mas o real, o agora que está a acontecer, é algo totalmente novo; é a descoberta da novidade do teu próprio medo. Enfrentar o facto do medo, sem qualquer movimento do pensamento, é o fim do medo. Não qualquer medo particular, mas a própria raiz do medo é desintegrada nesta observação. Não há observador, apenas observação.

O medo é um assunto muito complexo, tão antigo como as colinas, antigo como a humanidade, e tem uma história muito extraordinária para contar. Mas tens de saber a arte de o escutar, e há uma grande beleza nesse escutar. Há apenas o escutar e a história não existe.

RESPONSABILIDADE

Um ser humano é a totalidade da humanidade

A palavra responsabilidade deve ser compreendida em todo o seu significado. Vem de responder, responder não parcialmente, mas totalmente. A palavra também implica remeter para trás, responder aos teus antecedentes, o que é remeter para trás para o teu condicionamento. A responsabilidade é a ação, tal como é geralmente compreendida, do condicionamento humano de alguém. A cultura de alguém, a sociedade em que se vive, naturalmente condiciona a mente, quer essa cultura seja nativa ou estrangeira.

A partir destes antecedentes responde-se, e esta resposta limita a nossa responsabilidade. Se alguém nasce na Índia, Europa, América ou onde quer que seja, a sua resposta será de acordo com a superstição religiosa — todas as religiões são estruturas supersticiosas — ou o nacionalismo, ou as teorias científicas. Estas condicionam a resposta de alguém, e são sempre limitadas, finitas; e assim há sempre contradição, conflito e o surgimento da confusão. Isto é inevitável e traz a divisão entre os seres humanos. A divisão, sob qualquer forma, deve trazer não apenas conflito e violência, mas, em última análise, a guerra.

Se se compreender o significado real da palavra responsável e o que se passa no mundo hoje em dia, vê-se que a responsabilidade se tornou irresponsável. Ao compreender o que é irresponsável, começaremos a compreender o que é a responsabilidade. A responsabilidade é para com o todo, como a palavra implica, não para consigo próprio, não para com a família de alguém; não para com alguns conceitos ou crenças, mas para com a totalidade da humanidade.

As nossas várias culturas enfatizaram a separação, chamada individualismo, o que resultou em cada um fazer o que deseja ou estar empenhado no seu próprio pequeno talento particular, por mais lucrativo ou útil que esse talento possa ser para a sociedade. Isto não significa o que os totalitários querem que se acredite, que apenas o Estado e as autoridades que representam o Estado são importantes, e não os seres humanos. O Estado é um conceito, mas um ser humano, embora viva no Estado, não é um conceito. O medo é uma realidade, não um conceito.

Um ser humano, psicologicamente, é a totalidade da humanidade. Ele não só a representa, como é a totalidade da espécie humana. Ele é essencialmente a psique inteira da humanidade. Sobre esta realidade, várias culturas impuseram a ilusão de que cada ser humano é diferente. Nesta ilusão a humanidade tem estado presa durante séculos, e esta ilusão tornou-se uma realidade.

Se observares de perto toda a tua estrutura psicológica, descobrirás que, tal como tu sofres, assim toda a humanidade sofre em vários graus. Se estás sozinho, a totalidade da humanidade conhece esta solidão. Agonia, ciúme, inveja e medo são conhecidos por todos. Portanto, psicologicamente, interiormente, és como outro ser humano. Pode haver diferenças fisicamente, biologicamente — um é alto, ou baixo e assim por diante —, mas basicamente és o representante de toda a humanidade.

Portanto, psicologicamente, tu és o mundo. És responsável pela totalidade da humanidade, não por ti próprio como um ser humano separado, o que é uma ilusão psicológica. Como representante de toda a raça humana, a tua resposta é total, não parcial. Assim, a responsabilidade tem um significado totalmente diferente. Há que aprender a arte desta responsabilidade. Se se captar plenamente o significado do facto de que psicologicamente se é o mundo, então a responsabilidade torna-se um amor avassalador. Nessa altura cuidar-se-á da criança, não apenas numa idade terna, mas ver-se-á que ela compreende o significado da responsabilidade ao longo da sua vida. Esta arte inclui o comportamento, os modos do pensamento de alguém e a importância da ação correta. Nestas nossas escolas, a responsabilidade para com a terra, para com a natureza e de uns para com os outros faz parte da nossa educação, não apenas a ênfase nas disciplinas académicas, embora estas sejam necessárias.

Podemos então perguntar: o que está o professor a ensinar e o que está o aluno a receber? E de forma mais ampla, o que é a aprendizagem? Qual é a função do educador? É ensinar meramente álgebra e física ou é despertar no estudante, e portanto em si mesmo, um enorme sentido de responsabilidade? Podem as duas coisas ir juntas; isto é, as disciplinas académicas que ajudarão numa carreira e a

responsabilidade por toda a humanidade e pela vida? Ou devem ser mantidas separadas?

Se forem separadas, haverá contradição na vida do estudante; ele tornar-se-á um hipócrita e, inconsciente ou deliberadamente, manterá a sua vida em dois compartimentos definidos. A humanidade vive nesta divisão. Em casa ele será de uma maneira, e na fábrica ou no escritório assumirá um rosto diferente. Será possível para as duas moverem-se juntas?

Quando uma questão deste tipo é colocada, deve-se investigar as implicações da questão e não se é ou não é possível. Por isso, é da maior importância como abordas esta questão. Se a abordares a partir dos teus antecedentes limitados — e todo o condicionamento é limitado —, terás apenas uma compreensão parcial das implicações nisto. Deves chegar a esta questão de novo. Encontrarás então a futilidade da própria questão, porque, ao abordá-la de novo, verás que estas duas se encontram como dois caudais formando um rio formidável que é a tua vida, a tua vida diária de responsabilidade total.

É isto que estás a ensinar, percebendo que o professor tem a maior de todas as profissões? Estas não são meras palavras, mas uma realidade permanente, para não ser negligenciada. Se não sentes a verdade disto, então deverias realmente ter outra profissão, ou viverás nas ilusões que a humanidade criou para si própria.

Podemos então perguntar novamente: o que estás a ensinar e o que está o aluno a aprender? Estás a criar essa atmosfera estranha na qual a aprendizagem real ocorre? Se compreendeste a enormidade da responsabilidade e a beleza dela, então és totalmente responsável pelo estudante — pelo que ele veste, pelo que come, pelo seu modo de falar, e assim por diante.

Desta questão surge outra: o que é a aprendizagem? Provavelmente a maioria de nós nem sequer fez essa pergunta, ou se a fizemos, a nossa resposta veio da tradição, que é conhecimento acumulado, conhecimento que funciona com aptidão ou sem aptidão para ganhar o nosso sustento diário. Isto é o que tem sido ensinado, para o qual todas as escolas, faculdades e universidades habituais existem. O conhecimento predomina, o que é um dos nossos maiores

condicionamentos, e por isso o cérebro nunca está livre do conhecido. Está sempre a adicionar ao que já é conhecido e, assim, o cérebro é colocado numa camisa de forças do conhecido e nunca está livre para descobrir um modo de vida que possa não ser de todo baseado no conhecido. O conhecido cria um sulco largo ou estreito, e permanece-se nesse sulco pensando que há segurança nele; mas essa segurança é destruída pelo próprio conhecido finito. Este tem sido o modo da vida humana até agora.

Haverá então um modo de aprender que não faça da vida uma rotina, um sulco estreito? O que é então a aprendizagem? Devemos ser muito claros sobre os caminhos do conhecimento. Adquirimos conhecimento tecnológico e psicológico, e depois agimos a partir desse conhecimento; ou agimos, e a partir dessa ação adquirimos conhecimento. Ambos são aquisição de conhecimento. O conhecimento é sempre o passado. Haverá um modo de agir sem o peso enorme do conhecimento acumulado do homem? Há. Não é a aprendizagem como a temos conhecido; é pura observação.

Não é uma observação que seja contínua e que se torne depois memória, mas uma observação de momento a momento. O observador é a essência do conhecimento, e ele impõe ao que observa aquilo que adquiriu através da experiência e de várias formas de reação sensorial. O observador está sempre a manipular o que observa, e o que ele observa é sempre reduzido a conhecimento. Assim, ele está sempre preso na antiga tradição de formar hábitos.

Portanto, aprender é pura observação, não apenas das coisas fora de ti, mas também do que está a acontecer interiormente — observação sem o observador.

APRENDIZAGEM

O movimento todo da vida é aprendizagem

O movimento todo da vida é aprendizagem. Nunca há um momento em que não haja aprendizagem. Cada ação é um movimento de aprendizagem, e cada relacionamento é aprendizagem. A acumulação de conhecimento, a que se chama aprendizagem e a que

estamos tão habituados, é necessária até um ponto limitado, mas essa limitação impede-nos de nos compreendermos a nós próprios. O conhecimento é mensurável, mais ou menos, mas na aprendizagem não há medição. Isto é realmente muito importante de compreender, especialmente se se pretende captar o sentido pleno de uma vida religiosa. O conhecimento é memória, mas — se observares — o real, o agora não é memória. Na observação a memória não tem lugar. O real é o que está realmente a acontecer agora; o segundo depois é mensurável e é o caminho da memória.

Se estás interessado em observar o movimento de um inseto ou o que quer que te interesse, é necessária atenção. Esta atenção também não é mensurável. É responsabilidade do educador compreender toda a natureza e estrutura da memória, observar a sua limitação e ajudar o estudante a ver isto. Aprendemos com os livros ou com um professor que tem uma grande quantidade de informação sobre um assunto, e os nossos cérebros ficam cheios dessa informação. Essa informação é sobre coisas, sobre a natureza, sobre tudo o que está fora de nós; e quando queremos aprender sobre nós próprios, recorremos aos livros que falam sobre nós próprios. Assim, este processo continua infinitamente e, gradualmente, tornamo-nos seres humanos de segunda mão. Este é um facto observável em todo o mundo. E esta é a nossa educação moderna.

O ato de aprender, como assinalámos, é o ato de pura observação, e esta observação não é mantida dentro da limitação da memória. Aprendemos para ganhar a vida, mas nunca vivemos. A capacidade de ganhar a vida ocupa a maior parte da nossa vida; quase não temos tempo para outras coisas. Encontramos tempo para mexericos, para entretenimento, para jogar, mas tudo isto não é viver. Há um campo inteiro que é o viver real, que é totalmente negligenciado.

Para aprender a arte de viver é preciso ter lazer. A palavra lazer é grandemente mal compreendida. Geralmente, significa não estar ocupado com as coisas habituais que temos de fazer, tais como ganhar a vida, ir para o escritório ou para a fábrica, e assim por diante. Depois, só quando isso termina é que há lazer. Durante esse assim chamado lazer, queremos divertir-nos, queremos relaxar, queremos

fazer as coisas de que realmente gostamos ou que exigem a nossa capacidade mais elevada.

Ganhar a vida com o que quer que façamos está em oposição ao assim chamado lazer. Assim, há sempre tensão, esforço e o intento de escapar a essa tensão. Então, o lazer ocorre quando não temos tensão. Durante esse lazer pegamos num jornal, abrimos um romance, conversamos, jogamos, e assim por diante. Este é o facto real. É isto que está a acontecer em todo o lado.

Ganhar a vida é a negação do viver. O lazer, como é compreendido, é um alívio da pressão da subsistência. Consideramos geralmente que a pressão de ganhar a vida ou qualquer pressão que nos seja imposta é uma ausência de lazer. Há uma pressão muito maior em nós, consciente ou inconsciente, que é o desejo.

A escola é um lugar de lazer. É apenas quando se tem lazer que se pode aprender. Isto é, a aprendizagem só pode ocorrer quando não há qualquer tipo de pressão. Quando um perigo, como uma cobra, te confronta, há um tipo de aprendizagem a partir da pressão do facto desse perigo. A aprendizagem sob essa pressão é o cultivo da memória, que te ajudará a reconhecer o perigo futuro, e assim torna-se uma resposta mecânica.

O lazer implica que a mente não está ocupada. É apenas nessa altura que há um estado de aprendizagem. A escola é um lugar de aprendizagem, e não meramente um lugar para acumular conhecimento. Isto é realmente importante de compreender. Como dissemos, o conhecimento é necessário e tem o seu próprio lugar limitado na vida. Infelizmente, esta limitação devorou todas as nossas vidas e não temos espaço para aprender. Estamos tão ocupados a ganhar a nossa subsistência que isso consome toda a energia do mecanismo do pensamento, de modo que ficamos exaustos no fim do dia e precisamos de ser estimulados.

Recuperamos dessa exaustão através do entretenimento — religioso ou outro. Esta é a vida dos seres humanos. Os seres humanos criaram uma sociedade que exige todo o seu tempo, todas as suas energias, toda a sua vida. Não há lazer para aprender e, por isso, a vida torna-se mecânica, quase sem sentido. Portanto, devemos ser muito

claros na compreensão da palavra lazer: é um tempo, um período em que a mente não está ocupada com rigorosamente nada. É o tempo da observação. É apenas a mente não ocupada que pode observar. A observação livre é o movimento da aprendizagem. Isto liberta a mente de ser mecânica.

Assim, poderá o professor, o educador, ajudar o estudante a compreender todo este assunto de ganhar a vida com toda a sua pressão, a aprendizagem que te ajuda a adquirir um emprego com todos os medos e ansiedades acompanhantes e a olhar para o amanhã com pavor? Porque o professor compreendeu a natureza do lazer e da pura observação, poderá ele ajudar o estudante a ter uma mente não mecânica, de modo a que ganhar a vida não se torne um tormento, um grande sobressalto ao longo da vida?

É da absoluta responsabilidade do professor cultivar o florescimento da bondade no lazer. É por esta razão que as escolas existem. É responsabilidade do professor criar uma nova geração, mudar a estrutura social da sua total preocupação com o ganhar a vida. Nessa altura, ensinar torna-se um ato sagrado.

MUDANÇA RADICAL

A educação é o cultivo da responsabilidade total

Em cartas anteriores dissemos que a responsabilidade total é amor. Esta responsabilidade não é por uma nação particular ou por um grupo ou comunidade particular, ou por uma divindade particular, ou por alguma forma de programa político, ou pelo teu próprio guru, mas por toda a humanidade. Ter isto profundamente compreendido e sentido é responsabilidade do educador.

Quase todos nós nos sentimos responsáveis pelas nossas famílias e filhos, mas não temos o sentimento de estar totalmente preocupados e comprometidos com o ambiente ao nosso redor, com a natureza, ou de ser totalmente responsáveis pelas nossas ações. Esse cuidado absoluto é amor. Sem este amor, não pode haver mudança na sociedade. Os idealistas, embora possam amar o seu ideal ou o seu conceito, não trouxeram uma sociedade radicalmente diferente. Os

revolucionários, os terroristas, não mudaram fundamentalmente o padrão das nossas sociedades.

Os revolucionários fisicamente violentos falaram sobre a liberdade para todos os homens, formando uma nova sociedade, mas todo o jargão e *slogans* apenas torturaram ainda mais o espírito e a existência. Distorceram as palavras para servirem as suas próprias perspetivas limitadas. Nenhuma forma de violência mudou a sociedade da maneira mais fundamental. Grandes governantes, através da autoridade de alguns, trouxeram algum tipo de ordem à sociedade. Mesmo os totalitários estabeleceram, através da violência e da tortura, uma aparência superficial de ordem. Não estamos a falar de tal ordem na sociedade.

Estamos a dizer muito definitivamente e com a maior ênfase que é apenas ter um sentido de responsabilidade total por toda a humanidade, que é amor, que pode transformar basicamente o estado atual da sociedade. Os sistemas existentes em várias partes do mundo são corruptos, degenerados e totalmente imorais. Basta olhar ao teu redor para ver este facto. Milhões sobre milhões são gastos em armamento em todo o mundo; os políticos falam de paz enquanto se preparam para a guerra. As religiões declararam vezes sem conta a santidade da paz, mas encorajaram guerras e tipos subtis de violência e tortura. Há inumeráveis divisões e seitas com os seus rituais e todo o nonsense que continua em nome de Deus e da religião. Onde há divisão deve haver desordem, luta e conflito, quer a divisão seja religiosa, política ou económica. A nossa sociedade moderna baseia-se na ganância, na inveja e no poder.

Quando consideras tudo isto como realmente é, este comercialismo avassalador indica degeneração e imoralidade básica. Estamos a destruir a terra e todas as coisas nela para nossa gratificação. Mudar radicalmente este padrão da nossa vida, que é a base de toda a sociedade, é responsabilidade do educador.

A educação não é meramente o ensino de várias disciplinas académicas; é também o cultivo da responsabilidade total no estudante. As pessoas não percebem que um educador está a dar origem a uma nova geração. A maioria das escolas preocupa-se

apenas em transmitir conhecimento; não se preocupa de todo com a transformação do homem e da sua vida diária. Tu, o educador nestas escolas, precisas de ter esta profunda preocupação e o cuidado desta responsabilidade total.

De que maneira podes então ajudar o estudante a sentir esta qualidade de amor com toda a sua excelência? Se tu próprio não sentes isto, profundamente, falar de responsabilidade não tem sentido. Podes tu, enquanto educador, sentir a verdade disto?

Ver a verdade disto trará naturalmente este amor e responsabilidade total. Tens de ponderar sobre isso, observá-lo diariamente na tua vida, nas tuas relações com a tua mulher, com os teus amigos, com os teus estudantes. E no teu relacionamento com os estudantes falarás sobre isto a partir do teu coração, não procurando a mera clareza verbal. O sentimento por esta realidade é o maior dom que o homem pode ter. Assim que estiver a arder em ti, encontrarás a palavra certa, a ação certa e o comportamento correto. Quando consideras o estudante, verás que ele chega até ti totalmente despreparado para tudo isto.

Ele chega até ti assustado, nervoso, ansioso por agradar ou à defesa, condicionado pelos seus pais e pela sociedade em que viveu os seus escassos anos. Tens de ver os seus antecedentes; tens de te preocupar com o que ele realmente é e não impor-lhe as tuas próprias opiniões, conclusões e julgamentos. Considerar o que ele é revelará o que tu és e, assim, descobrirás que o estudante és tu.

Agora, podes tu, no ensino da matemática, da física, e assim por diante — que ele deve saber, pois esse é o modo de ganhar a vida —, transmitir ao estudante que ele é responsável pela totalidade da humanidade? De modo que, embora ele possa estar a trabalhar para a sua própria carreira, para o seu próprio modo de vida, isso não torne a sua mente estreita, e ele veja o perigo da especialização com todas as suas limitações e estranha brutalidade.

Tens de o ajudar a ver tudo isto. O florescimento da bondade não reside no conhecimento da matemática e da biologia ou em passar em exames e ter uma carreira de sucesso. Existe fora disso. Quando há este florescimento, a carreira e outras atividades necessárias são

tocadas pela sua beleza. Agora colocamos a ênfase numa coisa e desconsideramos o florescimento por completo.

Nestas escolas estamos a tentar juntar estas duas coisas, não artificialmente, não como um princípio ou padrão para tu seguires, mas porque ves a verdade absoluta de que estas duas devem fluir juntas para a regeneração do homem. Podes fazer isto? Não porque todos concordam em fazê-lo após discutirem e chegarem a uma conclusão, mas porque vês com um olho interior a extraordinária gravidade disto; vês por ti próprio. Nessa altura, o que dizes terá significado. Tornas-te então um centro de luz não aceso por outro. Como tu és a totalidade da humanidade — o que é uma realidade, não uma declaração verbal —, és inteiramente responsável pelo futuro do homem.

Por favor, não consideres isto um fardo. Se o fizeres, é um conjunto de palavras sem qualquer realidade; é uma ilusão. Esta responsabilidade tem a sua própria alegria, o seu próprio humor, o seu próprio movimento sem o peso do pensamento.

DILIGÊNCIA

A libertação da ocupação consigo
mesmo traz abundância de energia

Como estamos preocupados com a educação, há dois fatores que devemos ter em mente em todos os momentos. Um é a diligência e o outro é a negligência. A maioria das religiões falou sobre a necessidade de a atividade da mente ser controlada, moldada pela «vontade de Deus» ou por alguma entidade exterior. A devoção a alguma divindade feita pela mão ou pela mente precisa de uma certa qualidade de atenção na qual a emoção, o sentimento e a imaginação romântica estão envolvidos. Esta é a atividade da mente, que é o pensamento. A palavra diligência implica cuidado, vigilância, observação e um profundo sentido de liberdade. A devoção a um objeto, a uma pessoa ou a um princípio nega esta liberdade. A diligência é a atenção que traz naturalmente um cuidado infinito, preocupação e a frescura da afeição. Tudo isto exige grande sensibilidade. Fica-se sensível aos seus próprios desejos ou feridas

psicológicas, ou fica-se sensível a uma pessoa particular, observando os seus desejos e respondendo rapidamente às suas necessidades; mas esse tipo de sensibilidade é limitado e dificilmente se pode chamar sensível. A qualidade de sensibilidade de que estamos a falar surge naturalmente quando há responsabilidade total, que é amor. A diligência tem esta qualidade.

A negligência é indiferença, preguiça — indiferença em relação ao organismo físico, em relação ao estado psicológico e indiferença para com os outros. Na indiferença há insensibilidade. Neste estado a mente torna-se indolente, a atividade do pensamento abranda, a rapidez da perceção é negada e a sensibilidade é algo incompreensível. A maioria de nós é por vezes diligente, mas mais frequentemente negligente. Não são realmente opostos; se fossem, a diligência continuaria a ser negligência.

A maioria das pessoas é «diligente» no seu próprio interesse pessoal, quer esse interesse pessoal esteja identificado com a família, com um grupo particular, seita ou nação. Neste interesse pessoal está a semente da negligência, embora haja uma ocupação constante consigo mesmo. Esta ocupação é limitada e, por isso, é negligência. Esta ocupação é energia mantida dentro de uma fronteira estreita. A diligência é a libertação da ocupação consigo mesmo e traz uma abundância de energia. Quando se compreende a natureza da negligência, a outra passa a existir sem qualquer luta. Quando isto é plenamente compreendido — não apenas as definições verbais de negligência e diligência —, a mais elevada excelência no nosso pensamento, ação e comportamento manifestar-se-á.

Mas infelizmente nunca exigimos de nós próprios a mais elevada qualidade de pensamento, ação e comportamento. Quase nunca nos desafiamos a nós próprios e, se alguma vez o fazemos, temos várias desculpas para não responder plenamente. Não indicará isto uma indolência da mente, a fraca atividade do pensamento? O corpo pode ser preguiçoso, mas nunca a mente com a sua rapidez de pensamento e subtileza.

A preguiça do corpo pode ser facilmente compreendida. Esta preguiça pode dever-se ao facto de se estar sobrecarregado de trabalho

ou ter havido excessos, ou ter-se praticado desporto com demasiada intensidade. Portanto, o corpo requer descanso — o que pode ser considerado preguiça, embora não o seja. A mente vigilante, estando alerta, sensível, sabe quando o organismo precisa de descanso e cuidado.

Nas nossas escolas é importante compreender que a qualidade de energia que é a diligência requer o tipo certo de comida, o tipo certo de exercício e sono suficiente. O hábito, a rotina, é o inimigo da diligência — hábito de pensamento, de ação, de conduta. O próprio pensamento cria o seu próprio padrão e vive dentro dele. Quando esse padrão é desafiado, ou é desconsiderado ou o pensamento cria outro padrão de segurança.

Este é o movimento do pensamento — de um padrão para outro, de uma conclusão, uma crença, para outra. Esta é a própria negligência do pensamento. A mente que é diligente não tem hábitos; não tem padrão de resposta. É um movimento sem fim, nunca se fundindo num hábito, nunca ficando presa em conclusões. O movimento tem grande profundidade e volume quando não tem fronteira provocada pela negligência do pensamento.

Como estamos preocupados com a educação, de que maneira pode o professor transmitir esta diligência com a sua sensibilidade, com o seu cuidado abundante em que a preguiça do espírito não tem lugar? Claro que se entende que o educador está preocupado com esta questão e vê a importância da diligência ao longo dos dias da sua vida. Se está, então como começará ele a cultivar a flor da diligência? Está ele profundamente preocupado com o estudante? Assume ele realmente a responsabilidade total pelos jovens que estão a seu cargo? Ou está ali meramente para ganhar a vida? Como assinalámos, ensinar é a capacidade mais elevada do homem.

Estás ali e tens os estudantes à tua frente. Será que és indiferente? Será que os teus próprios problemas pessoais em casa estão a desperdiçar a tua energia? Carregar problemas psicológicos de dia para dia é um absoluto desperdício de tempo e energia, indicando negligência. Uma mente diligente enfrenta um problema assim que ele surge, observa a natureza dele e resolve-o imediatamente. O transporte

de um problema psicológico não resolve o problema. É um desperdício de energia e de espírito. Quando resolves os problemas à medida que surgem, descobrirás então que não há de todo problemas.

Assim, enquanto educador nestas ou em quaisquer outras escolas, podes cultivar esta diligência? É apenas nisto que o florescimento da bondade passa a existir. Fazer isto é a tua responsabilidade total e irrevogável; e nela está o amor que encontrará naturalmente um modo de ajudar o estudante.

SEGURANÇA

A escola é o lar do estudante

É importante que o professor se sinta económica e psicologicamente seguro nestas escolas. Alguns professores podem estar dispostos a ensinar sem grande preocupação pela sua posição económica; podem ter vindo pelos ensinamentos e por razões psicológicas, mas cada professor deve sentir-se seguro no sentido de estar em casa, de ser cuidado, sem preocupações financeiras. Se o professor não se sentir seguro e, portanto, não estiver livre para dar atenção ao estudante e à segurança do estudante, não será capaz de ser totalmente responsável. Se o professor não for feliz, a sua atenção estará dividida e ele será incapaz de exercer toda a sua capacidade.

Por isso é importante escolher os professores certos, convidando cada um a permanecer durante algum tempo nas nossas escolas para descobrir se ele ou ela pode juntar-se felizmente ao que está a ser feito. Isto deve ser mútuo. Depois o professor, estando feliz, seguro, sentindo que ele ou ela está em casa, pode criar no estudante este sentido de segurança, o sentimento de que a escola é o lar do estudante.

Sentir-se em casa implica que não há sentimento de medo, que o estudante está protegido fisicamente, cuidado e livre. Embora o estudante possa objetar à ideia de ser protegido, guardado, isso não significa que ele seja mantido numa prisão, confinado e observado criticamente. A liberdade obviamente não significa fazer o que se gosta, e é igualmente óbvio que nunca se pode fazer totalmente o que

se gosta. A tentativa de fazer o que se gosta — a chamada liberdade individual, que é escolher um curso de ação de acordo com o desejo de cada um — trouxe a confusão social e económica ao mundo. A reação a esta confusão é o totalitarismo.

A liberdade é um assunto muito complexo. Deve-se abordá-la com a máxima atenção, pois a liberdade não é o oposto da servidão, nem uma fuga às circunstâncias em que se está preso. Não é de algo, nem o evitar de uma limitação. A liberdade não tem oposto; é por si mesma. A própria compreensão da natureza da liberdade é o despertar da inteligência. Não é um ajustamento ao que é, mas a compreensão do que é e, assim, ir para além disso.

Se o professor não compreender a natureza da liberdade, apenas imporá os seus preconceitos, as suas limitações, as suas conclusões ao estudante. O estudante naturalmente resistirá ou aceitará isto através do medo, tornando-se um ser humano convencional, quer tímido quer agressivo. É apenas na compreensão desta liberdade de viver — não na ideia dela ou na aceitação verbal dela, que se torna um *slogan* — que a mente fica livre para aprender.

Uma escola, afinal de contas, é um lugar onde o estudante é basicamente feliz, não intimidado, não assustado por exames, não compelido a agir de acordo com um padrão, um sistema. É um lugar onde a arte de aprender está a ser ensinada. Se o estudante não for feliz, é incapaz de aprender esta arte.

Memorizar, registar informação, é considerado aprendizagem. Isto origina uma mente que é limitada e, portanto, pesadamente condicionada. A arte de aprender é dar o lugar certo à informação, agir com habilidade de acordo com o que é aprendido, mas ao mesmo tempo não estar preso psicologicamente pelas limitações do conhecimento e pelas imagens ou símbolos que o pensamento cria. A arte implica colocar tudo no seu devido lugar — mas não de acordo com algum ideal. Compreender o mecanismo dos ideais e conclusões é aprender a arte da observação. Um conceito reunido pelo pensamento, quer para o futuro quer de acordo com o passado, é um ideal; é uma ideia projetada ou uma recordação. É um jogo de

sombras, fazendo uma abstração do real. Esta abstração é um evitar do que está a acontecer agora. Esta fuga ao facto é a infelicidade.

Agora, podemos nós, enquanto professores, ajudar o estudante a ser feliz no sentido real? Podemos ajudá-lo a preocupar-se com o que está realmente a acontecer? Isto é atenção. O estudante a olhar para uma folha a esvoaçar ao sol está a ser atento. Forçá-lo a voltar ao livro naquele momento é desacorçoar a atenção; ao passo que ajudá-lo a observar essa folha plenamente o torna consciente da profundidade da atenção na qual não há distração. Da mesma maneira, porque ele acabou de ver o que a atenção implica, será capaz de se voltar para o livro ou para o que quer que esteja a ser ensinado. Nesta atenção não há compulsão, não há conformismo. É a liberdade na qual há observação total. Poderá o próprio professor ter esta qualidade de atenção? Só nessa altura poderá ajudar outro.

Na maior parte do tempo lutamos contra as distrações, mas não há distrações. Supõe que sonhas acordado ou que a tua mente está a vagabundear, é isso que está realmente a ocorrer. Observa isso. Essa observação é atenção. Portanto, não há distração.

Poderá isto ser ensinado aos estudantes? Poderá esta arte ser aprendida? És totalmente responsável pelo estudante. Deves criar esta atmosfera de aprendizagem, uma seriedade na qual haja um sentido de liberdade e felicidade.

COMPARAÇÃO

A imitação corrompe a mente

Como já assinalámos várias vezes nestas cartas, as escolas existem primordialmente para trazer uma profunda transformação nos seres humanos. O educador é totalmente responsável por isto. A menos que o professor perceba este fator central, estará meramente a instruir o estudante para se tornar um homem de negócios, um engenheiro, um advogado ou um político. Há tantos destes que parecem ser incapazes de transformar quer a si próprios quer a sua sociedade.

Talvez na atual estrutura da sociedade os advogados e os homens de negócios possam ser necessários, mas quando estas escolas passaram a existir a intenção era, e permanece, transformar a humanidade profundamente. Os professores nestas escolas deveriam realmente compreender isto, não intelectualmente, não como uma ideia, mas porque veem as plenas implicações disto com todo o seu ser. Estamos preocupados com o desenvolvimento total de um ser humano, não meramente com a acumulação de conhecimento.

Ideias e ideais são uma coisa, e o facto, o acontecimento real, é outra. Os dois nunca podem juntar-se. Ideais têm sido impostos sobre factos, e estes distorcem o que está a acontecer para se conformarem ao que deveria ser, o ideal. A utopia é uma conclusão tirada do que está a acontecer, e sacrifica o real para se conformar àquilo que foi idealizado. Este tem sido o processo ao longo de milénios, e cada estudante e todos os intelectuais deleitam-se com ideações. O evitar do que é é o início da corrupção da mente. Esta corrupção perpassa todas as religiões, a política e a educação, todo o relacionamento humano. A compreensão deste processo de evitar e ir para além dele é a nossa preocupação.

Os ideais corrompem a mente; eles nascem de ideias, julgamentos e esperança. Ideias são abstrações do que é, e qualquer ideia ou conclusão sobre o que está realmente a acontecer distorce o que está a acontecer, e assim a corrupção ocorre. Afasta a atenção do facto, do que é, e assim direciona a atenção para o fantasioso. Este movimento de afastamento do facto favorece símbolos, imagens, que assumem então uma importância avassaladora. Este movimento de afastamento do facto é corrupção da mente.

Os seres humanos entregam-se a este movimento na conversa, nos seus relacionamentos, em quase tudo o que fazem. O facto é instantaneamente traduzido numa ideia ou numa conclusão, que dita então as nossas reações. Quando algo é visto, o pensamento faz imediatamente uma contrapartida e essa torna-se o real. Vês um cão, e instantaneamente o pensamento volta-se para qualquer imagem que possas ter sobre cães, e assim nunca vês o cão.

Poderão os estudantes ser ensinados a permanecer com o facto, o acontecimento real agora, quer seja psicológica quer externamente? O conhecimento não é o facto; é sobre o facto, e isso tem o seu devido lugar, mas o conhecimento impede a perceção do que realmente é. Então a corrupção ocorre. Isto é realmente muito importante de compreender. Os ideais são considerados nobres, exaltados, de grande significado intencional, e o que está realmente a acontecer é considerado meramente sensorial, mundano e de menor valor. As escolas em todo o mundo têm algum propósito exaltado, ideal; por isso estão a educar os estudantes na corrupção.

O que corrompe a mente? Estamos a usar a palavra mente para implicar os sentidos, a capacidade de pensar, e o cérebro que armazena todas as memórias e experiências como conhecimento. Este movimento total é a mente. O consciente assim como o inconsciente, a chamada superconsciência, a totalidade disto é a mente. Estamos a perguntar quais são os fatores, as sementes da corrupção em tudo isto. Dissemos que os ideais corrompem. O conhecimento também corrompe a mente.

O conhecimento, particular ou extensivo, é o movimento do passado, e quando o passado obumbra o real, a corrupção ocorre. O conhecimento, projetado no futuro e direcionando o que está a acontecer agora, é corrupção. Estamos a usar a palavra corrupção para significar aquilo que está a ser fragmentado, aquilo que não é tomado como um todo. O facto nunca pode ser fragmentado; o facto nunca pode ser limitado pelo conhecimento. A plenitude do facto abre a porta para o infinito. A plenitude não pode ser dividida; não é contraditória consigo mesma; não se pode dividir a si própria. A plenitude, a totalidade, é movimento infinito.

A imitação, o conformismo, é um dos grandes fatores de corrupção da mente. O exemplo — o herói, o salvador, o guru — é o fator de corrupção mais destrutivo. Seguir, obedecer, conformar-se, nega a liberdade. A liberdade existe desde o início, não no fim. Não é conformar-se, imitar, aceitar primeiro e depois, eventualmente, encontrar a liberdade. Esse é o espírito do totalitarismo; essa é a crueldade, a tirania do ditador, da autoridade, do guru ou do padre.

Portanto, a autoridade é corrupção. A autoridade é a fragmentação da integridade, do todo, do completo, quer seja a autoridade de um professor numa escola, a autoridade de uma instituição ou a autoridade de um propósito, de um ideal, daquele que diz «eu sei». A pressão da autoridade sob qualquer forma é o factor distorcedor da corrupção. A autoridade basicamente nega a liberdade. É função de um verdadeiro professor instruir, apontar, informar, sem a influência corruptora da autoridade.

A autoridade da comparação destrói. Quando um estudante é comparado com outro, ambos estão a ser feridos. Viver sem comparação é ter integridade. Farás tu, o professor, isto?

FERIDAS PSICOLÓGICAS

A educação serve para libertar
a mente da energia limitada do «eu»

Parece que os seres humanos têm enormes quantidades de energia. Foram à Lua, escalaram os picos mais altos da Terra. Tiveram uma energia prodigiosa para as guerras, para os instrumentos de guerra, e uma grande energia para o desenvolvimento tecnológico. A humanidade teve energia para acumular vasto conhecimento, para construir as pirâmides, para explorar o átomo e para trabalhar todos os dias. Quando se considera tudo isto, é marcante perceber a energia gasta. Esta energia tem sido canalizada para a investigação de coisas externas, mas o homem tem dedicado muito pouca energia a investigar toda a sua própria estrutura psicológica. A energia é necessária, tanto externa como interiormente, para agir — ou para estar totalmente em silêncio. A ação e a não-ação exigem grande energia. Temos usado energia «positiva» nas guerras, a escrever livros, a realizar cirurgias e a trabalhar debaixo dos mares.

A não-ação exige muito mais do que a chamada ação positiva. Ação positiva é controlar, apoiar, escapar. A não-ação é a atenção total da observação. Nesta observação, aquilo que está a ser observado sofre uma transformação. Esta observação silenciosa exige não apenas energia física, mas também uma profunda energia psicológica. Estamos habituados à primeira, e este condicionamento limita a nossa

energia. Numa observação completa e silenciosa, que é a não-ação, não há gasto de energia e, portanto, a energia é ilimitada.

A não-ação não é o oposto da ação. Ir trabalhar diariamente, ano após ano durante tantos anos, o que pode ser necessário tal como as coisas estão, limita; mas o não-trabalhar não significa que terás uma energia sem limites. A própria indolência da mente é um desperdício de energia, tal como a preguiça do corpo. A nossa educação em todos os campos estreita esta energia. O nosso modo de vida, que é uma luta constante para se tornar ou não se tornar, é a dissipação de energia.

A energia é intemporal e não deve ser medida, mas as nossas ações são mensuráveis e, por isso, reduzimos esta energia ilimitada ao círculo estreito do «eu». Tendo-a confinado, procuramos então o imensurável. Esta busca faz parte da ação positiva e é, portanto, um desperdício de energia psicológica. Assim, há um movimento interminável dentro dos arquivos do «eu».

O que nos preocupa na educação é libertar a mente do «eu». Como dissemos em várias ocasiões nestas cartas, é nossa função dar origem a uma nova geração livre desta energia limitada a que se chama o «eu». Deve ser repetido novamente que estas escolas existem para realizar isto.

Numa carta anterior falámos sobre a corrupção da mente. A raiz desta corrupção é o «eu». O «eu» é a imagem, o retrato, a palavra que é passada de geração em geração; e há que lutar com o peso da tradição do «eu». É o facto que deve ser observado, não a consequência do facto ou como o facto passou a existir; estes últimos são razoavelmente fáceis de explicar, mas observar o facto com todas as suas reações, sem motivo que distorça o facto, é ação negativa. Isto transforma então o facto. É importante compreender isto muito profundamente — não agir sobre o facto, mas observar o que é.

Cada ser humano está ferido, quer psicológica quer fisicamente. É comparativamente fácil lidar com a dor física, mas a dor psicológica permanece oculta. A consequência da ferida psicológica é construir uma parede ao redor de si mesmo, resistir a dor futura e, assim, ficar amedrontado ou retirar-se para o isolamento. A ferida foi causada pela imagem do «eu» com a sua energia limitada. Porque é limitada, é

ferida. Aquilo que não é mensurável nunca pode ser danificado, nunca pode ser corrompido. Qualquer coisa que seja limitada pode ser ferida, mas aquilo que é todo está fora do alcance do pensamento.

Poderá o educador ajudar o estudante a nunca ser ferido psicologicamente, não apenas enquanto faz parte da escola, mas ao longo de toda a sua vida? Se o educador ver o grande dano que vem deste ferimento, como educará ele então o estudante? O que fará ele realmente para ver que o estudante nunca seja ferido ao longo da sua vida? O estudante chega à escola já tendo sido ferido. Provavelmente está inconsciente deste ferimento. O professor, ao observar as reações do estudante, os seus medos e agressividade, descobrirá o dano que foi feito. Portanto, ele tem dois problemas: libertar o estudante do dano passado e prevenir feridas futuras.

É esta a tua preocupação? Ou lês meramente esta carta, compreende-la intelectualmente, o que não é de todo compreensão, e por isso não estás preocupado com o estudante? Se estás preocupado, como deverias estar, o que farás com o facto de ele estar ferido e de que deves evitar a todo o custo quaisquer ferimentos futuros? Como abordas este problema? Qual é o estado da tua mente quando enfrentas este problema? É também o teu problema, não apenas o do estudante. Tu estás ferido e o estudante também. Portanto, estão ambos envolvidos, não é um problema unilateral; tu estás tão envolvido quanto o estudante. Este envolvimento é o fator central que deves enfrentar, observar. Meramente ter o desejo de estar livre das tuas feridas passadas e esperar nunca mais ser ferido é um desperdício de energia. A atenção completa, a observação deste facto, não só contará a história da própria ferida, mas a própria atenção dissipa, apaga o ferimento. Portanto, a atenção é a vasta energia que nunca pode ser ferida ou corrompida.

Por favor, não aceites o que é dito nestas cartas. A aceitação é a destruição da verdade. Testa-o, não numa data futura qualquer, mas testa-o à medida que lês esta carta. Quando o testares, não casualmente, mas com todo o teu coração e ser, descobrirás então por ti próprio a verdade da questão. E só nessa altura serás capaz de ajudar o estudante a apagar o passado e a ter uma mente incapaz de ser ferida.

HÁBITO

O hábito torna a mente insensível

Estas cartas são escritas num espírito amigável. Não se destinam a dominar o teu modo de pensar ou a persuadir-te a conformar-te com o modo como o autor pensa ou sente. Não são propaganda. É realmente um diálogo entre ti e o autor, como dois amigos a conversar sobre os seus problemas, e numa boa amizade nunca há qualquer sentido de competição ou dominação. Tu também deves ter observado o estado do mundo e da nossa sociedade e visto que deve haver uma transformação radical no modo como os seres humanos vivem, no seu relacionamento uns com os outros, no seu relacionamento com o mundo como um todo e em todos os modos possíveis.

Estamos a falar um com o outro, estando ambos profundamente preocupados não apenas connosco próprios em particular, mas também com os estudantes pelos quais és totalmente responsável.

O professor é a pessoa mais importante numa escola, pois dele ou dela depende o bem-estar futuro da humanidade. Isto não é uma mera declaração verbal. Isto é um facto absoluto e irrevogável. Apenas quando o próprio educador sentir a dignidade e o respeito implícitos no seu trabalho estará consciente de que ensinar é a vocação mais elevada, superior à do político, superior à dos príncipes do mundo. O autor quer dizer cada palavra disto, por isso, por favor, não afastes isto como um exagero ou uma tentativa de te fazer sentir uma falsa importância. Tu e os estudantes devem florescer juntos na bondade.

Temos vindo a apontar os fatores corruptores ou degenerativos da mente. Como a sociedade se está a desintegrar, estas escolas devem ser centros para a regeneração da mente. Não do pensamento. O pensamento nunca pode ser regenerado, pois o pensamento é sempre limitado; mas a regeneração da totalidade da mente é possível. Esta possibilidade não é conceptual, mas real, quando se examinou profundamente os caminhos da degeneração. Em cartas anteriores explorámos alguns destes caminhos.

Devemos agora investigar a natureza destrutiva da tradição, do hábito e dos caminhos repetitivos do pensamento. Seguir, aceitando a tradição, parece dar uma certa segurança à vida de alguém, tanto à vida exterior como à interior. A busca de segurança por todos os meios possíveis tem sido o motivo, a força motriz da maioria das nossas ações. A exigência de segurança psicológica obumbra a de segurança física e, assim, torna a segurança física incerta. Esta segurança psicológica é a base da tradição passada de uma geração para outra através de palavras, através de rituais, crenças — quer religiosas, políticas ou sociológicas. Raras vezes questionamos a norma aceite, mas quando questionamos caímos invariavelmente numa armadilha num novo padrão.

Este tem sido o nosso modo de vida: rejeitar uma coisa e aceitar outra. O novo é mais sedutor e o antigo é deixado para a geração que passa; mas ambas as gerações estão presas em padrões, em sistemas. Este é o movimento da tradição. A própria palavra implica conformismo, quer a tradição seja moderna quer antiga. Não há tradição boa ou má, há apenas tradição, a vã repetição de rituais em todas as igrejas, templos e mesquitas. São inteiramente desprovidos de sentido, mas a emoção, o sentimento, o romantismo, a imaginação emprestam-lhes cor e ilusão.

Esta é a natureza da superstição, e cada sacerdote no mundo a encoraja. Este processo de se comprazer em coisas que não têm sentido, ou investir em coisas que não têm significado, é um desperdício de energia, o que degenera a mente. Há que estar profundamente consciente destes factos. Essa própria atenção dissolve todas as ilusões.

Depois há o hábito. Não há hábitos bons ou maus, apenas hábito. Hábito implica uma ação repetitiva que surge do facto de não se estar consciente. Cai-se em hábitos deliberadamente, ou é-se persuadido através de propaganda; ou, tendo medo, cai-se em reflexos de autoproteção. O mesmo acontece com o prazer. Seguir uma rotina, por mais eficaz ou necessária que possa ser na vida diária, conduz geralmente a um modo mecânico de viver. Pode-se fazer a mesma coisa à mesma hora todos os dias sem que isso se torne um hábito, quando há uma consciência do que se está a fazer.

A atenção dissipa o hábito. É apenas quando não há atenção que os hábitos são formados. Podes levantar-te à mesma hora todas as manhãs e sabes por que te estás a levantar. Esta consciência pode parecer a outro como um hábito, bom ou mau, mas na verdade para aquele que está consciente, que está atento, não há de todo hábito. Caímos em hábitos psicológicos ou de rotina porque pensamos que é o modo mais confortável de viver. Quando observas de perto, mesmo com os hábitos formados nos relacionamentos, pessoais ou outros, há uma certa qualidade de indolência, descuido e desconsideração. Tudo isto dá um falso sentido de intimidade, segurança e conduz a uma crueldade fácil.

Há perigo em cada hábito — o hábito de fumar, a ação repetitiva, no emprego de palavras, pensamento ou comportamento. Isto torna a mente inteiramente insensível; e o processo degenerativo consiste em encontrar alguma forma de segurança ilusória, tal como uma nação, uma crença ou um ideal, e apegar-se a ela. Todos estes fatores são muito destrutivos para a verdadeira segurança. Vivemos num mundo de faz-de-conta, que se tornou uma realidade. Questionar esta ilusão é tornar-se um revolucionário ou abraçar a permissividade. Ambos estes são fatores de degeneração.

Afinal de contas, o cérebro com as suas capacidades extraordinárias tem sido condicionado de geração em geração a aceitar esta segurança falaciosa, que se tornou agora um hábito profundamente enraizado. Para quebrar este hábito, passamos por várias formas de tortura, múltiplas fugas, ou atiramo-nos para alguma utopia idealista. É o problema do educador investigar, e a sua capacidade criativa reside em observar muito de perto o seu condicionamento profundamente enraizado e o do estudante. Este é um processo mútuo; não se trata de investigar primeiro o teu condicionamento e depois informar o outro das tuas descobertas. Exploram juntos e encontram a verdade da questão. Isto exige uma certa qualidade de paciência, não a paciência do tempo, mas a perseverança e o cuidado diligente da responsabilidade total.

BELEZA

O movimento do pensamento não é beleza

Tornamo-nos excessivamente astutos. Os nossos cérebros foram treinados para serem verbal e intelectualmente muito brilhantes. Estão atulhados com uma grande quantidade de informação, e usamos isto para carreiras lucrativas. Uma pessoa astuta, intelectual, é elogiada, honrada. Tais pessoas parecem usurpar todos os lugares importantes no mundo; têm poder, posição, prestígio; mas a sua astúcia trai-las no fim. Nos seus corações nunca sabem o que é o amor ou a profunda caridade e generosidade, pois estão encerradas na sua vaidade e arrogância. Este tornou-se o padrão de todas as escolas altamente dotadas. Um rapaz ou uma rapariga numa escola convencional fica preso na civilização moderna e perde-se para toda a beleza da vida.

Quando deambulas por bosques com sombras densas e luz matizada e subitamente te deparas com um espaço aberto, um prado verde cercado por árvores imponentes, ou um riacho cintilante, perguntas-te por que motivo o homem perdeu o seu relacionamento com a natureza e com a beleza da terra, com a folha caída e com o ramo partido. Se perdeste o contacto com a natureza, perderás então inevitavelmente o relacionamento com outro. A natureza não é apenas as flores, o belo relvado verde ou as águas correntes no teu pequeno jardim, mas a Terra inteira com todas as coisas nela. Consideramos que a natureza existe para nosso uso, para nossa conveniência, e assim perdemos a comunhão com a Terra. A sensibilidade à folha caída e à árvore alta numa colina é muito mais importante do que todas as passagens em exames e o ter uma carreira brilhante. Essas coisas não são a totalidade da vida. A vida é como um vasto rio com um grande volume de água sem um início ou um fim. Tiramos desse caudal rápido um balde de água, e essa água confinada torna-se a nossa vida. Este é o nosso condicionamento e o nosso eterno sofrimento.

O movimento do pensamento não é beleza. O pensamento pode criar o que parece ser belo — a pintura, a figura de mármore ou um belo poema —, mas isto não é beleza. A beleza é a suprema sensibilidade, não no sentido das próprias dores e ansiedades de alguém, mas abrangendo toda a existência da humanidade. Há beleza apenas quando o caudal do «eu» secou completamente. Quando o

«eu» não é, a beleza é. Com o abandono de si mesmo, a paixão da beleza passa a existir.

Temos estado a conversar juntos nestas cartas sobre a degeneração da mente. Apontámos para o teu exame e investigação alguns dos caminhos desta deterioração. Uma das suas atividades básicas é o pensamento. O pensamento é uma fragmentação da totalidade da mente. O todo contém a parte, mas a parte nunca pode ser aquilo que é completo. O pensamento é a parte mais ativa da nossa vida. O sentimento vai com o pensamento. Essencialmente são um só, embora tendamos a separá-los. Tendo-os separado, damos grande importância ao sentimento, ao afeto, ao romantismo e à devoção; mas o pensamento, como um fio num colar, tece-se através de todos eles, oculto, vivo, controlando e moldando. Está sempre lá, embora gostemos de pensar que as nossas emoções profundas são essencialmente diferentes. Nisto reside uma grande ilusão, um engano que é altamente considerado e conduz à desonestidade.

Como dissemos, o pensamento é a realidade da nossa vida diária. Todos os chamados livros sagrados são produto do pensamento. Podem ser venerados como revelação, mas são essencialmente pensamento. O pensamento reuniu a turbina e os grandes templos da Terra, o foguetão e a inimizade nos homens. O pensamento tem sido responsável pelas guerras, pela linguagem que se usa e pela imagem feita pela mão ou pela mente. O pensamento domina o relacionamento.

O pensamento descreveu o que é o amor, os céus e a dor da miséria. O homem adora o pensamento, admira as suas subtilezas, a sua astúcia, a sua violência, as suas crueldades em nome de uma causa. O pensamento trouxe grandes avanços na tecnologia e com eles uma capacidade de destruição. Esta tem sido a história do pensamento, repetida ao longo dos séculos.

Por que razão a humanidade deu tão extraordinária importância ao pensamento? Será porque, mesmo sendo ativado através dos sentidos, é a única coisa que temos? Será porque o pensamento tem sido capaz de dominar a natureza, dominar os seus arredores, e trouxe alguma segurança física? Será porque é o maior instrumento através

do qual o homem opera, vive e retira benefícios? Será porque o pensamento fez os deuses, os salvadores, a superconsciência — esquecendo a ansiedade, o medo, o sofrimento, a inveja, a culpa? Será porque mantém as pessoas unidas como nações, como grupos, como seitas? Será porque oferece esperança a vidas sombrias? Será porque dá uma abertura para escapar dos modos diários e aborrecidos das nossas vidas?

Será porque, não sabendo o que é o futuro, oferece a segurança do passado, na sua arrogante insistência na experiência? Será porque há estabilidade no conhecimento, o evitar do medo na certeza do conhecido? Será porque o pensamento em si mesmo assumiu uma posição invulnerável, tomando uma posição contra o desconhecido? Será porque o amor é inexplicável, não mensurável, enquanto o pensamento é medido e resiste ao movimento imutável do amor?

Nunca questionámos a própria natureza do pensamento. Aceitámos o pensamento como algo tão inevitável como os nossos olhos e as nossas pernas. Nunca sondámos até à própria profundidade do pensamento e, porque nunca o questionámos, ele assumiu a proeminência. É o tirano da nossa vida, e os tiranos raras vezes são desafiados.

Assim, enquanto educadores, vamos expô-lo à luz brilhante da observação. A luz da observação não só dissipa instantaneamente a ilusão, como a clareza da sua luz revela o mais pequeno detalhe daquele que está a ser observado. Como dissemos, a observação não é feita a partir de um ponto fixo, de uma crença, preconceito ou conclusão. A opinião é um assunto bastante medíocre e o mesmo acontece com a experiência. O homem de experiência é uma pessoa perigosa porque está preso na prisão do seu próprio conhecimento.

Assim, podes observar com uma clareza extraordinária o movimento todo do pensamento? Esta luz é liberdade. Isto não significa que a tenhas capturado e empregado para tua conveniência e benefício. A própria observação do pensamento é a observação do teu ser inteiro, e este próprio ser é construído pelo pensamento. Como o pensamento é finito, limitado, assim és tu.

CAPACIDADE

A capacidade é limitada pelo desejo

Continuamos preocupados com a totalidade da mente. A mente inclui os sentidos, as emoções erráticas, a capacidade do cérebro e o pensamento eternamente irrequieto. Tudo isto é a mente, incluindo vários atributos da consciência. Quando a mente inteira está em operação, é ilimitada; tem grande energia e ação sem a sombra de lamento e sem a promessa de recompensa. Esta qualidade de mente, esta totalidade, é a inteligência. Poderá isto ser transmitido ao estudante e poderá ele ou ela ser ajudado a captar o seu significado rapidamente? Certamente que é responsabilidade do educador realizar isto.

A capacidade do pensamento é moldada e controlada pelo desejo, pelo que a capacidade é estreitada. Esta capacidade é limitada pelo movimento do desejo. O desejo é a essência da sensação. A ambição limita a capacidade do cérebro, que é o pensamento. Esta capacidade é restrita por exigências sociais e económicas ou pela própria experiência e motivo. É estreitada por um ideal, pelas sanções de várias crenças religiosas, pelo medo sem fim. O medo não é separado do prazer.

O desejo, a essência da sensação, é moldado pelo ambiente, pela tradição, pelas nossas próprias inclinações e temperamento, e assim a capacidade ou a ação que exige energia total é condicionada de acordo com o nosso conforto e prazer. O desejo é um fator imperioso nas nossas vidas, para não ser suprimido ou evitado, para não ser lisonjeado e argumentado, mas sim para ser compreendido. Esta compreensão só pode passar a existir através da investigação do desejo e da observação do seu movimento. Conhecendo o fogo impulsionador do desejo, a maioria das proibições religiosas e sectárias fez dele algo que tem de ser suprimido, controlado ou renunciado — entregue, por assim dizer —, a uma divindade ou princípio. Os inumeráveis votos que as pessoas fizeram para negar totalmente o desejo não o queimaram de modo algum. Ele está lá.

Por isso devemos abordá-lo de forma diferente, tendo em mente que a inteligência não é despertada pelo desejo. O desejo de ir à Lua

traz um enorme conhecimento técnico, mas esse conhecimento é inteligência limitada. O conhecimento é sempre especializado e, portanto, incompleto; mas estamos a falar da inteligência, que é o movimento da totalidade da mente. É com esta inteligência que estamos preocupados e com o seu despertar, quer no educador quer no estudante.

Como dissemos anteriormente, a capacidade é limitada pelo desejo. O desejo é sensação: a sensação de novas experiências, de novas formas de excitação, a sensação de escalar os picos mais altos da Terra, a sensação de poder, de estatuto. Tudo isto limita a energia do cérebro. O desejo dá a ilusão de segurança, e o cérebro, que precisa de segurança, encoraja e sustenta todas as formas de desejo. Se não compreendermos o lugar do desejo, ele traz a degeneração da mente. Isto é realmente importante de compreender. O pensamento é o movimento deste desejo. A curiosidade para descobrir é impulsionada por um desejo de maiores sensações e pela certeza ilusória de segurança. A curiosidade trouxe a enorme quantidade de conhecimento que tem a sua importância na nossa vida diária. A curiosidade tem significado na observação.

O pensamento pode ser o fator central da degeneração da mente, ao passo que a visão intuitiva abre a porta para a totalidade da ação. Iremos a fundo no significado pleno da visão intuitiva noutra carta, mas por agora devemos considerar se o pensamento é destrutivo para a totalidade da mente. Fizemos a declaração de que o é, mas não a aceites até a teres examinado profunda e livremente.

O que queremos dizer com a totalidade da mente é a capacidade infinita e o vazio total nos quais existe uma energia imensurável. O pensamento, pela sua própria natureza limitada, impõe a sua profundeza estreita ao todo, e por isso o pensamento está sempre na linha da frente. O pensamento é limitado porque é o resultado da memória e do conhecimento acumulado através da experiência. O conhecimento é o passado; aquilo que foi é sempre limitado. A recordação pode projetar um futuro, mas esse futuro está atado ao passado. Portanto, o pensamento é sempre limitado. O pensamento é mensurável — o mais e o menos, o maior e o menor. Esta medição é o movimento do tempo: eu fui, eu serei. Quando o pensamento

predomina, por mais subtil, astuta e vitalmente que o faça, perverte a totalidade. Mas nós demos ao pensamento a maior importância.

Se se puder perguntar, depois de ter lido esta carta, captaste o significado da natureza do pensamento e da totalidade da mente? Se captaste, podes transmitir isto ao estudante, que é a tua responsabilidade total? Esta é uma questão difícil. Se não tens luz, não podes ajudar outro a tê-la. Podes explicar muito claramente ou defini-la em palavras escolhidas, mas isso não terá a paixão da verdade.

VISÃO INTUITIVA E HONESTIDADE

Qual é o desejo ou pensamento honesto, e qual não é?

Qualquer forma de conflito, de luta, corrompe a mente — sendo a mente a totalidade de toda a nossa existência. Esta qualidade é destruída quando há qualquer tipo de fricção, qualquer tipo de contradição. Como a maioria de nós vive num estado perpétuo de contradição e conflito, esta falta de plenitude favorece a degeneração. Estamos preocupados aqui em descobrir por nós próprios se é de todo possível pôr fim a estes fatores degenerativos.

Talvez a maioria de nós nunca tenha pensado sobre isto; aceitámo-lo como um modo de vida normal. Convencemo-nos de que o conflito, tal como a competição, traz crescimento, e temos várias explicações para isto — a árvore luta na floresta pela luz; o bebé recém-nascido luta pelo ar; a mãe passa pelos trabalhos do parto para dar à luz. Estamos condicionados a aceitar isto e a viver deste modo. Este tem sido o modo da nossa vida durante gerações, e qualquer sugestão de que talvez possa haver um modo de vida sem conflito parece bastante incrível. Podes escutar isto como algum nonsense idealista, ou rejeitá-lo imediatamente, mas nunca consideras se há algum significado na declaração de que é possível viver uma vida sem uma sombra de conflito. Quando estás preocupado com a integridade e com a responsabilidade de dar origem a uma nova geração, que enquanto educadores é a única função que tens, podes investigar este facto? E no próprio processo de educar, podes transmitir ao estudante o que estás a descobrir por ti próprio?

O conflito sob qualquer forma é uma indicação de resistência. Num rio de caudal rápido não há resistência; ele flui ao redor de grandes rochedos, através de aldeias e cidades. O homem controla-o para o seu próprio propósito. Afinal de contas, não implicará a liberdade a ausência da resistência que o pensamento construiu ao seu redor?

A honestidade é um assunto muito complexo. Quando alguém diz a si mesmo que tem de ser honesto, será isso possível? Sobre o que és honesto e por que razão? Podes ser honesto contigo próprio e assim ser justo para com outro? Será a honestidade uma questão de ideais? Poderá um idealista ser alguma vez honesto? Ele está a viver num futuro esculpido a partir do passado; está preso entre aquilo que foi e aquilo que deveria ser, e por isso nunca pode ser honesto. Tu és o centro de várias atividades por vezes contraditórias, de vários pensamentos, sentimentos e desejos que estão sempre em oposição uns aos outros.

Qual é o desejo ou pensamento honesto, e qual não é? Estas não são meras perguntas retóricas ou argumentos astutos. É muito importante descobrir o que significa ser totalmente honesto, porque vamos lidar com a visão intuitiva e com o imediatismo da ação. É absolutamente importante, se quisermos captar a profundeza do significado da visão intuitiva, ter a qualidade de integridade completa, ter essa integridade que é a honestidade do todo.

Alguém pode sentir-se honesto quanto a um ideal, a um princípio ou a uma crença enraizada. Certamente que isto não é honestidade. A honestidade só pode existir quando não há conflito de dualidade, quando o oposto não existe. Há escuridão e luz, noite e dia; há homem, mulher, o alto, o baixo, e assim por diante, mas é o pensamento que os torna opostos, que os coloca em contradição. Estamos a expressar a contradição psicológica que a humanidade cultivou. O amor não é o oposto do ódio ou do ciúme. Se o fosse, não seria amor. A humildade não é o oposto da vaidade ou do orgulho e da arrogância. Se o fosse, continuaria a fazer parte da arrogância e do orgulho e por isso não poderia ser humildade. A humildade está totalmente divorciada de tudo isto. Uma mente que é humilde está

inconsciente da sua humildade. Portanto, a honestidade não é o oposto da desonestidade.

Pode-se ser sincero na sua crença ou no seu conceito, mas essa sinceridade gera conflito; e onde há conflito não há honestidade. Por isso perguntamos se podes ser honesto contigo próprio. Tu próprio és uma mistura de muitos movimentos que se cruzam, que se dominam e que raras vezes fluem juntos. Quando todos estes movimentos fluem juntos, há então honestidade. Há separação entre o consciente e o inconsciente, Deus e o diabo. O pensamento trouxe estas divisões e o conflito que existe entre estas divisões. A bondade não tem oposto.

Com esta nova compreensão do que é a honestidade, podemos prosseguir com a investigação sobre o que é a visão intuitiva. Isto é absolutamente importante porque esse pode ser o fator para revolucionar a nossa ação e trazer uma transformação no próprio cérebro. Dissemos que o nosso modo de vida se tornou mecânico — o passado com toda a experiência e conhecimento acumulados, que é a fonte do pensamento, está a direcionar, a moldar toda a ação. O passado e o futuro estão inter-relacionados e são inseparáveis, e o próprio processo de pensar baseia-se nisto.

O pensamento é para sempre limitado, finito. Embora possa pretender alcançar o céu, esse próprio céu está dentro da estrutura do pensamento. A memória é mensurável, tal como o tempo. Este movimento do pensamento nunca pode ser fresco, novo, original. Portanto, a ação baseada no pensamento deve ser para sempre fragmentada, incompleta, contraditória. Todo este movimento do pensamento deve ser profundamente compreendido, incluindo o seu lugar relativo a prover às necessidades da vida e às coisas que devem ser lembradas. O que é então a ação que não é a continuação da recordação? É a visão intuitiva.

A visão intuitiva não é a dedução cuidadosa do pensamento, o processo analítico do pensamento ou a natureza do tempo que vincula a memória. É a perceção instantânea sem o percebedor. A partir desta visão intuitiva, a ação ocorre. A partir desta visão intuitiva a explicação de qualquer problema é precisa, final e verdadeira. Não há lamentações, não há reações. É absoluta.

Não pode haver visão intuitiva sem a qualidade do amor. A visão intuitiva não é um assunto intelectual para ser discutido. Este amor é a forma mais elevada de sensibilidade quando todos os sentidos estão a florescer juntos. Sem esta sensibilidade — que não é para com os próprios desejos, problemas e toda a pequenez da vida —, a visão intuitiva é obviamente inteiramente impossível.

A visão intuitiva é holística. Holístico implica o todo, a totalidade da mente. A mente é toda a experiência da humanidade, incluindo o vasto conhecimento acumulado com as suas competências técnicas, com os seus sofrimentos, ansiedade, dor, pesar e solidão. Mas a visão intuitiva está para além de tudo isto. A libertação do sofrimento, do pesar, da solidão é essencial para que a visão intuitiva exista. A visão intuitiva não é um movimento contínuo. Não pode ser capturada pelo pensamento. A visão intuitiva é a inteligência suprema, e esta inteligência emprega o pensamento como uma ferramenta. A visão intuitiva é inteligência com a sua beleza e amor; eles são realmente inseparáveis; são na verdade um só. Este é o todo, que é o mais sagrado.

DESEJO E DESORDEM

Podem os sentidos ser supremamente
ativos sem a intervenção do desejo?

A escola é onde se aprende não apenas o conhecimento necessário para a vida diária, mas também a arte de viver com todas as suas complexidades e subtilezas. Parecemos esquecer isto e ficar totalmente presos na superficialidade do conhecimento. O conhecimento é sempre superficial. Aprender a arte de viver não é considerado necessário; viver não é considerado uma arte. Quando se sai da escola, para-se de aprender e continua-se a viver daquilo que se acumulou como conhecimento. Nunca consideramos que a vida é um processo inteiro de aprendizagem. À medida que se observa a vida, o viver diário é uma constante mudança e movimento, e a mente de alguém não é suficientemente rápida e sensível para seguir as suas

subtilezas. Chega-se a ela com reações e fixações pré-fabricadas. Poderá disto ser evitado nestas escolas?

Isto não significa que se deva ter uma mente aberta. Geralmente a mente aberta é como um crivo que retém pouco ou nada. É uma mente capaz de perceção rápida e ação rápida que é necessária. É por isso que fomos ao assunto da visão intuitiva com a sua imediatismo de ação. A visão intuitiva não deixa a cicatriz da memória. Geralmente, a experiência, tal como é compreendida, deixa o seu resíduo como memória, e a partir deste resíduo age-se. A ação fortalece o resíduo e, assim, a ação torna-se mecânica. A visão intuitiva não é uma atividade mecânica.

Sem fortalecer o resíduo que é a memória, poderá ser ensinado na escola que a vida diária é um processo constante de aprendizagem e ação em relacionamento? Para a maioria de nós a cicatriz do resíduo torna-se suma importância, e perdemos o caudal rápido da vida.

Tanto o estudante como o educador vivem num estado de confusão e desordem exterior e interiormente. Pode-se não estar consciente deste facto; se se estiver, põe-se rapidamente ordem nas coisas exteriores, mas raras vezes se está consciente da confusão e desordem interiores.

Deus é desordem. Considera os inumeráveis deuses que o homem inventou, ou o Deus único, o Salvador único, e observa a confusão que isto criou no mundo, as guerras que provocou, as inumeráveis divisões, as crenças, símbolos e imagens separadoras. Não é isto confusão e desordem? Habituámo-nos a isto; aceitamo-lo prontamente, pois a nossa vida é tão cansativa, com enfado e dor, que procuramos conforto nos deuses que o pensamento evocou. Este tem sido o nosso modo de vida durante milhares de anos. Cada civilização inventou deuses, e eles têm sido fonte de grande tirania, guerras e destruição. Os seus edifícios podem ser extraordinariamente belos, mas no interior há escuridão e a fonte da confusão.

Poder-se-ão colocar de lado estes deuses? Há que fazê-lo se se pretender considerar por que razão a mente humana aceita a desordem política, religiosa e economicamente e vive nela. Qual é a fonte desta desordem — a realidade dela, não a razão teológica? Pode-se colocar

de lado os conceitos de desordem e estar livre para investigar a fonte diária real da nossa desordem — não o que é a ordem, mas a desordem? Podemos descobrir o que é a ordem absoluta apenas quando tivermos investigado profundamente a desordem e a sua fonte.

Estamos tão ansiosos por descobrir o que é a ordem, tão impacientes com a desordem, que somos propensos a suprimi-la, pensando dessa forma trazer a ordem. Aqui estamos a perguntar não apenas se pode haver ordem absoluta na nossa vida diária, mas também se a confusão pode ter fim. Portanto, a nossa primeira preocupação é com a desordem e a sua fonte. Será o pensamento? Serão os desejos contraditórios? Será o medo e a busca por segurança? Será a constante exigência de prazer? Será o pensamento uma das fontes ou a razão principal para a desordem?

Não é meramente o autor, mas tu que estás a fazer estas perguntas. Por favor, tem isto em mente em todos os momentos. Tens de descobrir a fonte, não te ser dita a fonte e depois repetir isso. O pensamento, como assinalámos, é finito, limitado; e tudo o que é limitado, por mais amplas que possam ser as suas atividades, traz inevitavelmente confusão. Aquilo que é limitado é divisivo e, portanto, destrutivo e confuso. Já fomos suficientemente à natureza e estrutura do pensamento. Ter uma visão intuitiva sobre a natureza do pensamento é dar-lhe o seu devido lugar de modo a que ele perca a sua dominação avassaladora.

Serão o desejo e os objetos mutáveis do desejo uma das causas da nossa desordem? Suprimir o desejo é suprimir toda a sensação, o que é paralisar a mente. Pensamos que este é o modo fácil e rápido de pôr fim ao desejo, mas não se pode suprimi-lo; é demasiado forte, demasiado subtil. Não podes agarrá-lo na tua mão e torcê-lo de acordo com o teu desejo, que é outro desejo. Falámos sobre o desejo numa carta anterior. O desejo nunca pode ser suprimido ou transmutado ou corrompido como desejo correto e errado; faça-se o que se fizer a seu respeito, ele permanece sempre sensação e desejo. O desejo de iluminação e o desejo de dinheiro são o mesmo, embora os objetos variem.

Poder-se-á viver sem desejo? Ou para colocar a questão de forma diferente, poderão os sentidos ser supremamente ativos sem a intervenção do desejo? Há atividades sensoriais tanto psicológicas como físicas. O corpo procura calor, comida, sexo; há dor física e assim por diante. Estas sensações são naturais, mas quando entram no campo psicológico, o problema começa. Nisto reside a nossa confusão. É importante compreender isto, especialmente quando somos jovens, e observar as sensações físicas sem supressão ou exagero; estar alerta, vigilante para que não se infiltrem no domínio interior psicológico ao qual não pertencem.

Essa é a nossa dificuldade; todo o processo ocorre tão rapidamente porque não vemos isto, não o compreendemos, nunca examinámos realmente o que ocorre na realidade. Há uma resposta sensorial imediata ao desafio. Esta resposta é natural e não está sob a dominação do pensamento, do desejo. A nossa dificuldade começa quando estas respostas sensoriais entram no domínio psicológico. O desafio pode ser uma mulher ou um homem, ou algo agradável, apetitoso, ou um belo jardim. A resposta a isto é a sensação, e quando esta sensação entra no campo psicológico, o desejo começa e o pensamento com as suas imagens procura a realização do desejo.

A nossa questão é como evitar que as respostas físicas naturais entrem no psicológico. Será isto possível? É possível apenas quando observas a natureza do desafio com grande atenção e vigias cuidadosamente as tuas respostas. Esta atenção total evitará que as respostas físicas entrem na psique interior.

Estamos preocupados com o desejo e com a sua compreensão, não com o fator brutalizador de suprimir, evitar ou sublimar. Não podes viver sem desejo. Quando tens fome precisas de comida. Mas compreender, que é investigar a atividade toda do desejo, é dar-lhe o seu devido lugar. Nessa altura ele não será uma fonte de desordem na nossa vida diária.

INTEGRIDADE

Quando não há medição, existe a qualidade da totalidade

O que o homem fez ao homem não tem limite. Torturou-o; queimou-o; matou-o; explorou-o de todas as maneiras possíveis — religiosa, política e economicamente. Esta tem sido a história do homem contra o homem; os astutos exploram os estúpidos, os ignorantes. Todas as filosofias são intelectuais e, portanto, não são totais. Estas filosofias escravizaram o homem. Inventaram conceitos sobre o que a sociedade deveria ser e sacrificaram o homem aos seus conceitos; os ideais dos chamados pensadores desumanizaram o homem.

A exploração de outro homem ou mulher parece ser o modo da nossa vida diária. Usamo-nos uns aos outros, e cada um aceita isto. Deste relacionamento peculiar surge a dependência, com toda a miséria, confusão e agonia que são inerentes à dependência. O homem tem sido, quer interior quer exteriormente, tão traiçoeiro para consigo próprio e para com os outros. Como pode haver amor nestas circunstâncias?

Por isso torna-se muito importante para o educador sentir responsabilidade total no seu relacionamento pessoal, não apenas para com o estudante, mas para com a totalidade da humanidade. Ele é a humanidade. Se ele não se sentir responsável por si próprio totalmente, será então incapaz de sentir a paixão da responsabilidade total, que é o amor. Sentes tu, enquanto educador, esta responsabilidade? Se não, por que razão? Podes sentir-te responsável pela tua própria mulher, marido ou filhos, e podes desconsiderar ou não sentir responsabilidade por outro, mas se te sentires completamente responsável em ti mesmo, não podes deixar de ser responsável pela totalidade da humanidade.

A questão de por que razão não te sentes responsável por outro é muito importante. A responsabilidade não é uma reação emocional, não é algo que impões a ti próprio — para te sentires responsável.

Nessa altura torna-se dever, e o dever perdeu o perfume ou a beleza da qualidade interior da responsabilidade total. Não é algo que convidas como um princípio ou uma ideia a que te agarras, como possuir uma cadeira ou um relógio.

Uma mãe pode sentir-se responsável pelo seu filho, sentir que a criança faz parte do seu sangue e da sua carne, e assim dar todo o seu cuidado e atenção a esse bebé durante alguns anos. Será este instinto materno responsabilidade? Pode ser que tenhamos herdado este apego peculiar à criança a partir dos primeiros animais. Existe em toda a natureza, desde o mais pequeno pássaro ao majestoso elefante. Estamos a perguntar se este instinto é responsabilidade. Se o fosse, os pais sentir-se-iam responsáveis por um tipo correto de educação, por um tipo de sociedade totalmente diferente. Veriam que não haveria guerras e que eles próprios floresceriam na bondade.

Assim, parece que o ser humano não se preocupa com o outro, estando empenhado apenas em si próprio. Este empenho é a irresponsabilidade total. As suas próprias emoções, os seus desejos pessoais, os seus apegos, o seu sucesso, o seu progresso gerarão inevitavelmente crueldade, tanto explícita como subtil. Será este o caminho da verdadeira responsabilidade?

Nestas escolas, aquele que dá e aquele que recebe são ambos responsáveis, pelo que nunca podem ceder à qualidade peculiar de separação. A separação egocêntrica é talvez a própria raiz da degeneração da totalidade da mente, com a qual estamos profundamente preocupados. Isto não significa que não exista uma relação pessoal, com afeto, com ternura, com encorajamento e apoio; mas quando a relação pessoal se torna tudo e é responsável apenas por alguns, então o mal começou. A realidade disto é conhecida por todos os seres humanos. Esta fragmentação da relação é o fator de degeneração nas nossas vidas. Desfizemos a relação, de modo que ela se dirige ao pessoal, a um grupo, a uma nação, a certos conceitos, e assim por diante.

Aquilo que está fragmentado nunca pode compreender a totalidade da responsabilidade. A partir do pequeno, estamos sempre a

tentar capturar o maior. O melhor não é o bom, e todo o nosso pensamento se baseia no melhor, no mais — ser melhor nos exames, ter melhores empregos, maior estatuto, melhores deuses, ideias mais nobres. O melhor é o resultado da comparação. O pensamento do melhor quadro, da melhor técnica, do maior músico, do mais talentoso, do mais belo e do mais inteligente depende desta comparação. Raras vezes olhamos para uma pintura por si mesma, ou para um homem ou uma mulher por si mesmos. Existe sempre esta qualidade de comparação.

Será o amor comparação? Pode alguma vez dizer que ama mais este do que aquele? Quando existe esta comparação, será isso amor? Quando existe este sentimento do mais, que é mensuração, então o pensamento está a funcionar. O amor não é o movimento do pensamento. Esta mensuração é comparação. Fomos encorajados ao longo de toda a nossa vida a comparar. Quando, na sua escola, compara B com A, está a destruir ambos. Portanto, é possível educar sem qualquer sentido de comparação?

Por que razão comparamos? Comparámos pela simples razão de que medir é o caminho do pensamento e o caminho da nossa vida. Fomos educados nesta corrupção. O melhor é sempre mais nobre do que aquilo que é, do que aquilo que está realmente a acontecer. A observação daquilo que é, sem comparação, sem a medida, é ir além daquilo que é.

Quando não há comparação, há integridade. Não se trata de ser fiel a si próprio, o que é uma forma de mensuração, mas quando não há de todo mensuração, existe a qualidade da totalidade. A essência do ego, do “eu”, é a mensuração. Quando há mensuração, há fragmentação. Isto tem de ser profundamente compreendido, não como uma ideia, mas como uma realidade. Quando lê esta afirmação, pode fazer dela uma abstração como uma ideia, um conceito, e a abstração é outra forma de mensuração. Aquilo que é não tem mensuração.

Por favor, dedique o seu coração à compreensão disto. Quando tiver apreendido todo o significado disto, a sua relação com o estudante e com a sua própria família tornar-se-á algo completamente diferente. Se perguntar se essa diferença será melhor, então está preso na roda da mensuração. Nesse caso, está perdido. Encontrará a diferença quando realmente testar isto na prática. A própria palavra diferença implica mensuração, mas estamos a usar a palavra de forma não comparativa. Quase todas as palavras que usamos carregam este sentimento de mensuração, pelo que as palavras afetam as nossas reações, e as reações aprofundam o sentido de comparação. A palavra e a reação estão interligadas, e a arte reside em não ser condicionado pela palavra, o que significa que a linguagem não nos molda. Use a palavra sem as reações psicológicas a ela.

Como dissemos, estamos preocupados em comunicar uns com os outros sobre a natureza da degeneração das nossas mentes e, assim, sobre os modos da nossa vida. Entusiasmo não é paixão. Pode estar entusiasmado com algo num dia e perdê-lo no dia seguinte. Pode estar entusiasmado por jogar futebol e perder o interesse quando isso já não o diverte. Mas a paixão é algo inteiramente diferente. Não tem qualquer hiato temporal.

PROBLEMAS
Problemas físicos e psicológicos desperdiçam a nossa energia

Por regra, os pais têm muito pouco tempo para os seus filhos, exceto quando estes são bebés. Enviam-nos para as escolas locais ou para colégios internos, ou permitem que outros cuidem deles. Podem não ter tempo ou a paciência necessária para os educar em casa. Estão ocupados com os seus próprios problemas. Assim, as nossas escolas tornam-se os lares das crianças e os educadores tornam-se os pais com toda a responsabilidade. Já escrevemos sobre isto anteriormente, e não é despropositado repeti-lo: o lar é um lugar onde existe uma certa liberdade, um sentimento de estar seguro, de ter sustento e abrigo. Sentem as crianças nestas escolas que estão a ser cuidadosamente

vigiadas, que se lhes dedica muita consideração e afeto, e que há preocupação pelo seu comportamento, a sua alimentação, as suas roupas e as suas maneiras? Se assim for, a escola torna-se um lugar onde o estudante sente que está verdadeiramente em casa, com todas as suas implicações, que há pessoas ao seu redor que cuidam dos seus gostos, da forma como fala; que está a ser cuidado tanto física como psicologicamente, sendo ajudado a libertar-se de feridas e do medo. Esta é a responsabilidade de cada professor nestas escolas, não de um ou dois. Toda a escola existe para isto, para uma atmosfera na qual tanto os educadores como os estudantes estejam a florescer em bondade.

O educador precisa de tempo livre para estar em quietação consigo mesmo, para recolher a energia que foi despendida, para estar consciente dos seus próprios problemas pessoais e os resolver, de modo a que, quando voltar a encontrar os estudantes, não carregue o ruído do seu tumulto pessoal. Como assinalámos anteriormente, qualquer problema que surja nas nossas vidas deve ser resolvido instantaneamente ou o mais rapidamente possível, pois quando os problemas são arrastados de dia para dia, a sensibilidade de toda a mente degenera.

Esta sensibilidade é essencial. Perdemos esta sensibilidade quando nos limitamos a instruir o estudante numa matéria. Quando a matéria se torna a única coisa importante, a sensibilidade esvanecer-se-á e, então, perde-se verdadeiramente o contacto com o estudante. O estudante passa a ser apenas um recipiente para informação. Assim, a sua mente e a mente do estudante tornam-se mecânicas.

Geralmente, somos sensíveis aos nossos próprios problemas, aos nossos próprios desejos e pensamentos, e raras vezes aos dos outros. Quando estamos constantemente em contacto com os estudantes, há uma tendência para impor as nossas próprias imagens sobre eles ou, se o estudante tiver as suas próprias imagens fortes, há conflito entre essas imagens. Por isso, torna-se muito importante que o educador deixe as suas imagens em casa e se preocupe com as imagens que os

pais ou a sociedade impuseram ao estudante, ou com as imagens que o próprio estudante criou.

Os problemas físicos e psicológicos desperdiçam a nossa energia. Pode o educador estar fisicamente seguro nestas escolas e estar livre de problemas psicológicos? Isto é realmente importante de compreender. Quando não há um sentido de segurança física, a incerteza traz tumulto psicológico. Isto fomenta a embotamento da mente, pelo que a paixão que é tão necessária na nossa vida diária murcha e o entusiasmo toma o seu lugar. O entusiasmo é uma coisa perigosa, pois nunca é constante. Eleva-se numa vaga e desaparece. Isto é confundido com seriedade. Pode estar entusiasmado, ansioso, ativo durante algum tempo em relação ao que está a fazer, mas inerente a isso está a dissipação. Uma vez mais, é essencial que compreendamos isto, pois a maioria das relações é proensa a este desperdício.

A paixão é totalmente diferente do desejo carnal, do interesse ou do entusiasmo. O interesse em algo pode ser muito profundo e pode usar esse interesse para proveito ou para poder, mas esse interesse não é paixão. O interesse pode ser estimulado por um objeto ou por uma ideia. O interesse é complacência consigo próprio. A paixão está livre do eu. O entusiasmo é sempre sobre algo. A paixão é uma chama em si mesma. O entusiasmo pode ser despertado por outro, algo exterior a si. A paixão é o somatório da energia, que não é o resultado de qualquer tipo de estimulação. A paixão está além do eu.

Têm os professores este sentido de paixão? Pois é dele que surge a criação. Ao ensinar matérias, tem de se encontrar novas formas de transmitir informação sem que a informação torne a mente mecânica. Pode ensinar história, que é a história da humanidade, não como história indiana, inglesa, americana, mas como a história da humanidade, que é global? Então a mente do educador está sempre fresca, ávida, descobrindo uma abordagem totalmente diferente do ensino. Nisto, o educador está intensamente vivo, e com esta vivacidade vai a paixão.

Pode isto ser feito em todas as nossas escolas? Pois estamos preocupados em trazer uma sociedade diferente, com o florescer da bondade, com uma mente não mecânica. A verdadeira educação é isto. Irão vocês, os educadores, assumir esta responsabilidade? Nesta responsabilidade reside o florescer da bondade em vocês e no estudante. Somos responsáveis por toda a humanidade, que são vocês e o estudante. Têm de começar aí e cobrir toda a terra.

Podem ir muito longe se começarem muito perto. O mais próximo são vocês e o seu estudante. Geralmente começamos com o mais distante, o princípio supremo, o maior ideal, e perdemo-nos em algum sonho nebuloso de pensamento imaginativo. Mas quando se começa muito perto, com o mais próximo, que são vocês, então todo o mundo está aberto, pois vocês são o mundo, e o mundo além de vocês é apenas a natureza. A natureza não é imaginária, é real; e o que lhe está a acontecer agora é real. Deve começar a partir do real, com o que está a acontecer agora. E o agora é intemporal.

ESTATUTO
O egoísmo é o problema essencial da nossa vida

A maioria dos seres humanos é egoísta. Não estão conscientes do seu próprio egoísmo, é o modo da sua vida. E se alguém está consciente de que é egoísta, esconde-o muito cuidadosamente e conforma-se com o padrão da sociedade, que é essencialmente egoísta. A mente egoísta é muito astuta. Ou é brutal e abertamente egoísta, ou assume muitas formas. Se for um político, o egoísmo procura o poder, o estatuto e a popularidade; identifica-se com uma ideia, uma missão, tudo pelo bem público. Se for um tirano, expressa-se em dominação brutal. Se tiver tendência para ser religioso, assume a forma de adoração, devoção, adesão a alguma crença, a algum dogma. Também se expressa na família; o pai persegue o seu próprio egoísmo nos modos da sua vida, e o mesmo faz a mãe.

A fama, a prosperidade, a boa aparência formam uma base para este movimento oculto e rastejante do eu. Está na estrutura hierárquica

do sacerdócio, por muito que proclamem o seu amor a Deus, a sua adesão à imagem criada por si próprios da sua divindade particular. Os capatazes da indústria e o pobre escrivão têm esta sensualidade expansiva e entorpecedora do eu. Os monges que renunciaram aos caminhos do mundo podem vagar pela face da terra ou podem estar trancados em algum mosteiro, mas não deixaram este movimento sem fim do eu. Podem mudar de nome, vestir túnicas ou fazer votos de celibato ou silêncio, mas ardem com algum ideal, com alguma imagem, algum símbolo.

O mesmo acontece com os cientistas, com os filósofos e os professores nas universidades. O benfeitor, os santos e gurus, o homem ou a mulher que trabalha sem cessar para os pobres, todos tentam perder-se no seu trabalho, mas o trabalho é parte do eu. Transferiram o egocentrismo para os seus trabalhos. Começa na infância e continua até à velhice. A presunção do conhecimento, a humildade praticada do líder, a esposa submissa e o homem dominador têm todos esta doença. O eu identifica-se com o Estado, com grupos sem fim, com ideias e causas sem fim, mas permanece o que era no início.

Os seres humanos tentaram várias práticas, métodos, meditações para se libertarem deste centro que causa tanta miséria e confusão, mas, como uma sombra, nunca é capturado. Está sempre lá, e escorrega-lhe entre os dedos, através da sua mente. Às vezes é fortalecido ou torna-se fraco de acordo com as circunstâncias. Encurrala-o aqui, ele surge ali.

Cabe perguntar se o educador, que é responsável por uma nova geração, compreende não verbalmente que coisa perniciosa é o eu, quão corruptor, deformador, quão perigoso é nas nossas vidas. Pode não saber como libertar-se dele; pode nem sequer estar consciente de que ele lá está; mas uma vez que veja a natureza do movimento do eu, poderá ele ou ela transmitir as suas subtilezas ao estudante? Não é responsabilidade do professor fazer isto? A perceção do funcionamento do eu é de maior importância do que a aprendizagem

académica. O conhecimento pode ser usado pelo eu para a sua própria expansão, para a sua agressividade, para a sua crueldade inata.

O egoísmo é o problema essencial da nossa vida. O conformismo e a imitação são parte do eu, tal como o são a competição e a crueldade do talento. Se o educador nestas escolas tomar este problema a sério no seu coração, como espero que faça, então como ajudará o estudante a ser desprovido de egoísmo? Poderia dizer que é um "dom de deuses estranhos", ou descartá-lo como sendo impossível; mas se for sério, como se deve ser, e for totalmente responsável pelo estudante, como se proporá libertar a mente desta energia milenar e aprisionadora, este eu que causou tanta dor?

Não explicaria, com grande cuidado, o que implica afeto, em palavras simples, quais são as consequências quando o estudante fala com raiva, ou quando bate em alguém, ou quando está a pensar na sua própria importância? Não é possível explicar-lhe que quando ele insiste: 'Isto é meu', ou se gaba: 'Fui eu que fiz', ou quando evita uma certa ação por medo, está a construir uma parede, tijolo a tijolo, ao seu redor? Não é possível, quando os seus desejos, as suas sensações se sobrepõem ao seu pensamento racional, assinalar que a sombra do eu está a crescer? Não é possível dizer-lhe que onde o eu está, sob qualquer disfarce, não há amor?

Mas o estudante poderia perguntar ao educador: 'Já percebeu tudo isto ou está apenas a brincar com as palavras?' Essa própria pergunta poderia despertar a sua própria inteligência, e essa mesma inteligência dar-lhe-á o sentimento certo e as palavras certas para responder.

Como educador, não tem estatuto; é um ser humano com todos os problemas da vida, tal como um estudante. No momento em que fala a partir do estatuto, está na realidade a destruir a relação humana. O estatuto implica poder, e quando procura isto, consciente ou inconscientemente, entra num mundo de crueldade. Tem uma grande responsabilidade, meu amigo, e se assumir esta responsabilidade total, que é o amor, então as raízes do eu desapareceram. Isto não é dito

como um encorajamento ou para o fazer sentir que deve fazer isto, mas como somos todos seres humanos, representando a totalidade da humanidade, somos total e inteiramente responsáveis, quer escolhamos sê-lo quer não. Pode tentar escapar-lhe, mas esse próprio movimento é a ação do eu. A clareza da perceção é a libertação do eu.

SENSIBILIDADE
A inteligência do corpo defenderá o seu próprio bem-estar

O florescer da bondade é a libertação da nossa energia total. Não é o controlo ou a supressão da energia, mas sim a liberdade total desta vasta energia. Ela é limitada, estreitada pelo pensamento, pela fragmentação dos nossos sentidos. O próprio pensamento é esta energia a manipular-se a si mesma num sulco estreito, num centro do eu. O florescer da bondade só pode ocorrer quando a energia é livre. O pensamento, pela sua própria natureza, limitou esta energia e, assim, ocorre a fragmentação dos sentidos. Daí existirem os sentidos, as sensações, os desejos e as imagens que o pensamento cria a partir do desejo.

Tudo isto é uma fragmentação da energia. Pode este movimento limitado estar consciente de si mesmo? Isto é, podem os sentidos estar conscientes de si mesmos? Pode o desejo ver-se a surgir dos sentidos, da sensação da imagem que o pensamento criou; e pode o pensamento estar consciente de si mesmo, do seu movimento? Tudo isto implica: pode todo o corpo físico estar consciente de si mesmo?

Vivemos pelos nossos sentidos. Um deles é habitualmente dominante: o escutar, o ver, o provar parecem estar separados uns dos

outros; mas será isto um facto? Ou será que demos a um ou a outro uma maior importância, ou melhor, que o pensamento deu essa maior importância? Alguém pode ouvir grande música e deleitar-se com ela, e no entanto ser insensível a outras coisas. Alguém pode ter um paladar sensível e ser totalmente insensível a uma cor delicada. Isto é fragmentação. Quando cada fragmento está consciente apenas de si mesmo, então a fragmentação é mantida. Desta forma, a energia é dividida. Se assim é, como parece ser, haverá uma consciência não fragmentária por parte de todos os sentidos?

O pensamento é parte dos sentidos. Pode o corpo estar consciente de si mesmo? Não você estar consciente do seu próprio corpo, mas o próprio corpo estar consciente. Isto é muito importante de descobrir. Não pode ser ensinado por outro, pois então é informação de segunda mão, que o pensamento lhe está a impor. Deve descobrir por si mesmo se todo o organismo, a entidade física, pode estar consciente de si mesmo. Pode estar consciente do movimento de um braço, de uma perna ou da cabeça, e através desse movimento sentir que se está a tornar consciente do todo, mas o que estamos a perguntar é: pode o corpo estar consciente de si mesmo sem qualquer movimento?

Isto é essencial de descobrir, porque o pensamento impôs o seu padrão ao corpo, o que ele pensa ser o exercício certo, a comida certa, e assim por diante. Assim, há a dominação do pensamento sobre o organismo; há, consciente ou inconscientemente, uma luta entre o pensamento e o organismo. Desta forma, o pensamento está a destruir a inteligência natural do próprio corpo.

Tem o corpo, o organismo físico, a sua própria inteligência? Tem-na quando todos os sentidos estão a atuar juntos em harmonia, de modo a que não haja esforço, nem exigências emocionais ou sensoriais do desejo. Quando se tem fome, come-se, mas geralmente o paladar, formado pelo hábito, dita o que se come. Assim, a fragmentação ocorre. Um corpo saudável só pode ser obtido através da harmonia de todos os sentidos, que é a inteligência do próprio corpo. O que estamos a perguntar é: não traz a desarmonia um

desperdício de energia? Pode a inteligência do próprio organismo, que foi suprimida ou destruída pelo pensamento, ser despertada?

A lembrança causa estragos no corpo. A lembrança do prazer de ontem torna o pensamento mestre do corpo. O corpo torna-se então um escravo do mestre, e a inteligência é negada. Portanto, há conflito. Esta luta pode expressar-se como preguiça, fadiga, indiferença, ou em reações neuróticas. Quando o corpo tem a sua própria inteligência liberta do pensamento, embora o pensamento seja parte dela, esta inteligência defenderá o seu próprio bem-estar.

O prazer domina a nossa vida nas suas formas mais brutas ou mais educadas; e o prazer é essencialmente uma lembrança — aquilo que foi, ou aquilo que é antecipado. O prazer nunca é no momento. Quando o prazer é negado, suprimido ou bloqueado, atos neuróticos, como a violência e o ódio, ocorrem a partir desta frustração. Então o prazer procura outras formas e saídas; a satisfação e a insatisfação surgem. Estar consciente de todas estas atividades físicas e psicológicas requer uma observação de todo o movimento da vida de alguém.

Quando o corpo está consciente de si mesmo, então podemos fazer uma pergunta subsequente e talvez mais difícil: pode o pensamento, que reuniu toda esta consciência, estar consciente de si mesmo? A maior parte do tempo o pensamento domina o corpo, e assim o corpo perde a sua vitalidade, inteligência, a sua própria energia intrínseca, e daí tem reações neuróticas. Será a inteligência do corpo diferente da inteligência total, que só pode ocorrer quando o pensamento, percebendo a sua própria limitação, encontra o seu lugar certo?

Como dissemos no início desta carta, o florescer da bondade só pode ocorrer quando há a libertação da energia total. Nesta libertação não há atrito. É apenas nesta inteligência suprema indivisa que existe este florescer. Esta inteligência não é filha da razão. A totalidade desta inteligência é a compaixão.

A humanidade tem tentado libertar esta imensa energia através de várias formas de controlo, através de uma disciplina exaustiva, através do jejum, através de negações sacrificiais oferecidas a algum princípio supremo ou deus, ou através da manipulação desta energia através de vários estados. Tudo isto implica a manipulação do pensamento em direção a um fim desejado. Mas o que estamos a dizer é completamente oposto a tudo isto. Pode tudo isto ser transmitido ao estudante? É da sua responsabilidade fazê-lo.

EGOCENTRISMO
O pensamento é a raiz de toda a nossa dor, de toda a nossa fealdade

É preocupação destas escolas trazer uma nova geração de seres humanos que estejam livres de ação centrada no eu. Nenhum outro centro educacional está preocupado com isto. É a nossa responsabilidade como educadores trazer uma mente que não tenha conflito dentro de si mesma, e terminar a luta e o conflito no mundo ao nosso redor.

Pode a mente, que é uma estrutura e movimento complexos, libertar-se da teia que teceu? Todo o ser humano inteligente pergunta se é possível terminar o conflito entre o homem e o homem. Alguns foram muito fundo nisso, intelectualmente; outros, vendo a falta de esperança disso, tornam-se amargurados, cínicos, ou olham para alguma entidade externa para os libertar do seu próprio caos e miséria. Quando perguntamos se a mente se pode libertar da prisão que criou, não é uma pergunta intelectual ou retórica. É feita com toda a seriedade; é um desafio ao qual tem de responder, não pela sua conveniência ou conforto, mas de acordo com a profundidade desse desafio. Não pode ser adiado.

Um desafio não é perguntar se é possível ou não, se a mente é capaz de se libertar. O desafio, se tiver algum valor, é imediato e intenso. Para lhe responder, deve ter essa qualidade de intensidade e imediatismo, o sentimento disso. Quando há esta abordagem intensa, então a pergunta tem grandes implicações. O desafio está a exigir a mais alta excelência de si, não apenas intelectualmente, mas com todas as faculdades do seu ser.

Este desafio não está fora de si. Por favor, não o externalize, o que seria fazer dele um conceito. Está a exigir de si próprio a totalidade de toda a sua energia. Essa própria exigência varre todo o controlo, toda a contradição e qualquer oposição dentro de si. Implica uma integridade total, uma harmonia completa. Esta é a essência de não ser egoísta.

A mente, com as suas reações emocionais, com todas as coisas que o pensamento reuniu, é a nossa consciência. Esta consciência, com o seu conteúdo, é a consciência de todos os seres humanos. É modificada, não inteiramente semelhante, diferente nas suas nuances e subtilezas, mas basicamente as raízes da sua existência são comuns a todos nós. Os cientistas e os psicólogos estão a examinar esta consciência, e os gurus estão a brincar com ela para os seus próprios fins. Os sérios estão a examinar a consciência como um conceito, como um processo de laboratório; estão a examinar as reações do cérebro, as ondas alfa e assim por diante, como algo fora de si mesmos.

Mas nós não estamos preocupados com as teorias, conceitos e ideias sobre a consciência; estamos preocupados com a sua atividade na nossa vida diária. Ao compreender estas atividades, as reações diárias, os conflitos, teremos uma perceção da natureza e estrutura da nossa própria consciência. Como assinalámos, a realidade básica desta consciência é comum a todos nós. Não é a sua consciência particular ou a minha. Herdámo-la e estamos a modificá-la, a alterá-la aqui e ali, mas o seu movimento básico é comum a toda a humanidade.

Esta consciência é a nossa mente com todas as suas intrincadas teias de pensamento, as emoções, as reações sensoriais, o conhecimento acumulado, o sofrimento, a dor, a ansiedade, a violência. Tudo isso é a nossa consciência. O cérebro é antigo e está condicionado por séculos de evolução, por todo o tipo de experiência, ampliada por acumulações mais recentes de conhecimento.

Tudo isto é a consciência em ação em cada momento da nossa vida. É a relação entre os seres humanos com todos os prazeres, dores, confusão de sentidos contraditórios e a gratificação do desejo com a sua dor. Este é o movimento da nossa vida. Estamos a perguntar — e isto deve ser enfrentado como um desafio — se este movimento antigo pode alguma vez chegar ao fim. Pois isto tornou-se uma atividade mecânica, um modo de vida tradicional. No fim há um começo, e só então não há nem fim nem começo.

A consciência parece ser um assunto muito complexo, mas na realidade é muito simples. O pensamento reuniu todo o conteúdo da nossa consciência, a sua segurança, a sua incerteza, as suas esperanças e medos, a depressão e a euforia, os ideais, as ilusões. Uma vez apreendido que o pensamento é responsável por todo o conteúdo da nossa consciência, surge a pergunta inevitável sobre se o pensamento pode ser parado. Foram feitas muitas tentativas, religiosas e mecânicas, para acabar com o pensamento. A própria exigência para o fim do pensamento é parte do movimento do pensamento.

A própria busca pela superconsciência é ainda a medida do pensamento. Os deuses, os rituais, todas as ilusões emocionais das igrejas, templos e mesquitas, com a sua arquitetura maravilhosa, são ainda o movimento do pensamento. Deus é colocado no céu pelo pensamento. O pensamento não fez a natureza; isso é real. A cadeira também é real, e é feita pelo pensamento; todas as coisas que a tecnologia trouxe são reais.

As ilusões evitam o real — aquilo que está a acontecer agora —, mas as ilusões tornam-se reais porque vivemos delas. O cão não é feito pelo pensamento, mas o que desejamos que o cão seja é o

movimento do pensamento. O pensamento é medida. O pensamento é tempo. A totalidade disto é a nossa consciência. A mente, o cérebro, os sentidos são parte disso. Estamos a perguntar se este movimento pode chegar ao fim.

O pensamento é a raiz de toda a nossa dor, de toda a nossa fealdade. O que estamos a pedir é o fim destas coisas que o pensamento reuniu; não o fim do pensamento em si, mas o fim da nossa ansiedade, desgosto, dor, poder, violência. Com o fim disto, o pensamento encontra o seu lugar legítimo e limitado — o conhecimento do dia a dia e a memória que se deve ter. Quando os conteúdos da consciência, que foram reunidos pelo pensamento, já não estão ativos, então há um vasto espaço e, assim, a libertação de uma imensa energia que estava limitada pela consciência. O amor está além desta consciência.

A ARTE DE VIVER
A relação é a arte de viver

Questionador: Se lhe posso perguntar com toda a seriedade, o que considera ser uma das coisas mais importantes na vida? Pensei consideravelmente sobre este assunto e há tantas coisas na vida que parecem todas importantes.

Krishnamurti: Talvez seja a arte de viver. Estamos a usar a palavra arte no seu sentido mais amplo. Como a vida é tão complexa, é sempre difícil e confuso escolher um aspeto e dizer que é o mais importante. A própria escolha, a qualidade diferenciadora, se me permite assinalar, leva a mais confusão. Se diz que este é o mais importante, então remete os outros factos da vida para uma posição secundária. Ou tomamos todo o movimento da vida como um só, o que é extremamente difícil para a maioria das pessoas, ou tomamos um aspeto fundamental no qual todos os outros possam estar incluídos. Se concordar com isto, então podemos prosseguir com o nosso diálogo.

Q: Quer dizer que um aspeto pode cobrir todo o campo da vida? É isso possível?

K: É possível. Vamos examinar isto muito devagar e hesitantemente. Antes de mais, nós os dois devemos investigar e não chegar imediatamente a alguma conclusão, que é geralmente bastante superficial. Estamos a explorar juntos uma faceta da vida e, na própria compreensão dela, podemos cobrir todo o campo da vida. Para investigar, devemos estar livres dos nossos preconceitos, experiências pessoais e conclusões predeterminadas. Como um bom cientista, devemos ter uma mente não nublada pelo conhecimento que já acumulámos. Devemos abordar isto de novo, sem qualquer reação ao que está a ser observado. Esta é uma das necessidades nesta exploração, que não é a exploração de uma ideia ou de uma série de conceitos filosóficos, mas da nossa própria mente. Isto é absolutamente necessário; caso contrário, a nossa investigação é colorida pelos nossos próprios medos, esperanças e prazeres.

Q: Não está a pedir demasiado? É possível ter tal mente?

K: O próprio impulso para investigar e a intensidade dele libertam a mente do seu colorido. Como dissemos, uma das coisas mais importantes é a arte de viver. Haverá um modo de viver a nossa vida diária que seja inteiramente diferente daquilo que é normalmente? Todos conhecemos o habitual. Haverá um modo de viver sem qualquer controlo, sem qualquer conflito, sem uma conformidade disciplinar? Como posso descobrir? Só posso descobrir quando toda a minha mente estiver virada exatamente para o que está a acontecer agora. Isto significa que só posso descobrir o que significa viver sem conflito quando o que está a acontecer agora puder ser observado. Esta observação não é um assunto intelectual ou emocional, mas uma perceção aguda, clara e afiada na qual não há dualidade. Há apenas o real e mais nada.

Q: O que quer dizer com dualidade neste caso?

K: Que não há oposição ou contradição no que está a acontecer. A dualidade surge apenas quando há uma fuga daquilo que é. Esta fuga cria o oposto e, assim, o conflito surge. Há apenas o real e mais nada.

Q: Está a dizer que quando algo que está a acontecer agora é percebido, a mente não deve intervir com associações e reações?

K: Sim, é isso que queremos dizer. As associações e reações ao que está a acontecer são o condicionamento da mente. Este condicionamento impede a observação do que está a ocorrer agora. O que está a ocorrer agora está livre do tempo. O tempo é a evolução do nosso condicionamento; é a herança do homem, o fardo que não tem começo. Quando há esta observação apaixonada do que está a acontecer, aquilo que está a ser observado dissolve-se no nada. Uma observação da raiva que está a ocorrer agora revela toda a natureza e estrutura da violência. Esta perceção é o fim de toda a violência. Não é substituída por nada mais; e aí reside a nossa dificuldade, porque todo o nosso desejo e impulso é encontrar um fim definitivo. Nesse fim há um sentido ilusório de segurança.

Q: Há dificuldade para muitos de nós na observação da raiva porque as emoções e as reações parecem inextricavelmente parte dessa raiva. A pessoa não sente raiva sem associações, sem conteúdo.

K: A raiva tem muitas histórias por trás de si. Não é apenas um evento solitário. Tem, como assinalou, um grande número de associações. Estas próprias associações, com as suas emoções, impedem a observação real. Com a raiva, o conteúdo é a raiva; a raiva é o conteúdo; não são duas coisas separadas. O conteúdo é o condicionamento. Na observação apaixonada do que está realmente a acontecer, isto é, das atividades do condicionamento, a natureza e a estrutura do condicionamento são dissolvidas.

Q: Está a dizer que quando um evento está a ocorrer há a corrente imediata e veloz de associações na mente e que, se a pessoa vir

instantaneamente isto a começar a acontecer, essa observação pára-o instantaneamente e ele desaparece? É isto que quer dizer?

K: Sim. É realmente simples, tão simples que se perde a sua própria simplicidade e, portanto, a sua subtileza. O que estamos a dizer é que, seja o que for que esteja a acontecer — quando está a caminhar, a falar, a "meditar" —, o evento que está a ocorrer deve ser observado. Quando a mente vaga, a própria observação disso acaba com a sua conversa fiada. Portanto, não há qualquer distração em momento algum.

Q: Parece que está a dizer que o conteúdo do pensamento essencialmente não tem significado na arte de viver.

K: Sim. A lembrança não tem lugar na arte de viver. A relação é a arte de viver. Se há lembrança na relação, não é relação. A relação é entre seres humanos, não entre as suas memórias. São estas memórias que dividem e, assim, há contenda, a oposição do "tu" e do "eu". Portanto, o pensamento, que é lembrança, não tem qualquer lugar na relação. Esta é a arte de viver.

A relação é com todas as coisas — com a natureza, os pássaros, as rochas, com tudo ao nosso redor e acima de nós, com as nuvens, as estrelas e com o céu azul. Toda a existência é relação. Sem ela não pode viver. Porque corrompemos a relação, vivemos numa sociedade que está a degenerar. A arte de viver só pode vir a existir quando o pensamento não contamina o amor. Nestas escolas, pode o professor estar inteiramente empenhado nesta arte?

PALAVRAS
A palavra impede a perceção real

A maior arte é a arte de viver, maior do que todas as coisas que os seres humanos criaram pela mente ou pela mão, maior do que todas as escrituras e os seus deuses. É apenas através desta arte de viver que uma nova cultura pode vir a existir. É a responsabilidade de cada

professor, especialmente nestas escolas, concretizar isto. Esta arte de viver só pode vir de uma liberdade total.

Esta liberdade não é um ideal, uma coisa a ocorrer eventualmente. O primeiro passo na liberdade é o último passo nela. É o primeiro passo que conta, não o último passo. O que faz agora é muito mais essencial do que o que faz em alguma data futura. A vida é o que está a acontecer neste instante, não um instante imaginado, não o que o pensamento concebeu. Por isso, é o primeiro passo que dá agora que é importante. Se esse passo for na direção certa, então toda a vida está aberta para si. A direção certa não é para um ideal, um fim predeterminado. É inseparável daquilo que está a acontecer agora. Isto não é uma filosofia, uma série de teorias. É exatamente o que a palavra filosofia significa — o amor pela verdade, o amor pela vida. Não é algo que se vá para uma universidade aprender. Estamos a aprender sobre a arte de viver na nossa vida diária.

Vivemos de palavras, e as palavras tornam-se a nossa prisão. As palavras são necessárias para comunicar, mas a palavra nunca é a coisa. O real não é a palavra, mas a palavra torna-se de suma importância quando toma o lugar daquilo que é. Pode observar este fenómeno quando a descrição — o símbolo que adoramos, a sombra que seguimos, a ilusão a que nos agarramos — se tornou a realidade em vez da coisa em si. As palavras, a linguagem, moldam as nossas reações. A linguagem torna-se a força coerciva e as nossas mentes são moldadas e controladas pela palavra. As palavras nação, Estado, Deus, família, e assim por diante, envolvem-nos com todas as suas associações e, assim, as nossas mentes tornam-se escravas da pressão das palavras.

Questionador: Como se pode evitar isto?

Krishnamurti: A palavra nunca é a coisa. A palavra esposa nunca é a pessoa; a palavra porta não é a porta. A palavra impede a perceção real da coisa ou pessoa porque a palavra tem muitas associações. Estas associações, que são na realidade lembranças, distorcem não apenas a observação visual, mas também a psicológica. As palavras tornam-se

então uma barreira ao livre fluxo da observação. Tome as palavras Primeiro-Ministro e escrivão. Descrevem funções, mas as palavras Primeiro-Ministro têm um significado enorme de poder, estatuto e importância, ao passo que a palavra escrivão tem associações de falta de importância, pouco estatuto e nenhum poder. Assim, a palavra impede-o de olhar para ambos como seres humanos. Há um esnobismo enraizado na maioria de nós, e ver o que as palavras fizeram ao nosso pensamento e estar conscientemente atento a isso sem escolha é aprender a arte da observação — observar sem associação.

Q: Compreendo o que diz, mas a velocidade da associação é tão instantânea que a reação ocorre antes que a pessoa se dê conta. É possível prevenir isto?

K: Não será esta uma pergunta errada? Quem a vai prevenir? É outro símbolo, outra palavra, outra ideia? Se for, então a pessoa não viu todo o significado da escravização da mente pelas palavras, pela linguagem. Veja, usamos palavras emocionalmente; é uma forma de pensamento emocional, à parte do uso de palavras tecnológicas, como em números, ou medidas, que são precisas.

Na relação e atividade humanas, as emoções desempenham um grande papel. O desejo, sustentado pelo pensamento que cria a imagem, é muito forte. A imagem é a palavra, é o quadro, e isto segue o nosso prazer, o nosso desejo. Portanto, todo o modo da nossa vida é moldado pela palavra e pelas suas associações. Ver todo este processo como um todo é ver a verdade de como o pensamento impede a perceção.

Q: Está a dizer que não há pensamento sem palavras?

K: Sim, mais ou menos. Por favor, tenha em mente que estamos a falar sobre a arte de viver, a aprender sobre ela, não a memorizar as palavras. Estamos a aprender, não eu a ensinar e você a tornar-se um seguidor tolo. Está a perguntar se há pensamento sem palavras. Esta é uma pergunta muito importante. Todo o nosso pensamento se baseia

na memória, e a memória baseia-se em palavras, imagens, símbolos, quadros. Tudo isto são palavras.

Q: Mas o que a pessoa recorda não é uma palavra; é uma experiência, um evento emocional, um quadro de uma pessoa ou de um lugar. A palavra é uma associação secundária.

K: Estamos a usar palavras para descrever tudo isto. Afinal de contas, a palavra é um símbolo para indicar o que aconteceu ou está a acontecer, para comunicar ou para evocar algo. Há pensamento sem todo este processo? Sim, há, mas não deveria ser chamado pensamento. O pensamento implica uma continuação da memória, mas a perceção não é a atividade do pensamento; é realmente uma perceção da própria natureza e movimento da palavra, do símbolo, da imagem e dos seus envolvimentos emocionais. Ver isto como um todo é dar à palavra o seu lugar certo.

Q: Mas o que significa ver o todo? Diz isto frequentemente. O que quer dizer com isso?

K: O pensamento é divisivo porque em si mesmo é limitado. Observar totalmente implica a não interferência do pensamento, observar sem o passado como conhecimento a bloquear a observação. Então o observador não existe, pois o observador é o passado, a própria natureza do pensamento.

Q: Está a pedir-nos para parar o pensamento?

K: Mais uma vez, se me permite assinalar, essa é uma pergunta errada. Se o pensamento diz a si mesmo para parar de pensar, cria dualidade e conflito. Este é o próprio processo divisivo do pensamento. Se realmente apreender a verdade disto, então o pensamento fica em suspenso naturalmente. O pensamento tem então o seu próprio lugar limitado. O pensamento não tomará então toda a extensão da vida, o que está a fazer agora.

Q: Senhor, vejo que atenção extraordinária é necessária. Posso eu realmente ter essa atenção; sou suficientemente sério para dar toda a minha energia a isto?

K: Pode a energia ser dividida de todo? A energia é gasta a ganhar a vida, a ter uma família e a ser suficientemente sério para apreender o que está a ser dito. É tudo energia, mas o pensamento divide-a e, assim, gastamos muita energia no viver e muito pouca no outro. Esta arte de viver é a arte na qual não há divisão. Isto é a totalidade da vida.

INTELECTO
Aprenda a partir do livro da história de si próprio

Por que razão estamos a ser educados? Talvez nunca faça esta pergunta, mas se a fizer, qual é a sua resposta para ela? Muitas razões são apresentadas para a necessidade de ser educado, argumentos que são razoáveis, bastante necessários e mundanos. A resposta habitual é arranjar um emprego, ter uma carreira de sucesso ou tornar-se hábil com as mãos ou com a mente. É dada grande ênfase à capacidade da mente de encontrar para si própria uma carreira boa e lucrativa. Se não for intelectualmente brilhante, então a habilidade das suas mãos torna-se importante. A educação é necessária, diz-se, para sustentar a sociedade como ela é, para se conformar a um padrão estabelecido pelo chamado *Establishment*, tradicional ou ultramoderno. A mente educada tem grande capacidade para recolher informação sobre quase qualquer assunto — arte, ciência, e assim por diante. Esta mente informada é académica, profissional, filosófica.

Tal erudição é grandemente elogiada e honrada. Esta educação, se for estudioso, inteligente, rápido na sua aprendizagem, assegurar-lhe-á um futuro brilhante, dependendo o brilho dele da sua situação social e ambiental. Se não for tão brilhante neste quadro de educação, torna-se um trabalhador braçal, um operário fabril, ou tem de encontrar um lugar no fundo desta sociedade muito complexa. Este é geralmente o caminho da nossa educação.

O que é a educação? É essencialmente a arte de aprender, não apenas através de livros, mas a partir de todo o movimento da vida. A palavra impressa tornou-se consumidamente de suma importância. Está a aprender o que as outras pessoas pensam, as opiniões delas, os seus valores, os seus julgamentos e uma variedade das suas inúmeras experiências. A biblioteca é mais importante do que o homem que tem a biblioteca.

Ele próprio é a biblioteca e supõe que está a aprender através da leitura constante. Esta acumulação de informação, como num computador, é considerada como formando uma mente educada e sofisticada. Depois há aqueles que não leem de todo, que desprezam um pouco aqueles que o fazem e estão absorvidos nas suas próprias experiências centradas no eu e opiniões perentórias.

Reconhecendo tudo isto, qual é a função de uma mente holística? Queremos dizer por mente todas as reações dos sentidos, as emoções — que são inteiramente diferentes do amor — e a capacidade intelectual. Damos agora uma importância fantástica ao intelecto. Queremos dizer por intelecto a capacidade de raciocinar logicamente, com lucidez ou sem lucidez, objetivamente ou pessoalmente. É o intelecto com o seu movimento de pensamento que traz a fragmentação da nossa condição humana. Foi o intelecto que dividiu o mundo linguisticamente, nacionalmente, religiosamente — dividiu o homem do homem.

O intelecto é o fator central da degeneração da humanidade em todo o mundo, pois o intelecto é apenas uma parte da condição e capacidade humanas. Quando a parte é enaltecida, elogiada e recebe honras, quando assume suma importância, então a vida de alguém — que é relação, ação, conduta — torna-se contraditória, hipócrita. Então a ansiedade e a culpa vêm a existir.

O intelecto tem o seu lugar, como na ciência, mas o homem usou o conhecimento científico, não apenas para o seu benefício, mas para trazer instrumentos de guerra e poluição da terra. O intelecto pode perceber as suas próprias atividades, que trazem degeneração, mas é

totalmente incapaz de pôr fim ao seu próprio declínio, porque essencialmente é apenas uma parte.

Como dissemos, a educação é a essência da aprendizagem. Aprender sobre a natureza do intelecto, o seu domínio, as suas atividades, as suas vastas capacidades e o seu poder destrutivo é educação. Aprender a natureza do pensamento, que é o próprio movimento do intelecto, não a partir de um livro, mas a partir da observação do mundo ao seu redor, aprender o que está exatamente a acontecer, sem teorias, preconceitos e valores, é educação.

Aprender com os livros é importante, mas o que é muito mais importante é aprender a partir do livro da história de si próprio, porque você é toda a humanidade. Ler esse livro é a arte de aprender. Está tudo lá — as instituições, as suas pressões, as imposições e doutrinas religiosas, a sua crueldade, as suas fés. A estrutura social de todas as sociedades é a relação entre os seres humanos com a sua ganância, as suas ambições, a sua violência, os seus prazeres, as suas ansiedades. Está lá se souber como olhar.

O livro não está lá fora ou escondido em si mesmo; está ao seu redor; você é parte desse livro. O livro conta-lhe a história do ser humano, e deve ser lido nas suas relações, nas suas reações, nos seus conceitos e valores. O livro é o próprio centro do seu ser, e a aprendizagem é ler esse livro com cuidado requintado. O livro conta-lhe a história do passado, como o passado molda a sua mente, o seu coração e os seus sentidos. O passado molda o presente, modificando-se de acordo com o desafio do momento. E neste movimento sem fim do tempo os seres humanos estão presos. Este é o condicionamento do homem.

Este condicionamento tem sido o fardo sem fim do homem, de si e do seu irmão. Os filósofos, os teólogos, os santos aceitaram este condicionamento, permitiram a aceitação dele, tirando o melhor partido dele; ou ofereceram fugas para fantasias de experiências místicas, de deuses e céus. A educação é a arte de aprender sobre este condicionamento e o caminho para sair dele, a libertação deste fardo.

Há um caminho para sair, que não é uma fuga, que não aceita as coisas como elas são. Não é o evitação do condicionamento; não é a supressão dele. É a dissolução do condicionamento.

Quando lê isto ou quando ouve isto, esteja consciente de se está a escutar ou a ler com a capacidade verbal do intelecto ou com o cuidado da atenção. Quando há atenção total, não há passado, mas apenas a pura observação do que está realmente a acontecer.

VIOLÊNCIA
A comparação é um dos muitos aspetos da violência

Alguém é propenso a esquecer ou a desconsiderar a responsabilidade do educador de trazer uma nova geração de seres humanos que estejam psicologicamente, interiormente, livres de misérias, ansiedades e dores. É uma responsabilidade sagrada, a não ser facilmente posta de parte pelas ambições, estatuto ou poder de cada um. Se o educador sentir tal responsabilidade — a grandeza dela e a profundidade e beleza dessa responsabilidade —, ele encontrará a capacidade de instruir e de sustentar a sua própria energia.

Isto exige grande diligência, não um esforço periódico e fortuito. A própria responsabilidade profunda acenderá o fogo que manterá o educador como um ser humano total e um grande professor. Como o mundo está a degenerar rapidamente, deve haver em todas estas escolas um grupo de professores e estudantes que estejam dedicados a trazer uma transformação radical dos seres humanos através da educação correta. A palavra correta não é uma questão de opinião, avaliação ou algum conceito inventado pelo intelecto.

A palavra correta denota a ação total na qual cessa todo o motivo de interesse próprio. A própria responsabilidade dominante, a preocupação não apenas do educador, mas também do estudante, bane problemas perpetuados por si próprios. Por muito imatura que seja a mente, uma vez aceite esta responsabilidade, essa mesma aceitação

traz o florescer da mente. Este florescer dá-se na relação entre o estudante e o educador. Não é um assunto unilateral.

Quando ler isto, por favor, dê a sua atenção total e sinta a urgência e a intensidade desta responsabilidade. Por favor, não faça disto uma abstração, uma ideia, mas observe o facto real, o acontecimento real na leitura disto.

Quase todos os seres humanos nas suas vidas desejam poder e riqueza. Quando há riqueza, há um sentido de liberdade, e o prazer é perseguido. O desejo de poder parece ser um instinto que se expressa de muitas maneiras. Está no sacerdote, no guru, no marido ou na mulher, ou na ação de um estudante em relação a outro. O desejo de dominar ou de se submeter é um dos condicionamentos da humanidade, provavelmente herdado do animal. Esta agressividade e a submissão a ela pervertem todas as relações ao longo da vida. Este tem sido o padrão desde o início dos tempos. A humanidade aceitou isto como um modo de vida natural, com todos os conflitos e misérias que isso traz.

Basicamente, a mensuração está envolvida nisso — o mais e o menos, o maior e o menor —, o que é essencialmente comparação. A pessoa está sempre a comparar-se com outra, a comparar uma pintura com outra. Há comparação entre o maior poder e o menor, entre o tímido e o agressivo. Esta constante mensuração de poder, posição, riqueza começa quase no nascimento e continua ao longo da vida. Isto é encorajado nas escolas, faculdades e universidades.

Todo o seu sistema de classificação é esta atribuição de valor comparativo ao conhecimento. Quando A é comparado a B, que é inteligente, brilhante, assertivo, essa própria comparação destrói A. Esta destruição assume a forma de competição, de imitação e conformidade com os padrões estabelecidos por B. Isto gera, consciente ou inconscientemente, antagonismo, ciúme, ansiedade e até medo; e este torna-se o condicionamento em que A vive pelo resto da sua vida, sempre a medir, sempre a comparar psicologicamente e fisicamente.

Esta comparação é um dos muitos aspetos da violência. A palavra mais é sempre comparativa, tal como a palavra melhor. A questão é: pode o educador pôr de parte toda a comparação, toda a mensuração, no seu ensino? Pode ele aceitar o estudante como ele é, não como ele deveria ser, e não fazer julgamentos baseados em avaliações comparativas? É apenas quando há comparação entre aquele chamado inteligente e aquele chamado estúpido que existe tal qualidade como a estupidez.

Será um idiota assim por causa da comparação, ou porque é incapaz de certas atividades? Estabelecemos certos padrões que são baseados na mensuração, e aqueles que não os atingem são considerados deficientes. Quando o educador põe de parte a comparação e a mensuração, então preocupa-se com o estudante como ele é, e a sua relação com o estudante é direta e totalmente diferente. Isto é realmente muito importante de compreender. O amor não é comparativo. Não tem mensuração.

A comparação e a mensuração são caminhos do intelecto. Isto é divisivo. Quando isto é compreendido basicamente, não o significado verbal, mas a verdade real disso, a relação entre professor e estudante sofre uma mudança radical. Os testes de mensuração definitivos são os exames acompanhados de medo e ansiedades, que afetam profundamente a vida futura do estudante. Toda a atmosfera de uma escola sofre uma mudança quando não há sentido de competição, de comparação.

VALORES
Viver com clareza, que não é um valor

É uma das peculiaridades dos seres humanos cultivar valores. Desde a infância, fomos encorajados a estabelecer certos valores profundamente enraizados para nós próprios. Cada pessoa tem os seus próprios propósitos e intenções duradouros e, naturalmente, os valores de uma diferem dos de outra. Estes são cultivados pelo desejo ou pelo intelecto. São ilusórios, confortáveis, consoladores ou reais. Estes valores obviamente encorajam a divisão entre os seres humanos. Os valores são ignóbeis ou nobres de acordo com os preconceitos e intenções de cada um.

Podemos perguntar, sem enumerar vários tipos de valores, por que razão os seres humanos têm valores e quais são as suas consequências. O significado da raiz da palavra valor é força. Vem da palavra valoroso. A força não é um valor. Torna-se um valor quando é o oposto da fraqueza. A força — não a força de caráter, que é o resultado da pressão da sociedade — é a essência da clareza.

O pensamento claro é sem preconceitos, sem desvios; é a observação sem distorção. A força ou valor não é algo a ser cultivado como se cultivaria uma planta ou uma nova espécie. Não é um resultado. Um resultado tem uma causa, e quando há uma causa isso indica uma fraqueza. As consequências da fraqueza são a resistência ou a cedência. A clareza não tem causa. A clareza não é um efeito ou resultado; é a pura observação do pensamento e da atividade total do pensamento. Esta clareza é força.

Então, por que razão os seres humanos projetaram valores? É para dar orientação na vida diária? É para lhes dar um sentido de propósito sem o qual a vida parece incerta, vaga, sem direção? Mas a direção é estabelecida pelo intelecto ou pelo desejo, e assim a própria direção torna-se uma distorção. Estas distorções variam de homem para homem, e o homem agarra-se a elas no oceano agitado da confusão. Pode-se observar as consequências de ter valores: eles separam um ser humano de outro e colocam-nos uns contra os outros. Expandido, isto leva à miséria, à violência e, em última análise, à guerra.

Os ideais são valores. Ideais de qualquer tipo são uma série de valores — nacionais, religiosos, coletivos ou pessoais — e pode-se observar as consequências destes ideais à medida que estão a ocorrer no mundo. Quando se vê a verdade disto, a mente fica livre de todos os valores. Para tal mente existe apenas clareza. Uma mente que se agarra a uma experiência ou a deseja está a perseguir a falácia do valor e, assim, torna-se privada, secreta e divisiva.

Como educador, pode explicar a um estudante a necessidade de não ter valor algum, mas de viver com clareza, que não é um valor? Isto pode ser concretizado quando o próprio educador sentiu profundamente a verdade disto. Se não sentiu, então torna-se meramente uma explicação verbal sem qualquer significado profundo. Isto tem de ser transmitido não apenas aos estudantes mais velhos, mas também aos muito jovens.

Os estudantes mais velhos já estão fortemente condicionados através da pressão da sociedade e dos pais com os seus valores; ou eles próprios projetaram os seus próprios objetivos, que se tornam a sua prisão. Com os muito jovens, o que é mais importante é ajudá-los a libertarem-se de pressões e problemas psicológicos. Aos muito jovens estão agora a ser ensinados problemas intelectuais complicados; os seus estudos estão a tornar-se cada vez mais técnicos; é-lhes dada cada vez mais informação abstrata; várias formas de conhecimento estão a ser impostas aos seus cérebros, condicionando-os assim desde a infância.

Aquilo de que estamos encarregados é de ajudar os muito jovens a não terem problemas psicológicos, a estarem livres do medo, da ansiedade, da crueldade, e a terem cuidado, generosidade e afeto. Isto é muito mais importante do que a imposição de conhecimento nas suas mentes jovens. Isto não significa que a criança não deva aprender a ler, escrever e assim por diante, mas a ênfase está na liberdade psicológica em vez da aquisição de conhecimento, embora isso seja necessário. Esta liberdade não significa a criança fazer o que quer

fazer, mas compreender a natureza das suas reações e dos seus desejos.

Isto requer uma grande perceção por parte do professor. Afinal, quer que o estudante seja um ser humano completo, sem quaisquer problemas psicológicos; caso contrário, ele usará mal qualquer conhecimento que lhe seja dado. A nossa educação é para viver no conhecido e, assim, ser um escravo do passado com todas as suas tradições, memórias, experiências. A nossa vida é do conhecido para o conhecido, portanto nunca há libertação do conhecido. Se a pessoa vive constantemente no conhecido, não há nada de novo, nada de original, nada não contaminado pelo pensamento. O pensamento é o conhecido. Se a nossa educação é a constante acumulação do conhecido, então as nossas mentes e corações tornam-se mecânicos, sem aquela imensa vitalidade do desconhecido. Aquilo que tem continuidade como conhecimento é eternamente limitado; e aquilo que é limitado deve eternamente criar problemas. O fim da continuidade, que é o tempo, é o florescer do intemporal.

CENTROS DE APRENDIZAGEM
Estes lugares existem para o esclarecimento da humanidade

Os professores ou educadores são seres humanos. A sua função é ajudar o estudante a aprender não apenas este ou aquele assunto, mas a compreender toda a atividade de aprendizagem; não apenas a recolher informação sobre vários assuntos, mas primariamente a serem seres humanos completos. Estas escolas não são meramente centros de aprendizagem, devem ser centros de bondade e trazer uma mente religiosa.

Em todo o mundo, os seres humanos estão a degenerar em maior ou menor grau. Quando o prazer, pessoal ou coletivo, se torna o interesse dominante na vida — o prazer do sexo, o prazer de afirmar a própria vontade, o prazer da excitação, o prazer do interesse próprio, o prazer do poder e do estatuto, a exigência insistente de ter o seu

próprio prazer satisfeito —, há degeneração. Quando as relações humanas se tornam casuais, baseadas no prazer, há degeneração. Quando a responsabilidade perdeu totalmente o seu significado, quando não há cuidado com o outro ou com a terra e as coisas do mar, esta desconsideração pelo céu e pela terra é outra forma de degeneração.

Quando há hipocrisia em cargos elevados, quando há desonestidade no comércio, quando as mentiras fazem parte da linguagem do dia a dia, quando há a tirania de alguns, quando apenas as coisas predominam, há a traição de toda a vida. Então, matar torna-se a única linguagem da vida. Quando o prazer é tomado como amor, então os seres humanos cortaram a sua ligação com a beleza e com o caráter sagrado da vida.

O prazer é sempre pessoal, um processo isolador. Embora se pense que o prazer é algo partilhado com outro através da gratificação, é na verdade uma ação envolvente e isoladora do ego, do "eu". Quanto maior o prazer, maior é o fortalecimento do "eu". Quando há a busca do prazer, os seres humanos estão a explorar-se uns aos outros. Quando o prazer se torna dominante nas nossas vidas, a relação é explorada para este propósito, e assim não há relação real com o outro. Então a relação torna-se mercadoria. O impulso para a realização baseia-se no prazer e, quando esse prazer é negado ou não encontrou meios de expressão, então há raiva, cinismo, ódio ou amargura. Esta busca incessante do prazer é, na realidade, loucura.

Tudo isto indica, não é verdade, que o homem, apesar do seu vasto conhecimento e capacidades extraordinárias, da sua energia impulsionadora e ação agressiva, está em declínio? Este egocentrismo calculado, com os seus medos, prazeres e ansiedades, é evidente em todo o mundo.

Qual é, então, a responsabilidade total destas escolas? Certamente devem ser centros para aprender um modo de vida que não seja baseado no prazer, em atividades centradas no eu, mas na compreensão da ação correta, na profundidade e beleza da relação e

no caráter sagrado de uma vida religiosa. Quando o mundo ao nosso redor é tão utopicamente destrutivo e sem significado, estas escolas, estes centros, devem tornar-se lugares de luz e sabedoria. É da responsabilidade daqueles que estão encarregados destes lugares concretizar isto.

Como isto é urgente, as desculpas não têm significado. Ou os centros são como uma rocha ao redor da qual as águas da destruição fluem, ou vão com a corrente da decadência. Estes lugares existem para o esclarecimento da humanidade.

SOBREVIVÊNCIA HUMANA
O desejo de estar separado é a fonte da destruição

Num mundo onde a humanidade se sente ameaçada por convulsões sociais, sobrepopulação, guerras, violência aterrorizadora e insensibilidade, cada ser humano está mais do que nunca preocupado com a sua própria sobrevivência. Sobreviver implica viver com lucidez, felizmente, sem grande pressão ou tensão. Cada um de nós traduz a sobrevivência de acordo com o seu conceito particular. O idealista projeta um modo de vida que não é o real; os teóricos, sejam marxistas, religiosos ou de qualquer outra persuasão particular, estabeleceram padrões para a sobrevivência; os nacionalistas consideram a sobrevivência possível apenas num grupo ou comunidade particular. Estas diferenças ideológicas, ideais e fés são as raízes de uma divisão que está a impedir a sobrevivência humana.

Os seres humanos querem sobreviver de formas particulares, de acordo com as suas reações estreitas, de acordo com os seus prazeres imediatos, de acordo com alguma fé, de acordo com algum salvador religioso, profeta ou santo. Tudo isto não pode trazer segurança; em si mesmos são divisivos, exclusivos, limitados. Viver na esperança de sobrevivência de acordo com uma tradição, por muito antiga ou moderna que seja, não tem significado.

Soluções parciais de qualquer tipo, sejam científicas, religiosas, políticas ou económicas, já não podem assegurar a sobrevivência da humanidade. O homem tem estado preocupado com a sua própria sobrevivência individual, com a sua família, com o seu grupo, com a sua nação tribal; e porque tudo isto é divisivo, ameaça a sua sobrevivência real.

As divisões modernas de nacionalidades, de cor, de cultura, de religião são as causas da incerteza do homem sobre a sobrevivência. No tumulto do mundo de hoje, a incerteza fez o homem virar-se para autoridades, para peritos políticos, religiosos ou económicos. O especialista é inevitavelmente um perigo porque a sua resposta deve ser sempre parcial, limitada. O homem já não é individual, separado. O que afeta alguns afeta toda a humanidade. Não há fuga ou evitação do problema; já não se pode retirar da totalidade do dilema humano.

Expusemos o problema, a causa, e agora devemos encontrar a solução. Esta solução não deve depender de qualquer tipo de pressão — sociológica, religiosa, económica, política ou de qualquer organização. Não podemos possivelmente sobreviver se estivermos preocupados apenas com a nossa própria sobrevivência. Todos os seres humanos em todo o mundo estão interligados hoje. O que acontece num país afeta os outros. O homem considerou-se um indivíduo separado dos outros, mas psicologicamente um ser humano é inseparável de toda a humanidade.

Não existe tal coisa como sobrevivência psicológica. Quando há o desejo de sobreviver ou de se realizar, está psicologicamente a criar uma situação que não só separa, mas que é totalmente irreal. Psicologicamente, não pode estar separado de outro. O desejo de estar separado psicologicamente é a própria fonte de perigo e destruição.

Cada pessoa, ao afirmar-se, ameaça a sua própria existência. Quando a verdade disto é vista e compreendida, a responsabilidade do homem sofre uma mudança radical, não apenas em relação ao seu ambiente imediato, mas em relação a todas as coisas vivas. Esta responsabilidade total é a compaixão. Esta compaixão atua através da

inteligência. Esta inteligência não é parcial, individual, separada. A compaixão nunca é parcial. A compaixão é pelo caráter sagrado de todas as coisas vivas.

COOPERAÇÃO
A cooperação exige grande honestidade

Deveríamos considerar muito seriamente, não apenas nestas escolas, mas também como seres humanos, a capacidade de trabalhar juntos — de trabalhar juntos com a natureza, as coisas vivas da terra e também com outros seres humanos. Como seres sociais, existimos para nós próprios. As nossas leis, os nossos governos, as nossas religiões enfatizam a separação da humanidade e, durante os séculos, isto desenvolveu-se em homem contra homem. Está a tornar-se cada vez mais importante, se quisermos sobreviver, que haja um espírito de cooperação com o universo, com todas as coisas do mar e da terra.

Pode-se ver em todas as estruturas sociais o efeito destrutivo da fragmentação a ocorrer: nação contra nação, um grupo contra outro grupo, uma família contra outra família, um indivíduo contra outro. É o mesmo religiosamente, socialmente e economicamente. Cada um está a lutar por si próprio, pela sua classe ou pelo seu interesse particular na comunidade. Esta divisão de crenças, ideais, conclusões e preconceitos está a impedir o espírito de cooperação de florescer.

Somos seres humanos, não identidades tribais, exclusivas e separadas. Somos seres humanos presos em conclusões, teorias, fés. Somos criaturas vivas, não rótulos. É a nossa circunstância humana que nos faz procurar comida, roupas e abrigo à custa dos outros. O nosso próprio pensamento é separativo, e toda a ação que brota deste pensamento limitado deve impedir a cooperação. A estrutura económica e social, como é agora, incluindo religiões organizadas, intensifica a exclusividade, a separação. Esta falta de cooperação traz, em última análise, guerras e a destruição do homem. É apenas durante

crises ou desastres que parecemos unir-nos e, quando eles passam, estamos de volta ao nosso antigo estado.

Parecemos incapazes de viver e trabalhar juntos harmoniosamente. Terá este processo isolador e agressivo ocorrido porque o nosso cérebro, que é o centro do nosso pensamento, do nosso sentimento, se tornou, desde tempos antigos, por necessidade, tão condicionado a procurar a sua própria sobrevivência pessoal? Será porque este processo isolador se identifica com a família, com a tribo, e se torna num nacionalismo glorificado? Não estará todo o isolamento ligado a uma necessidade de identificação e realização?

Não terá a importância do eu sido cultivada através da evolução pela oposição do "eu" e do "tu", do "nós" e do "eles"? Não terão todas as religiões enfatizado a salvação pessoal, o iluminação pessoal, a realização pessoal, tanto religiosamente como no mundo? Ter-se-á a cooperação tornado impossível porque demos tanta importância ao talento, à especialização, à realização, ao sucesso, que todos enfatizam a separação? Será porque a cooperação humana se centrou em algum tipo de autoridade de governo ou religião, ao redor de alguma ideologia ou conclusão, que depois inevitavelmente traz o seu oposto destrutivo?

O que significa cooperar, não a palavra, mas o espírito dela? Não pode possivelmente cooperar com outro, com a terra e as suas águas, a não ser que você mesmo seja harmonioso, não dividido, não contraditório. Não pode cooperar se você mesmo estiver sob tensão, pressão, conflito. Como pode cooperar com o universo se está preocupado consigo próprio, com os seus problemas, com as suas ambições? Não pode haver cooperação se todas as suas atividades forem centradas no eu e se estiver ocupado com o seu próprio egoísmo, com os seus próprios desejos e prazeres secretos. Enquanto o intelecto com os seus pensamentos dominar todas as suas ações, obviamente não pode haver cooperação, pois o pensamento é parcial, estreito e eternamente divisivo.

A cooperação exige grande honestidade. A honestidade não tem motivo. A honestidade não é um ideal, uma fé. A honestidade é clareza, a perceção clara das coisas como elas são. A perceção é atenção. Essa mesma atenção projeta luz, com toda a sua energia, sobre aquilo que está a ser observado. Esta luz da perceção traz uma transformação da coisa observada.

Não há sistema através do qual se aprenda a cooperar. Não é para ser estruturado e classificado. A sua própria natureza exige que haja amor, e esse amor não é mensurável; pois quando se compara, que é a essência da mensuração, o pensamento entrou. Onde o pensamento está, o amor não está.

Agora, pode isto ser transmitido ao estudante, e pode a cooperação existir entre educadores nestas escolas? Estas escolas são centros de uma nova geração com uma nova perspetiva, com um novo sentido de serem cidadãos do mundo, preocupados com todas as coisas vivas deste mundo. É a sua grave responsabilidade trazer este espírito de cooperação.

INTELIGÊNCIA
A própria natureza da inteligência é a sensibilidade, que é amor

A inteligência e a capacidade do intelecto são duas coisas inteiramente diferentes. Talvez estas duas palavras derivem da mesma raiz, mas, de modo a clarificar o pleno significado da compaixão, devemos ser capazes de distinguir a diferença de significado entre as duas. O intelecto é a capacidade de discernir, de raciocinar, imaginar, criar ilusões, pensar claramente e também pensar de forma não objetiva, pessoalmente. O intelecto é geralmente considerado diferente da emoção, mas usamos a palavra intelecto para transmitir toda a capacidade humana de pensamento. O pensamento é a resposta da memória acumulada através de várias experiências, reais ou imaginadas, que estão armazenadas como conhecimento no cérebro. Portanto, a capacidade do intelecto é pensar. O pensamento é limitado

sob todas as circunstâncias e, quando o intelecto domina as nossas atividades, tanto no mundo exterior como no interior, naturalmente as nossas ações devem ser parciais, incompletas. Isto traz arrependimento, ansiedade e dor.

Todas as teorias e ideologias são em si mesmas parciais e, quando cientistas, técnicos e chamados filósofos dominam a nossa sociedade, a nossa moral e, assim, as nossas vidas diárias, então nunca somos confrontados com as realidades do que está realmente a acontecer. Estas influências moldam as nossas perceções, a nossa compreensão direta. É o intelecto que encontra explicações para o malfazer, bem como para o bem-fazer. Racionaliza o mau comportamento, o assassínio e as guerras. Define o bem como o oposto do mal. O bem não tem oposto. Se o bem estivesse relacionado com o mal, então a bondade teria em si as sementes do mal. Nesse caso, não seria bondade. Mas o intelecto é incapaz, devido à sua própria capacidade divisiva, de compreender a plenitude do bem.

O intelecto, o pensamento, está sempre a comparar, a avaliar, a competir, a imitar; por isso, tornamo-nos seres humanos conformados, de segunda mão. O intelecto deu enormes benefícios à humanidade, mas também trouxe grande destruição. Cultivou as artes da guerra, mas é incapaz de apagar as barreiras entre os seres humanos. A ansiedade faz parte da natureza do intelecto, tal como a ferida, pois o intelecto, que é o pensamento, cria a imagem que é depois capaz de ser ferida.

Quando se compreende toda a natureza e movimento do intelecto e do pensamento, pode-se começar a investigar o que é a inteligência. A inteligência é a capacidade de perceber o todo. A inteligência é incapaz de dividir os sentidos, as emoções e o intelecto uns dos outros; considera-os como um movimento unitário. Porque a sua perceção é sempre total, a inteligência é incapaz de dividir o homem do homem e de colocar o homem contra a natureza. Porque na sua própria natureza a inteligência é total, ela é incapaz de matar.

Praticamente todas as religiões disseram não matarás, mas nunca impediram a matança. Algumas religiões disseram que as coisas da terra, incluindo as criaturas vivas, foram ali colocadas para uso do homem — portanto, para as matar e destruir. Matar por prazer, matar por comércio, matar por nacionalismo, matar por ideologias, matar pela própria fé, tudo é aceite como um modo de vida. À medida que vamos matando as coisas vivas da terra e do mar, vamos tornando-nos cada vez mais isolados, e neste isolamento tornamo-nos cada vez mais gananciosos, procurando o prazer sob todas as formas.

O intelecto pode perceber isto, mas é incapaz de uma ação completa. A inteligência, que é inseparável do amor, nunca matará. "Não matar", se for um conceito, um ideal, não é inteligência. Quando a inteligência está ativa na nossa vida diária, ela dir-nos-á quando cooperar e quando não cooperar. A própria natureza da inteligência é a sensibilidade, e esta sensibilidade é o amor. Sem esta inteligência não pode haver compaixão. A compaixão não é a prática de atos de caridade ou de reforma social; está livre de sentimentalismo, de romantismo e de entusiasmo emocional. É tão forte como a morte. É como uma grande rocha, imóvel no meio da confusão, da miséria e da ansiedade. Sem esta compaixão, nenhuma nova cultura ou sociedade pode vir a existir.

A compaixão e a inteligência caminham juntas; não estão separadas. A compaixão atua através da inteligência. Nunca pode atuar através do intelecto. A compaixão é a essência da totalidade da vida.

O MOVIMENTO DO PENSAMENTO
O pensamento usa e destrói

Os seres humanos em todo o mundo fizeram do intelecto um dos fatores mais importantes da nossa vida diária. Os antigos hindus, os egípcios e os gregos, todos consideraram o intelecto a função mais importante da vida. Até os budistas lhe deram importância. Em todas as universidades, faculdades e escolas por todo o mundo, quer sob

regimes totalitários quer nas chamadas democracias, o intelecto tem desempenhado um papel dominante.

Entendemos por intelecto a capacidade de compreender, de discernir, de escolher, de ponderar — como em toda a tecnologia da ciência moderna. Não é a essência do intelecto todo o movimento do pensamento? O pensamento domina o mundo, tanto na vida exterior como na vida interior. O pensamento criou todos os deuses do mundo, todos os rituais, os dogmas, as crenças. O pensamento também criou as catedrais, os templos, as mesquitas, com a sua arquitetura maravilhosa, e os santuários locais.

O pensamento tem sido responsável pela tecnologia interminável e expansiva, pelas guerras e pelo material de guerra, pela divisão das pessoas em nações, em classes e em raças. O pensamento foi, e provavelmente ainda é, o instigador da tortura em nome de Deus, da paz, da ordem. Também tem sido responsável pelas revoluções, pelos terroristas, por conceber um princípio supremo e ideais pragmáticos. Vivemos pelo pensamento. As nossas ações baseiam-se no pensamento; as nossas relações também se fundam no pensamento. Assim, o intelecto tem sido adorado ao longo dos tempos.

Mas o pensamento não criou a natureza — os céus com as suas estrelas em expansão, a terra com toda a sua beleza, com os seus vastos mares e terras verdes. O pensamento não criou a árvore, mas o pensamento usou a árvore para construir a casa, para fazer a cadeira. O pensamento usa e destrói. O pensamento não pode criar o amor, o afeto e a qualidade da beleza. Teceu uma teia de ilusões e de realidades. Quando vivemos apenas pelo pensamento, com todas as suas complexidades e subtilezas, com os seus propósitos e direções, perdemos a grande profundidade da vida, pois o pensamento é superficial.

Embora pretenda aprofundar-se, o próprio instrumento é incapaz de penetrar além das suas próprias limitações. Pode projetar o futuro, mas esse futuro nasce das raízes do passado. As coisas que o pensamento criou são reais, concretas — como uma mesa, como a

imagem que adora. A imagem, o símbolo que adora e muitas ilusões românticas, idealistas e humanitárias são reunidos pelo pensamento. Os seres humanos aceitam e vivem com as coisas do pensamento — o dinheiro, a posição, o estatuto e o luxo de uma liberdade que o dinheiro traz. Este é todo o movimento do pensamento e do intelecto, e é através desta janela estreita da nossa vida que olhamos para o mundo.

Haverá algum movimento que não seja do intelecto e do pensamento? Esta tem sido a busca de muitos esforços religiosos, filosóficos e científicos. Quando usamos a palavra religião, não nos referimos ao absurdo da crença, dos rituais, do dogma e da estrutura hierárquica. Entendemos por homens religiosos ou mulheres religiosas aqueles que se libertaram de séculos de propaganda, do peso morto da tradição, antiga ou moderna.

Os filósofos que se entregam a teorias, a conceitos, a buscas ideacionais não podem explorar além da janela estreita do pensamento, nem o poderá o cientista com as suas capacidades extraordinárias, com o seu pensamento talvez original, com o seu imenso conhecimento. O conhecimento é o armazém da memória, mas deve haver libertação do conhecido para explorar aquilo que está além dele. Para isso, deve haver liberdade para investigar sem qualquer vínculo, sem qualquer apego à própria experiência, às próprias conclusões, a todas as coisas que o homem impôs a si próprio. Para essa exploração, o intelecto tem de estar quieto, em absoluta tranquilidade, sem um sussurro de pensamento.

A nossa educação baseia-se agora no cultivo do intelecto, do pensamento e do conhecimento, que são necessários no campo da nossa ação diária; mas eles não têm lugar na nossa relação psicológica uns com os outros, pois a própria natureza do pensamento é divisiva e destrutiva. Quando o pensamento domina todas as nossas atividades e todas as nossas relações, produz um mundo de violência, terror, conflito e miséria.

Nestas escolas, a dominância do pensamento deve ser uma preocupação de todos nós, jovens e velhos.

CONHECER-SE A SI PRÓPRIO
Tem de ser bom porque você é o futuro

Deveríamos compreender, logo desde o início deste novo ano, que estamos primariamente preocupados com o aspeto psicológico da nossa vida, embora não vamos negligenciar o lado físico, biológico. O que a pessoa é interiormente acabará por produzir uma boa sociedade ou a deterioração gradual da relação humana. Estamos preocupados com ambos os aspetos da vida, não dando predominância a um ou a outro, embora o psicológico — isto é, o que somos interiormente — vá ditar o nosso comportamento, a nossa relação com os outros.

Parecemos negligenciar totalmente as realidades mais profundas e mais amplas da vida, e dar uma importância muito maior aos aspetos físicos, às atividades diárias, por mais relevantes ou irrelevantes que sejam. Por isso, por favor, tenha em mente que nestas cartas estamos a abordar a nossa existência do interior para o exterior, e não o contrário. Embora a maioria das pessoas esteja preocupada com o exterior, a nossa educação tem de estar preocupada em trazer uma harmonia entre o exterior e o interior; isto não pode de modo algum acontecer se os nossos olhos estiverem fixos apenas no exterior.

Entendemos por interior todo o movimento do pensamento, os nossos sentimentos tanto razoáveis como irrazoáveis, as nossas imaginações, as nossas crenças, os nossos apegos felizes e infelizes, os nossos desejos secretos com as suas contradições, as nossas experiências, suspeitas, violência, e assim por diante. As ambições ocultas, as ilusões a que a mente se agarra, as superstições da religião e o conflito aparentemente eterno dentro de nós próprios também fazem parte da nossa estrutura psicológica. Se formos cegos a isto, ou se aceitarmos isto como uma parte inevitável da nossa natureza humana, permitiremos uma sociedade na qual nós próprios nos

tornamos prisioneiros. Por isso, isto é realmente importante de compreender.

Certamente que cada estudante em todo o mundo vê o efeito do caos ao nosso redor, e espera escapar para algum tipo de ordem exterior, mesmo que em si próprio possa estar num tumulto absoluto. Quer mudar o exterior sem se mudar a si próprio, mas ele é a fonte e a continuação da desordem. Isto é um facto, não uma conclusão pessoal. Por isso, estamos preocupados na nossa educação em mudar a fonte da desordem e a sua continuação. São os seres humanos que criam a sociedade, não alguns deuses em algum céu.

Por isso, começamos com o estudante. A própria palavra implica estudar, aprender e atuar. A educação básica é aprender não apenas nos livros e com os professores, mas estudar e aprender sobre si próprio. Se não sabe sobre si próprio, e está a encher a sua mente com os factos do universo, está meramente a aceitar e a continuar a desordem. Provavelmente, como estudante, não está interessado nisto. Quer divertir-se, perseguir os seus próprios interesses. É forçado a estudar, e só o faz sob pressão, aceitando as comparações e os resultados inevitáveis com os olhos fixos em algum tipo de carreira. Este é o seu interesse básico, o que parece natural, porque os seus pais e os seus avós seguiram o mesmo caminho — emprego, casamento, filhos, responsabilidade. Enquanto estiver seguro, pouco se importa com o que está a acontecer ao seu redor. Esta é a sua relação real com o mundo, o mundo que os seres humanos criaram. O imediato é muito mais real, importante e exigente para si do que o todo.

Mas a sua preocupação e a preocupação do educador é e deve ser compreender a totalidade da existência humana, não uma parte, mas o todo. A parte é apenas o conhecimento das descobertas físicas humanas. Por isso, aqui, nestas cartas, começamos primariamente consigo, o estudante, e com o educador que o está a ajudar a conhecer-se a si próprio. Esta é a função de toda a educação. Precisamos de produzir uma boa sociedade na qual todos os seres humanos possam viver felizes e em paz, sem violência, com segurança.

Você, como estudante, é responsável por isto. Uma boa sociedade não vem a existir através de algum ideal, de um herói ou de um líder, ou de algum sistema cuidadosamente planeado. Tem de ser bom porque você é o futuro. Você fará o mundo, quer como ele é, modificado, quer como um mundo no qual você e os outros possam viver sem guerras, sem brutalidades, com generosidade e afeto.

Portanto, o que fará? Compreendeu o problema, o que não é difícil, por isso o que fará? A maioria de vós é instintivamente bondosa, boa e quer ajudar, a menos, claro, que tenha sido demasiado esmagada e distorcida, o que se espera que não aconteça. Por isso, o que fará? Se o educador valer o seu sal, quererá ajudá-lo. Então a pergunta é: o que farão juntos para o ajudar a estudar-se a si próprio, a aprender sobre si próprio e a atuar? Pararemos aqui com esta carta e continuaremos na nossa próxima.

AFETO
Quando se preocupa, a violência sob todas as formas desaparece de si

Para continuar com o que estávamos a dizer na nossa carta anterior, estávamos a assinalar a sua responsabilidade de estudar, de aprender e de atuar. Como é jovem e talvez inocente, entregue à excitação e aos jogos, a palavra responsabilidade parecerá bastante assustadora e um fardo cansativo. Mas estamos a usar a palavra para implicar cuidado e preocupação pelo nosso mundo. Quando usamos esta palavra, os estudantes não devem sentir qualquer sentimento de culpa se não tiverem mostrado esse cuidado e atenção.

Afinal de contas, os seus pais, que se sentem responsáveis por si, para que estude e se prepare para a sua vida futura, não se sentem culpados, embora se possam sentir desiludidos ou infelizes se não corresponder às expectativas deles. Devemos compreender claramente que quando usamos a palavra responsabilidade não deve haver um sentimento de culpa. Estamos a ter um cuidado particular em usar esta palavra livre do peso infeliz de uma palavra como dever. Quando isto

for claramente compreendido, então podemos usar a palavra responsabilidade sem o seu fardo de tradição.

Portanto, está na escola com esta responsabilidade de estudar, de aprender, de atuar. Este é o propósito principal da educação.

Na nossa carta anterior colocámos a pergunta: o que fará em relação a si próprio e à sua relação com o mundo? Como dissemos, o educador, o professor, é responsável por ajudá-lo a compreender-se a si próprio e, assim, o mundo. Fazemos esta pergunta para que descubra por si próprio qual é a sua resposta. É um desafio a que tem de responder. Tem de começar consigo próprio, para se compreender a si próprio. Em relação a isso, qual é o primeiro passo? Não é o afeto? Provavelmente, quando é jovem tem esta qualidade, mas muito rapidamente parece perdê-la. Porquê?

Será por causa da pressão dos estudos, da pressão da competição, da pressão de tentar atingir um certo nível nos seus estudos, comparando-se com os outros, e talvez sendo intimidado por outros estudantes? Não o forçam todas estas muitas pressões a estar preocupado consigo próprio? E quando está tão preocupado consigo próprio, perde inevitavelmente a qualidade do afeto. É muito importante compreender como as circunstâncias — o meio ambiente, a pressão dos seus pais ou o seu próprio impulso de conformidade — estreitam gradualmente a vasta beleza da vida ao pequeno círculo de si próprio.

Se perder a qualidade do afeto enquanto é jovem, há um endurecimento do coração e da mente. É uma coisa rara manter este afeto sem corrupção ao longo da vida. Por isso, esta é a primeira coisa que tem de ter.

O afeto implica cuidado, um cuidado diligente em tudo o que faz — cuidado na sua fala, no seu vestuário, na maneira como come, no modo como cuida do seu corpo; cuidado no seu comportamento sem distinções de superior ou inferior, em como considera as pessoas. A cortesia é consideração pelos outros, e esta consideração é cuidado,

quer seja pelo seu irmão mais novo quer pela sua irmã mais velha. Quando se preocupa, a violência sob todas as formas desaparece de si — a sua raiva, o seu antagonismo e o seu orgulho. Este cuidado implica atenção. Atenção é vigiar, observar, escutar, aprender. Há muitas coisas que pode aprender nos livros, mas há uma aprendizagem que é infinitamente clara, rápida e sem qualquer ignorância.

A atenção implica sensibilidade, e isto dá profundidade à perceção, que nenhum conhecimento, com a sua ignorância relacionada, pode dar. Isto tem de estudar, não num livro, mas com a ajuda do educador aprender a observar as coisas ao seu redor — o que está a acontecer no mundo; o que está a acontecer com um colega estudante; o que está a acontecer numa aldeia pobre ou num bairro de lata e ao homem que luta ao longo de uma rua suja.

A observação não é um hábito. Não é uma coisa para a qual se treine a fazer mecanicamente. É o olhar fresco de interesse, de cuidado, de sensibilidade. Não se pode treinar para ser sensível. Quando é jovem é sensível, rápido nas suas perceções, mas isto esvanece-se à medida que envelhece.

Por isso, tem de estudar-se a si próprio, e talvez o seu professor o ajude. Se ele não o fizer, não importa, porque é da sua responsabilidade estudar-se a si próprio e assim aprender o que é. E quando há afeto, as suas ações nascerão da sua pureza. Tudo isto pode parecer muito duro, mas não é. Negligenciámos todo este lado da vida. Estamos tão preocupados com as nossas carreiras, com os nossos próprios prazeres, com a nossa própria importância, que negligenciamos a grande beleza do afeto.

Há duas palavras que se deve ter continuamente em mente — diligência e negligência. Aplicamos diligentemente a nossa mente a adquirir conhecimento dos livros, dos professores; passamos vinte ou mais anos da nossa vida nisso, e negligenciamos o estudo do significado mais profundo da nossa própria vida em si. Temos tanto o exterior como o interior. O interior exige maior diligência do que o

exterior. É uma exigência urgente. E esta diligência está no estudo afetuoso daquilo que se é.

VER O FACTO
As pessoas vivem com ideias e crenças não relacionadas com as suas vidas diárias

A crueldade é uma doença contagiosa, e a pessoa tem de se guardar rigorosamente contra ela. Alguns estudantes parecem ter esta infeção peculiar, e de algum modo dominam gradualmente os outros. Provavelmente sentem que é muito varonil, pois os seus mais velhos são frequentemente cruéis nas suas palavras, nas suas atitudes, nos seus gestos, no seu orgulho. Esta crueldade existe no mundo. A responsabilidade do estudante — e por favor lembre-se com que significado estamos a usar essa palavra responsabilidade — é evitar qualquer forma de crueldade.

Uma vez, há muitos anos, fui convidado a falar numa escola na Califórnia, e quando estava a entrar na escola um rapaz de cerca de dez anos passou por mim com uma ave grande cujas patas partidas estavam presas numa armadilha. Parei e olhei para o rapaz sem dizer uma palavra. O rosto dele expressava medo, e quando terminei a palestra e saí, o rapaz, um estranho, aproximou-se de mim com lágrimas nos olhos e disse: ‘Senhor, nunca mais voltará a acontecer’. Ele estava com medo que eu dissesse ao diretor e que houvesse uma cena por causa disso; mas como não disse uma palavra, quer ao rapaz quer ao diretor, sobre o incidente cruel, a tomada de consciência dele sobre a coisa terrível que tinha feito fez com que percebesse a enormidade do ato.

É importante estarmos conscientes das nossas próprias atividades. Se há afeto, então a crueldade não tem lugar na nossa vida em momento algum. Nos países ocidentais, vê-se aves cuidadosamente criadas e mais tarde na época disparadas por desporto e depois comidas. A crueldade da caça, de matar pequenos animais, tornou-se parte da nossa civilização, como a guerra, como a tortura, e os atos de

terroristas e raptores. Nas nossas relações pessoais íntimas, também há uma grande dose de crueldade, raiva, ferirmo-nos uns aos outros.

O mundo tornou-se um lugar perigoso para se viver. Nas nossas escolas, qualquer forma de coação, ameaça, raiva tem de ser total e completamente evitada, pois tudo isto endurece o coração e a mente, e o afeto não pode coexistir com a crueldade. Compreende, como estudante, quão importante é perceber que qualquer forma de crueldade não só endurece o seu coração, mas também perverte o seu pensamento, distorce as suas ações. A mente, tal como o coração, é um instrumento delicado, sensível e muito capaz, e quando a crueldade e a opressão lhe tocam, então há um endurecimento do eu. O afeto, o amor, não tem um centro como o eu.

Agora, tendo lido isto e tendo compreendido até aqui o que é dito, o que fará em relação a isso? Estudou o que foi dito; está a aprender o conteúdo destas palavras. Qual é então a sua ação? A sua resposta não é meramente estudar e aprender, mas também atuar. A maioria de nós sabe e está consciente de todas as implicações da crueldade e do que ela realmente faz, tanto exterior como interiormente. Deixamo-nos ficar por aí sem fazer nada em relação a isso, pensando uma coisa e fazendo exatamente o oposto. Isto não só gera uma grande dose de conflito, mas também hipocrisia.

A maioria dos estudantes não gosta de ser hipócrita: gosta de olhar para os factos, mas nem sempre atua. Por isso, a responsabilidade do estudante é ver os factos sobre a crueldade, e sem qualquer persuasão ou lisonja compreender o que está implícito e fazer algo em relação a isso. O fazer é talvez uma responsabilidade maior. As pessoas geralmente vivem com ideias e crenças totalmente não relacionadas com o modo como conduzem a sua vida diária, e por isso isto torna-se naturalmente hipocrisia. Por isso não seja um hipócrita, o que não significa que deva ser indelicado, agressivo ou excessivamente crítico. Quando há afeto, há inevitavelmente cortesia sem hipocrisia.

Qual é a responsabilidade do professor — que estudou, aprendeu e atua — em relação ao estudante? A crueldade tem muitas formas: pode estar num olhar, num gesto, numa observação afiada e, acima de tudo, na comparação. Todo o nosso sistema educativo se baseia na comparação. Dizemos que A é melhor do que B, e por isso B tem de se conformar a A ou imitá-lo. Isto, em essência, é crueldade, ultimamente expressa nos exames. Qual é a responsabilidade do educador que vê a verdade disto? Como ensinará ele qualquer matéria sem usar recompensa e punição, sabendo que tem de haver algum tipo de relatório a indicar a capacidade do estudante? Pode o professor fazer isto? É compatível com o afeto? Se a realidade central do afeto estiver lá, tem a comparação algum lugar? Pode o professor eliminar em si próprio a dor da comparação?

Toda a nossa civilização se baseia na comparação hierárquica, tanto exterior como interiormente, o que nega o sentido de afeto profundo. Podemos eliminar das nossas mentes o melhor, o mais, o estúpido, o inteligente, todo este pensamento comparativo? Se o professor compreendeu a dor da comparação, qual é a sua responsabilidade no seu ensino e na sua ação? Uma pessoa que apreendeu realmente o significado da dor da comparação está a atuar a partir da inteligência.

RECOMPENSA E PUNIÇÃO
A ação baseada na recompensa e na punição produz conflito

Em todas estas cartas temos estado constantemente a assinalar que a cooperação entre o educador e o estudante é a responsabilidade de ambos. A palavra cooperação implica trabalhar juntos, mas não podemos trabalhar juntos se não estivermos a olhar na mesma direção com os mesmos olhos e a mesma mente. A palavra mesma, tal como a estamos a usar, sob circunstância alguma implica uniformidade, conformidade ou aceitar, obedecer, imitar. Na cooperação um com o outro, trabalhando juntos, o estudante e o professor têm de ter uma relação que é essencialmente baseada no afeto. A maioria das pessoas

coopera se estiver a construir, se estiver a jogar, ou se estiver envolvida em investigação científica, ou se estiver a trabalhar junta por um ideal, uma crença, ou por algum conceito que seja levado a cabo para algum benefício pessoal ou coletivo. Ou cooperam ao redor de uma autoridade religiosa ou política.

Para estudar, aprender e atuar, a cooperação é necessária entre o professor e o estudante. Ambos estão envolvidos. O educador pode saber muitas matérias e factos, mas transmiti-los ao estudante torna-se uma luta entre os dois se não houver a qualidade do afeto. Estamos preocupados não apenas com o conhecimento do mundo, mas também com o estudo de si próprio, no qual a aprendizagem e a ação estão envolvidas. Tanto o educador como o estudante estão envolvidos nisto, e aqui a autoridade cessa.

Para aprender sobre si próprio, o educador está preocupado não apenas consigo próprio, mas com o estudante. Nesta interação com as suas reações, começa-se a ver a natureza de si próprio — os pensamentos, os desejos, os apegos, as identificações, e assim por diante. Cada um está a atuar como um espelho para o outro; cada um está a observar no espelho exatamente o que é, porque, como assinalámos anteriormente, a compreensão psicológica de si próprio é muito mais importante do que recolher factos e armazená-los como conhecimento para habilidade na ação.

O interior vence sempre o exterior. Isto tem de ser claramente compreendido tanto pelo educador como pelo estudante. O exterior não mudou o homem; as atividades exteriores — revolução física, controlo físico do meio ambiente — não mudaram profundamente o ser humano, os seus preconceitos e superstições. Profundamente, os seres humanos permanecem como têm sido há milhares de anos. A educação correta é transformar esta condição básica. Quando isto é realmente apreendido pelo educador, embora ele possa ter matérias para ensinar, a sua principal preocupação tem de ser com a revolução radical na psique, no “você” e no “eu”.

E aqui entra a importância da cooperação entre os dois que estão a estudar, a aprender e a atuar juntos. Não é o espírito de uma equipa, ou o espírito de uma família, ou a identificação com um grupo ou nação. É a livre investigação sobre nós próprios, sem a barreira daquele que sabe e daquele que não sabe. Esta é a barreira mais destrutiva, especialmente em matérias de conhecer-se a si próprio. Não há líder nem liderado nesta matéria. Quando isto é plenamente apreendido, e com afeto, então a comunicação entre o estudante e o professor torna-se fácil, clara e não a um nível meramente verbal. O afeto não carrega pressão; nunca é tortuoso. É direto e simples.

Tendo dito tudo isto, e se ambos estudaram o que foi dito, qual é a qualidade da vossa mente e do vosso coração? Há uma mudança que não seja induzida por influência ou por mero estímulo que possa dar uma ilusão de mudança? O estímulo é como uma droga: passa e volta-se ao ponto em que se estava. Qualquer forma de pressão ou influência também atua da mesma maneira. Se atua sob estas circunstâncias, não está realmente a estudar e a aprender sobre si próprio. A ação baseada na recompensa e na punição, na influência ou na pressão, traz inevitavelmente o conflito.

Assim é, mas poucas pessoas veem a verdade disto e, por isso, desistem, ou dizem que é impossível num mundo prático, ou que é idealista, algum conceito utópico. Mas não é. É eminentemente prático e exequível. Por isso não se deixe dissuadir pelos tradicionalistas, pelos conservadores, ou por aqueles que se agarram à ilusão de que a mudança só pode vir do exterior.

Quando estuda e aprende sobre si próprio, surge uma força extraordinária, baseada na clareza, que pode resistir a todo o absurdo do *Establishment*. Esta força não é uma forma de resistência ou obstinação centrada no eu ou vontade, mas é uma observação diligente do exterior e do interior. É a força do afeto e da inteligência.

COMUNICAÇÃO
Comunicação é aprender uns com os outros

Vem para estas escolas com o seu próprio historial, tradicional ou livre, com disciplina ou sem disciplina, obedecendo ou relutante e desobedecendo, em revolta ou conformando-se. Os seus pais são ou negligentes ou muito diligentes consigo. Alguns podem sentir-se muito responsáveis, outros não. Vem com todos estes problemas, com famílias destruídas, incerto ou assertivo, querendo fazer a sua vontade ou aquiescendo timidamente, mas rebelando-se interiormente.

Nestas escolas é livre, e todas as perturbações das vossas vidas jovens entram em jogo. Quer fazer a sua vontade e ninguém no mundo pode fazer a sua própria vontade. Tem de compreender isto muito seriamente; não pode fazer a sua própria vontade. Ou aprende a ajustar-se com compreensão, com razão, ou é quebrado pelo novo ambiente em que entrou. É muito importante compreender isto.

Nestas escolas, os educadores explicam as coisas cuidadosamente, e pode discutir com eles, ter um diálogo e ver por que razão certas coisas têm de ser feitas. Quando se vive numa pequena comunidade de professores e estudantes, é necessário que estes tenham uma boa relação uns com os outros, que seja amigável, afetuosa e que tenha uma certa qualidade de compreensão atenta. Ninguém, especialmente hoje em dia vivendo numa sociedade livre, gosta de regras, mas as regras tornam-se totalmente desnecessárias quando você e o educador adulto compreendem, não apenas verbalmente e intelectualmente, mas com o coração, que certas disciplinas são necessárias.

A palavra disciplina foi arruinada pelos autoritários. Cada ofício tem a sua própria disciplina, a sua própria habilidade. A palavra disciplina vem da palavra discípulo, que significa aprender — aprender, não conformar-se, não rebelar-se, mas aprender sobre as suas próprias reações e o seu próprio historial e como estes o limitam, e ir além deles.

A essência da aprendizagem é o movimento constante sem um ponto fixo. Se o seu ponto se torna o seu preconceito, as suas opiniões

e conclusões, e começa a partir dessa limitação, então cessa de aprender. A aprendizagem é infinita. A mente que está constantemente a aprender está além de todo o conhecimento. Por isso, está aqui para aprender, bem como para comunicar.

A comunicação não é apenas a troca de palavras, por mais articuladas e claras que essas palavras possam ser; é muito mais profunda do que isso. Comunicação é aprender uns com os outros, compreenderem-se uns aos outros; e isto chega ao fim quando assume uma posição definitiva sobre algum ato trivial ou não totalmente ponderado.

Quando se é jovem, há um impulso para se conformar, para não se sentir de fora. Aprender a natureza e as implicações da conformidade traz a sua própria disciplina peculiar. Por favor, tenha sempre em mente, quando usamos a palavra disciplina, que tanto o estudante como o educador estão numa relação de aprendizagem, não de afirmação e aceitação. Quando isto é claramente compreendido, as regras tornam-se desnecessárias.

Quando isto não é claro, então têm de ser feitas regras. Pode rebelar-se contra as regras, contra ser-lhe dito o que fazer ou não fazer, mas quando compreende rapidamente a natureza da aprendizagem, as regras desaparecerão completamente. São apenas os obstinados, os que afirmam o eu, que provocam as regras — farás e não farás.

A aprendizagem não nasce da curiosidade. Pode estar curioso sobre o sexo. Essa curiosidade baseia-se no prazer, em algum tipo de excitação, nas atitudes dos outros. O mesmo se aplica ao álcool, às drogas, ao tabaco. A aprendizagem é muito mais profunda e mais extensa. Aprende sobre o universo não por prazer ou curiosidade, mas a partir da sua relação com o mundo.

Dividimos a aprendizagem em categorias separadas dependendo das exigências da sociedade ou da sua própria inclinação pessoal. Não estamos a falar de aprender sobre algo, mas da qualidade da mente

que está disposta a aprender. Pode aprender a tornar-se um bom carpinteiro, um jardineiro ou um engenheiro. Quando adquire habilidade nestas coisas, estreitou a sua mente num instrumento que pode funcionar talvez habilmente num certo padrão. É a isto que se chama aprendizagem. Isto dá uma certa segurança financeira, e talvez seja tudo o que se deseja, por isso criamos uma sociedade que fornece aquilo que lhe pedimos. Mas quando há esta qualidade extra de aprendizagem que não é sobre algo, então tem uma mente e, claro, um coração que estão intemporalmente vivos.

A disciplina não é controlo ou subjugação. A aprendizagem implica atenção; isto é, ser diligente. É apenas a mente negligente que nunca está a aprender. Está a forçar-se a aceitar quando é superficial, descuidada, indiferente. Uma mente diligente está ativamente a observar, a examinar, nunca afundando em valores e crenças de segunda mão. Uma mente que está a aprender é uma mente livre, e a liberdade exige a responsabilidade de aprender. A mente que está presa nas suas próprias opiniões, que está entrincheirada em algum conhecimento, pode exigir liberdade, mas o que quer dizer com liberdade é a expressão das suas próprias atitudes e conclusões pessoais — e quando isto é frustrado, clama por realização pessoal. A liberdade não tem sentido de realização. É livre.

Por isso, quando vem para estas escolas, ou para qualquer escola na verdade, deve haver esta qualidade suave de aprendizagem, e com ela vai um grande sentido de afeto. Quando é realmente, profundamente afetuoso, está a aprender.

EDUCAR-SE A SI PRÓPRIO
Aprender sobre as imagens que temos exige perceção de si próprio

Cada profissão tem a sua disciplina, cada ação tem a sua direção e cada pensamento tem o seu fim. Este é o ciclo em que a mente humana está presa. Sendo escrava do conhecido, a mente está sempre a tentar expandir o seu conhecimento, a sua ação dentro desse campo,

o seu pensamento procurando o seu próprio fim. Em todas as escolas, a disciplina é considerada como uma estrutura para a mente e para a sua ação, e nos últimos anos tem havido revolta contra qualquer forma de controlo, contenção ou moderação.

Isto levou a toda a forma de permissividade, imodéstia e à busca do prazer a qualquer custo. Ninguém tem respeito por ninguém. Parecendo que todas as formas de dignidade pessoal e integridade profunda se perderam. Gastam-se milhares de milhões em drogas, a destruir corpos e mentes. Esta permissividade total tornou-se respeitável e aceite como a norma de vida.

Para cultivar uma boa mente, uma mente que seja capaz de perceber a totalidade da vida como uma unidade, ininterrupta e, portanto, uma boa mente, é necessário que em todas as nossas escolas exista um certo tipo de disciplina. Devemos juntos compreender as odiadas e talvez desprezadas palavras disciplina e regras.

Para aprender precisa de ter atenção. Para aprender deve haver não apenas ouvir com o ouvido, mas uma compreensão interior do que está a ser dito. Para aprender é necessário observar. Quando ouve ou lê estas afirmações, tem de dar uma atenção que não seja compelida, e não estar sob qualquer pressão ou expectativa de recompensa ou punição.

Disciplina significa aprender, não conformar-se. Se quer ser um bom carpinteiro, deve aprender sobre as ferramentas adequadas a usar com diferentes tipos de madeira, e aprender com um mestre carpinteiro. Se deseja ser um bom médico, deve estudar durante muitos anos, aprender todos os factos do corpo e as suas muitas formas, curas, e assim por diante. Cada profissão exige que aprenda tanto sobre ela quanto possível. Esta aprendizagem é acumular conhecimento sobre ela e atuar tão habilmente quanto possa.

A aprendizagem é a natureza da disciplina. Aprender por que razão se deve ser pontual para as refeições, o tempo adequado para o descanso e assim por diante é aprender sobre a ordem na vida. Num

mundo em desordem onde há muita confusão política, social e até na religião, as nossas escolas devem ser centros de ordem para a educação da inteligência. Uma escola é um lugar sagrado onde todos estão a aprender sobre a complexidade da vida e a sua simplicidade.

Por isso, aprender exige aplicação e ordem. A disciplina nunca é conformidade, por isso não tenha medo da palavra nem se rebele contra ela. As palavras tornaram-se muito importantes na nossa vida. A palavra Deus tornou-se extraordinariamente importante para a maioria das pessoas, ou a palavra nação, ou o nome de um político. A palavra é a imagem do político. A imagem de Deus foi construída por milhares de anos de pensamento e medo. Vivemos com imagens criadas pela mente ou por uma mão habilidosa. Aprender sobre estas imagens que a pessoa aceitou ou criou por si própria exige perceção de si próprio.

A educação não é apenas aprender sobre matérias académicas, mas educar-se a si próprio.

EFICIÊNCIA
A eficiência não é um fim em si mesma

Uma escola é um lugar de aprendizagem e, por isso, é sagrada. Os templos, igrejas e mesquitas não são sagrados porque pararam de aprender. Eles creem; têm fé, e isso nega inteiramente a grande arte de aprender. Uma escola, como aquelas a quem esta carta é enviada, deve ser inteiramente dedicada à aprendizagem, não apenas sobre o mundo ao nosso redor, mas essencialmente sobre o que nós, seres humanos, somos, por que razão nos comportamos da maneira que nos comportamos e a complexidade do pensamento.

A antiga tradição da humanidade tem sido aprender, não apenas nos livros, mas sobre a natureza e estrutura da psicologia de um ser humano. Como negligenciámos isto, há desordem no mundo, terror, violência e todas as coisas cruéis que estão a acontecer. Colocámos os assuntos do mundo em primeiro lugar e não o interior. O interior, se

não for compreendido, educado e transformado, vencerá sempre o exterior, por muito bem organizado que o exterior possa estar política, económica e socialmente. Esta é uma verdade que muitos parecem esquecer. Estamos a tentar política, legal e socialmente trazer ordem ao mundo exterior em que estamos a viver, e interiormente estamos confusos, incertos, ansiosos e em conflito. Sem ordem interior haverá sempre perigo para a vida humana.

O que entendemos por ordem? No sentido supremo, o universo não conheceu desordem. A natureza, por mais aterrorizadora que seja para o homem, está sempre em ordem. Só se torna desordenada quando os seres humanos interferem com ela. É apenas o homem, desde o início dos tempos, que parece estar em constante luta e conflito. O universo tem o seu próprio movimento de tempo. Apenas quando o homem tiver ordenado a sua vida é que perceberá a ordem eterna.

Por que razão a humanidade aceitou e tolerou a desordem? Por que razão tudo aquilo em que o homem toca se deteriora, se torna corrupto e confuso? Por que razão a humanidade se desviou da ordem da natureza, das nuvens, dos ventos, dos animais e dos rios? Devemos aprender o que é a desordem e o que é a ordem. A desordem é essencialmente conflito, contradição do eu e divisão entre o vir a ser e o ser. A ordem é um estado no qual a desordem nunca existiu.

A desordem é a servidão ao tempo. O tempo para nós é muito importante. Vivemos no passado, em memórias passadas, em feridas e prazeres passados. O nosso pensamento é o passado. Está sempre a modificar-se a si mesmo como uma reação ao presente, projetando-se no futuro, mas o passado profundamente enraizado está sempre connosco. Esta é a qualidade aprisionadora do tempo. Devemos observar este facto em nós próprios e estar conscientes do seu processo limitador. Aquilo que é limitado deve estar sempre em conflito.

O passado é conhecimento derivado da experiência, da ação e de reações psicológicas. Este conhecimento, do qual se pode estar

consciente ou não, é a própria natureza da existência do homem. Por isso, o passado torna-se de suma importância, quer seja tradição, experiência ou lembrança com as suas muitas imagens. Mas todo o conhecimento, quer no futuro quer no passado, é limitado. Não pode haver conhecimento completo. O conhecimento e a ignorância vão juntos.

Ao aprender sobre isto, essa mesma aprendizagem é ordem. A ordem não é algo planeado e seguido à risca. Numa escola, a rotina é necessária, mas isto não é ordem. Uma máquina que está bem montada funciona eficientemente. A organização eficiente de uma escola é absolutamente necessária, mas esta eficiência não é um fim em si mesma para ser confundida com a libertação do conflito, que é a ordem.

Como irá um educador, se aprendeu profundamente tudo isto, transmitir a natureza da ordem ao estudante? Se a sua própria vida interior estiver em desordem e ele falar sobre ordem, ele não só será um hipócrita, o que em si mesmo é um conflito, como o estudante perceberá que o que está a ser dito é uma conversa dupla e, por isso, não lhe prestará a mínima atenção. Quando o educador é inabalável na sua compreensão, o estudante apreenderá essa mesma qualidade. Quando se é completamente honesto, essa mesma honestidade é transmitida ao outro.

PENSAR JUNTOS
A liberdade é a essência de pensar juntos

Penso que é importante aprender a arte de pensar juntos. Cientistas e os seres humanos mais incultos pensam. Pensam de acordo com a sua profissão, especialização e de acordo com as suas crenças e experiências. Todos pensamos, objetivamente ou de acordo com as nossas próprias inclinações particulares, mas parece que nunca pensamos juntos, que nunca observamos juntos. Podemos pensar sobre algo, um problema particular ou uma experiência, mas este pensamento não vai além da sua própria limitação. Pensar juntos, não

sobre um assunto particular, mas ter a capacidade de pensar juntos, é inteiramente diferente. Pensar juntos é necessário quando está a enfrentar a grande crise que está a acontecer no mundo, o perigo, o terror e a derradeira brutalidade da guerra. Observar isto, não como um capitalista, socialista, da extrema-esquerda ou da extrema-direita, mas observar isto juntos, exige não apenas que compreendamos como chegámos a este estado podre, mas também que juntos percebamos um caminho para sair. O homem de negócios ou o político olha para este problema de um ponto de vista limitado, mas nós estamos a dizer que devemos olhar para a vida como um todo, não como britânicos, franceses ou chineses.

O que significa olhar para a vida como um todo? Significa observar o ser humano, a nós próprios, sem qualquer divisão de nacionalidade, ver a vida como um único movimento sem um começo e sem um fim, sem tempo, sem morte. Isto é uma coisa difícil de compreender porque pensamos na parte, não na totalidade. Dividimos, esperando compreender o todo a partir da sua parte.

A arte de pensar juntos precisa de ser estudada cuidadosamente, examinada para ver se é de todo possível. Cada um agarra-se ao seu próprio modo de pensar de acordo com as suas próprias reações particulares, experiências, preconceitos. É assim que estamos condicionados, e isto impede ter a capacidade de pensar juntos. Pensar juntos não significa ter a mesma opinião. As nossas mentes podem unir-se sobre um ideal, uma conclusão histórica ou algum conceito filosófico, e trabalhar para isso, mas isto baseia-se essencialmente na autoridade.

A liberdade é a essência de pensar juntos. Tem de estar livre dos seus conceitos, preconceitos, e assim por diante. Eu também devo estar livre, e unimo-nos nesta liberdade. Significa abandonar todo o nosso condicionamento. Implica atenção completa sem qualquer passado. A crise mundial presente exige que abandonemos totalmente os nossos instintos tribais que se tornaram glorificados como nacionalismo. Pensar juntos implica que abandonemos totalmente o

interesse próprio e o identificarmo-nos como britânicos, árabes, russos, e assim por diante.

Então, o que deve um ser humano fazer ao enfrentar este perigo da separação do interesse próprio? Há o movimento expansionista de uma potência sobre outra económica ou politicamente, ou de um ou dois líderes fanáticos e neuróticos. O que deve um ser humano confrontado com isto fazer? Ou se desvia disso e se retira na indiferença, ou se junta a alguma atividade política, ou se refugia em algum grupo religioso. Não pode escapar a isto. Está lá.

O que faço eu? Rejeito o padrão atual de estruturas sociais, os modos irreligiosos sem sentido. Rejeito tudo isso. Por isso estou totalmente isolado. Este isolamento não é uma fuga para alguma forma de torre de marfim ou para alguma ilusão romântica. Porque vejo a futilidade, a natureza divisiva na busca do interesse próprio e do nacionalismo, no expansionismo, na vida irreligiosa, rejeito a destrutividade total desta sociedade. Por isso fico sozinho. Como não estou então a contribuir psicologicamente para a consciência destrutiva do homem, estou na corrente daquilo que é bondade, compaixão e inteligência. Essa inteligência está a atuar, confrontando a loucura do mundo atual. Essa inteligência atuará onde quer que o feio esteja.

ATENÇÃO
A perceção traz subtileza, clareza de mente

Deveríamos considerar juntos o que entendemos por atenção. A maioria de nós aprende o que é a concentração; desde a infância somos compelidos a concentrarmo-nos em algo de que geralmente não gostamos. Isto gera um tipo de revolta por sermos forçados a fazer algo de que não gostamos. A educação tornou-se um funil de muitas matérias para dentro dos nossos cérebros, condicionando-nos a conformarmo-nos.

Milhões em todo o mundo estão a ser educados, mas não estão a encontrar empregos. Todo o padrão da sociedade em que vivemos tornou-se tão anormal, tão perigoso, que devemos encontrar um novo modo de viver juntos. Isto requer sensibilidade e observação e pensamento muito objetivos. Questiona-se se a concentração, que é o estreitamento da perceção, ajudará a produzir uma qualidade diferente de mente.

Para que está a ser educado? No que se vai tornar como ser humano? A mediocridade prevalece desde a mais alta estrutura política até ao mais alto estabelecimento religioso. Está a ser educado para se encaixar neste padrão? Vai tornar-se um ser humano medíocre sem qualquer paixão, em conflito consigo próprio e com o mundo? Esta é realmente uma pergunta séria que tem de fazer a si próprio. Podem seres humanos concentrados, agressivos e competitivos produzir uma ordem diferente na nossa existência?

Como dissemos, deveríamos considerar o que significa estar atento. Isto pode ser a pista para uma existência harmoniosa. Como as coisas estão, o intelecto, toda a atividade do cérebro, que é o pensamento, domina a nossa existência. Isto traz contradição, comportamento peculiar em nós. Quando apenas uma parte do nosso ser total é dominante, trará inevitavelmente um comportamento neurótico. A atenção é a perceção desta dominância do intelecto sem atuar no impulso instintivo de o controlar ou de permitir que a emoção tome o seu lugar. Esta perceção traz subtileza, clareza de mente.

Há uma diferença entre concentração e atenção. Concentração é trazer toda a sua energia para focar num ponto particular. Na atenção não há ponto de foco. Estamos muito familiarizados com uma e não com a outra. Quando presta atenção ao seu corpo, o corpo torna-se quieto, tem a sua própria disciplina; está relaxado, mas não frouxo, e tem a energia da harmonia. Quando há atenção não há contradição e, portanto, não há conflito.

À medida que lê isto, preste atenção à forma como está sentado, à forma como está a escutar, a como está a receber o que a carta lhe está

a dizer, a como está a reagir ao que está a ser dito e por que razão está a achar difícil estar atento. Não está a aprender como estar atento. Se está a aprender o "como" de estar atento, então torna-se um sistema, que é aquilo a que o cérebro está habituado, e assim torna a atenção algo mecânico e repetitivo. Mas a atenção não é mecânica ou repetitiva. É o modo de olhar para toda a sua vida sem o centro do interesse próprio.

FAMÍLIA E SOCIEDADE
Será a vida um movimento de dor com felicidade ocasional?

O futuro para cada ser humano, o jovem e o velho, parece ser sombrio e aterrorizador. A própria sociedade tornou-se perigosa e utopicamente imoral. Quando uma pessoa jovem enfrenta o mundo, fica bastante assustada com o que lhe acontecerá no decorrer da sua vida. Os seus pais enviam-na para a escola e, se tiverem dinheiro, para a universidade, e estão preocupados que ela se estabeleça num emprego, case, tenha filhos, e assim por diante.

Nas famílias do mundo oriental, os pais desempenham um papel forte na vida dos seus filhos. A unidade familiar ainda está lá e, embora os jovens possam ganhar a vida em diferentes partes do mundo, a família é o centro das suas vidas. Isto está a desaparecer rapidamente no mundo ocidental. Em muitas partes do mundo os pais têm muito pouco tempo para os seus próprios filhos.

Alguns anos após os filhos nascerem, os pais perderam-nos; têm muito pouca relação com os seus filhos. Preocupam-se com os seus próprios problemas, ambições, e assim por diante, e os filhos estão à mercê de educadores, que eles próprios precisam de educação. Os educadores podem ser excelentes no aspeto académico e estão, por sua vez, preocupados que os seus estudantes atinjam as mais altas classificações académicas e que a escola tenha a melhor reputação. Mas os educadores têm os seus próprios problemas. Os seus salários,

exceto em alguns países, são bastante baixos, e socialmente não são altamente considerados.

Aqueles que estão a ser educados têm um período bastante difícil com os seus pais, os seus educadores e os seus colegas estudantes. A maré de luta, de ansiedade, medo e competição já varreu tudo. Têm de enfrentar um mundo que está sobrepovoado, com pessoas subnutridas, um mundo de guerra, terrorismo crescente, governos ineficientes, corrupção e a ameaça da pobreza. Esta ameaça é menos evidente em sociedades opulentas e razoavelmente bem organizadas, mas é sentida naquelas partes do mundo onde há uma pobreza tremenda, sobrepopulação e a indiferença de governantes ineficientes.

Este é o mundo que os jovens têm de enfrentar, e naturalmente estão realmente assustados. Têm a ideia de que deveriam ser livres, independentes da rotina, não deveriam ser dominados pelos seus mais velhos; e esquivam-se de toda a autoridade. A liberdade para eles significa escolher o que querem fazer; mas estão confusos, incertos e querem que lhes seja mostrado o que deveriam fazer. O estudante está preso entre o seu próprio desejo de liberdade para fazer o que quer e as exigências da sociedade para a conformidade às suas próprias necessidades — que as pessoas se tornem engenheiros, cientistas, soldados ou especialistas de algum tipo. Este é o mundo que os estudantes têm de enfrentar e do qual se têm de tornar parte através da sua educação. É um mundo aterrorizador. Todos queremos segurança, tanto física como emocionalmente, e ter isto está a tornar-se cada vez mais difícil e doloroso.

Por isso nós, da geração mais velha, se é que nos preocupamos com os nossos filhos, temos de perguntar o que é a educação. Se a educação, como acontece agora universalmente, é preparar as crianças para viverem em perpétua luta, conflito e medo, devemos perguntar qual é o significado de tudo isto. Será a vida um movimento, um fluxo de dor e ansiedade e o derramamento de lágrimas não choradas, com erupções ocasionais de alegria e felicidade? Infelizmente nós, a geração mais velha, não fazemos estas perguntas, e o educador

também não. Por isso a educação, tal como é agora, é um processo de enfrentar uma existência sombria, estreita e sem sentido.

Mas nós queremos dar um sentido à vida. A vida parece não ter sentido em si mesma, mas nós queremos dar-lhe sentido, e por isso inventamos deuses, várias formas de religião e outros entretenimentos, incluindo o nacionalismo e formas de nos matarmos uns aos outros, de modo a escapar da nossa vida monótona. Esta é a vida da geração mais velha e será a vida dos jovens.

Nós, os pais e educadores, temos de enfrentar este facto e não escapar para teorias, procurando outras formas de educação e estruturas. Se as nossas mentes não estiverem esclarecidas sobre o que estamos a enfrentar, iremos inevitavelmente, consciente ou inconscientemente, resvalar para a inação de ficar a pensar no que fazer em relação a isso. Há mil pessoas que nos dirão o que fazer: os especialistas e os excêntricos. Antes de compreendermos a vasta complexidade do problema, queremos atuar sobre ele. Estamos mais preocupados em atuar do que em ver toda a questão.

A verdadeira questão é a qualidade da nossa mente — não o seu conhecimento, mas a profundidade da mente que encontra o conhecimento. A mente é infinita, é a natureza do universo, que tem a sua própria ordem, tem a sua própria energia imensa. É eternamente livre. O cérebro, como é agora, é o escravo do conhecimento e por isso é limitado, finito, fragmentário. Quando o cérebro se liberta do seu condicionamento, então o cérebro é infinito. Só então não há divisão entre a mente e o cérebro. A educação é então a libertação do condicionamento, do vasto conhecimento acumulado da tradição. Isto não nega o valor das disciplinas académicas, que têm o seu devido lugar na vida.

A VASTIDÃO DA VIDA
O movimento dos céus, da terra, da existência humana, é indivisível

Dissemos que a educação deve não só ser eficiente nas disciplinas académicas, mas que deve também explorar o condicionamento da conduta humana. Esta conduta é o resultado de muitos, muitos séculos de medo, ansiedade, conflito e da busca de segurança, tanto interior como exteriormente, tanto biológica como psicologicamente. O cérebro está condicionado por estes processos. O cérebro é o resultado da evolução, que é o tempo. Nós somos o resultado do passado acumulado, quer religiosamente quer na nossa vida diária. Baseia-se na recompensa e na punição, tal como um animal, um cão é treinado.

O nosso cérebro é um instrumento extraordinário de grande energia e capacidades. Olhe para o que ele fez no mundo exterior, no mundo que nos rodeia. Dividiu-o em várias raças, religiões e nacionalidades. Fez isto para ter segurança. Procurou esta segurança no isolamento religioso, político e económico, e na unidade da família, em pequenas comunidades e associações. Procurou esta reação protetora em organizações e estabelecimentos.

O nacionalismo tem sido uma das principais causas da guerra. Os nossos políticos estão preocupados em manter o nacionalismo económico e, assim, isolam-nos. Onde há isolamento tem de haver oposição, agressão, e qualquer boa relação com outras nações parece basear-se no comércio, na troca de armamento, no equilíbrio de poder e na manutenção do poder nas mãos de alguns. Este é o nosso governo, seja totalitário ou democrático. Temos procurado trazer a ordem à sociedade através da ação política e, assim, tornamo-nos dependentes dos políticos. Por que razão se tornaram os políticos tão extraordinariamente importantes, como gurus, como os líderes religiosos?

Será porque sempre dependemos de entidades externas para pôr a nossa casa em ordem, sempre dependemos de forças externas para controlar e moldar as nossas vidas? A autoridade externa de um governo, dos pais, de cada forma de líder especializado parece dar-nos alguma esperança para o futuro. Isto faz parte da nossa tradição de dependência e aceitação. Esta tem sido a longa tradição acumulada

que condicionou o nosso cérebro. A educação aceitou isto e, por isso, o cérebro tornou-se mecânico e repetitivo.

Não é função do educador compreender a tremenda energia acumulada do passado, sem negar a sua necessidade em certas áreas das nossas vidas? Não estamos preocupados, como educadores, em produzir o florescer de bons seres humanos? Isto não é possível quando o passado, por muito modificado que esteja, continua.

Quais são então os fatores do nosso condicionamento? O que é que está a ser condicionado, e quem é que faz o condicionamento? Quando fazemos estas perguntas, estamos conscientes do nosso próprio condicionamento real e, a partir dessa perceção, a fazer as perguntas, o que teria grande vitalidade; ou estamos a fazer uma pergunta teórica? Não estamos de modo algum preocupados com perguntas hipotéticas; estamos a lidar com realidades, sendo a realidade aquilo que é. Estamos a perguntar qual é a causa deste estado dos seres humanos. Pode haver uma causa ou muitas causas.

Riachos muitos pequenos dão as suas águas a um grande rio. A profundidade, o volume e a beleza são de suma importância, não o rastrear cada pequeno riacho até à sua nascente. Por isso, estamos preocupados na nossa investigação com a totalidade da nossa existência, não com uma parte particular dela. Quando compreendemos a vastidão da vida com as suas complexidades, só então podemos perguntar qual é a causa do nosso condicionamento.

A pessoa sente que é importante compreender primeiro, não verbal ou intelectualmente, mas perceber que a vida é a mulher, o homem, a criança, os animais, o rio, o céu e a floresta — tudo isso —, sentir isto, não a ideia disto, mas ver a imensidão e a beleza disto. Se não apreendermos o significado disto — que todo o vasto movimento da vida é um só —, quando perguntamos qual é a causa do condicionamento, produzimos a fragmentação da vida.

Por isso, primeiro, percebamos que o movimento dos céus, da terra, da existência humana, é indivisível, e só depois venhamos ao

particular. Quando os céus, a terra e os seres humanos são vistos como um vasto processo unitário, então a investigação sobre a causa do nosso condicionamento não será fragmentária, divisiva. Então podemos perguntar qual é a causa. Então a pergunta tem profundidade e beleza.

Para encontrar a causa do condicionamento, devemos investigar juntos sobre a sua natureza e estrutura. À parte do biológico, do orgânico, que deixado a si próprio tem a sua própria inteligência natural, as suas reações de proteção própria, há todo o campo psicológico de um ser humano, as respostas interiores, as feridas interiores, os medos, as contradições, o impulso do desejo, os prazeres passageiros e o peso da dor.

Esta psique, quando está em desordem, confusa e caótica, afeta naturalmente a existência biológica. Então a doença é psicossomática. Não estamos preocupados com a exploração da nossa natureza interior, que é muito complexa? Esta investigação é realmente educação de si próprio, não para mudar o que é, mas para compreender o que é. É importante apreender, viver com isto. O que é é muito mais importante do que o que deveria ser. A compreensão do que realmente somos é muito mais essencial do que transcender o que somos. Nós somos o conteúdo da nossa consciência. A nossa consciência é uma complexidade, mas a sua própria substância é movimento. Tem de ser claramente compreendido que não estamos a lidar com teorias, hipóteses, ideais, mas com a nossa própria existência diária real.

PERCEÇÃO
Estar atento implica uma energia vasta

Como assinalámos, estamos profundamente envolvidos na nossa vida diária como educadores e como seres humanos. Somos seres humanos primeiro e depois educadores, e não o contrário. Porque um professor é um ser humano cuja profissão especial é a educação, a sua vida não é apenas na sala de aula, mas está envolvida com todo o

mundo exterior, bem como com lutas interiores, ambições e relações. Ele é tão condicionado quanto o estudante. Embora o seu condicionamento possa variar, continua a ser condicionamento.

Se o aceita como inevitável e se submete a ele, então está a condicionar ainda mais os outros. Há muitos que aceitam isto, tentando modificar as suas limitações. Mas, como educadores, não estão preocupados em produzir uma entidade social diferente, uma geração futura que perceba a futilidade das guerras como assassínio organizado, uma geração que esteja preocupada com a inter-relação global sem isolamento nacionalista, uma geração que esteja envolvida com a verdade? Certamente que esta é a função de um verdadeiro educador.

A consciência humana está condicionada. Qualquer pessoa sensata aceitaria este facto, mas muitos de nós não estão conscientes disto, e talvez o educador também não esteja. Tornar-se consciente do seu condicionamento, e investigar se é possível estar livre da sua limitação, é uma das funções de um professor. Por isso, temos de analisar o que é estar consciente, concentrar-se, dar atenção total. É muito importante compreender o significado disto.

A perceção implica sensibilidade: ser sensível à natureza, às colinas, rios e árvores ao nosso redor; estar consciente de um homem pobre a andar pela estrada e ser sensível aos seus sentimentos, às suas reações, à sua pobreza aterradora e degradante; ser sensível ao homem que está sentado ao seu lado, ou ao nervosismo do seu amigo ou da sua irmã. Esta sensibilidade não tem escolha e não critica. Não há avaliação de julgamento. A pessoa é sensível a uma nuvem sobre a qual nada pode fazer. Será esta sensibilidade o resultado do tempo e da prática?

Se permite o pensamento e a prática, então esse mesmo pensamento e prática matam a sensibilidade. Aprenda a observar com sensibilidade; aprenda o que a sensibilidade implica; capte-a em vez de a cultivar. Não pergunte como a captar — apreenda-a. Na própria

perceção você é sensível. Não há resistência na sensibilidade. A sensibilidade é para o imediato e ilimitado.

A concentração é um processo de resistência. Cada educador sabe o que significa concentrar-se. O educador está preocupado em encher o cérebro com o conhecimento de várias matérias para que o estudante passe nos exames e arranje um emprego. O estudante também tem isto na sua mente. O educador e o estudante estão a encorajar-se mutuamente numa forma de resistência que é a concentração. Assim, está-se a construir a capacidade de resistir, de excluir; e gradualmente a pessoa torna-se isolada. A concentração é o focar da energia no quadro negro ou num livro e o evitar a distração.

A própria palavra distração implica concentração. Na realidade, não há distração; há apenas resistência que é chamada concentração, e qualquer movimento que se afaste disso é considerado distração. Por isso, nisto há conflito, luta e resistência. Esta resistência trará inevitavelmente a limitação do cérebro que é o nosso condicionamento. Perceber todo este movimento com sensibilidade é mover-se para uma área diferente, que é estar atento.

O que é estar atento? Se apreendermos realmente o significado da sensibilidade, da perceção, a limitação da concentração — não intelectual ou verbalmente, mas a realidade de tais estados —, então podemos perguntar o que é estar atento. A atenção envolve ver e ouvir. Nós não apenas ouvimos com os nossos ouvidos, mas somos também sensíveis aos tons, à voz, à implicação das palavras, ouvir sem interferência, captar instantaneamente a profundidade de um som. O som desempenha um papel extraordinário nas nossas vidas: o som do trovão, uma flauta a tocar ao longe, o som não ouvido do universo, o som do silêncio, o som do bater do próprio coração, o som de uma ave ou de uma queda de água e o ruído de um homem a andar no passeio. O universo está cheio de som. Este som tem o seu próprio silêncio; todas as coisas vivas estão envolvidas neste som de silêncio. Estar atento é ouvir este silêncio e mover-se com ele.

O ver é um assunto muito complexo. A pessoa vê casualmente com os seus olhos e passa rapidamente, nunca vendo os pormenores de uma folha, a sua forma e estrutura, as suas cores, a variedade de verdes. Observar uma nuvem com toda a luz do mundo nela; seguir um riacho a tagarelar pela colina abaixo; olhar para o seu amigo com a sensibilidade na qual não há resistência; e ver-se a si próprio como é, sem os matizes da negação ou da aceitação fácil; ver-se a si próprio como parte do todo; ver a imensidão do universo — isto é observação: ver sem a sombra de si próprio.

A atenção é este ouvir e este ver, e esta atenção não tem resistência, por isso é ilimitada. Estar atento implica uma energia vasta; não está preso a um ponto. Nesta atenção não há movimento repetitivo; não é mecânico. Não há a questão de como manter esta atenção. Quando se aprendeu a arte de ver e ouvir, esta atenção pode focar-se numa página, numa palavra. Nisto não há resistência, que é a atividade da concentração.

A inatenção não pode ser refinada em atenção. Estar consciente da inatenção é o fim dela; não é que ela se torne atenta. O fim não tem continuidade. O passado a modificar-se a si mesmo é o futuro, uma continuidade do que tem sido. Encontramos segurança na continuidade, não nos fins. Por isso a atenção não tem qualidade de continuidade. Qualquer coisa que continue é mecânica. O vir a ser é mecânico e implica tempo. A atenção não tem qualidade de tempo. Tudo isto é uma questão tremendamente complicada. A pessoa tem de ir suavemente e profundamente para dentro dela.

O PROFESSOR
Um professor está profundamente envolvido com o florescer dos seres humanos

Parecemos pensar que a educação para quando deixamos a escola ou a universidade. Parecemos não tratar toda a existência humana como um processo de educação de si próprio que é constante e talvez sem fim. A maioria de nós limita a educação a um período muito

curto, e pelo resto das nossas vidas continuamos em bastante confusão, aprendendo apenas algumas coisas que são absolutamente necessárias, caindo numa rotina — e claro que há sempre a morte à espera. Esta é realmente a nossa vida: casamento, filhos, trabalho, prazeres passageiros, dor e morte. Se esta é toda a nossa vida, o que aparentemente é, então qual é realmente o significado da educação?

Nós nunca fazemos estas perguntas fundamentais; provavelmente são demasiado perturbadoras. Mas como somos professores em faculdades e escolas, devemos perguntar qual é o propósito da educação e da aprendizagem. Sabemos que é preparar-nos para algum tipo de emprego e responsabilidades, mas à parte dessa preparação, o que queremos dizer com ensinar e o que é o professor? Como é geralmente entendido, um professor, tendo estudado certas matérias, informa o estudante sobre elas. Constituirá isto ser um professor, apenas transmitir conhecimento? Estamos a investigar a natureza do professor e do ensinado. Quem é um professor? Quais são as implicações do ensino para além de seguir os programas? Muito poucas pessoas são professores dedicados. Estão dedicadas a ajudar os estudantes nos seus estudos, mas certamente um professor tem um significado muito maior do que esse.

O conhecimento tem de ser inevitavelmente superficial. É o cultivo da memória e o emprego dessa memória de forma eficiente, e assim por diante. Como o conhecimento é sempre limitado, será função do professor ajudar o estudante a viver toda a sua vida apenas dentro das limitações do conhecimento? Devemos primeiro perceber que o conhecimento é sempre limitado, tal como o são todas as experiências. Este emprego do conhecimento com as suas limitações pode ser muito destrutivo. É destrutivo nas relações humanas. Nas relações, o conhecimento, que é a acumulação de vários incidentes, experiências, reações, cultiva a imagem da outra pessoa e obscurece a realidade dessa pessoa e da relação.

Quando há continuidade, uma tradição reunida pelo conhecimento e transmitida de geração em geração, então o passado, que é a acumulação de conhecimento, obscurece o presente vivo real.

Quando o conhecimento se torna rotina, mecânico, torna o cérebro limitado, rígido e insensível. Quando o conhecimento é usado para o apoio ao nacionalismo através de guerras, então torna-se bestial, aterradoramente cruel e utopicamente imoral. O conhecimento não é beleza, mas o conhecimento é necessário para perfurar um poço. Todo o mundo tecnológico se baseia no conhecimento, e esse mundo está a tomar conta das nossas vidas. Se permitirmos que o conhecimento seja a única autoridade, e esperarmos através do conhecimento ascender, então estamos a viver numa ilusão fatal. Estamos a dizer que o conhecimento tem o seu lugar na vida de todos os dias, mas quando o conhecimento é a única substância da nossa vida, então a nossa vida tem de estar confinada à atividade mecânica.

Será a comunicação do conhecimento a única função do professor: transmitir informação, ideias, teorias e expandir sobre estas teorias ao discutir vários aspetos delas? Será esta a única função de um professor? Se é apenas com isto que um professor está preocupado, então ele é meramente um computador vivo. Mas certamente um professor tem uma responsabilidade muito maior do que esta. Ele tem de estar preocupado com o comportamento, com a complexidade da ação humana, com um modo de vida que seja o florescer da bondade.

Certamente ele tem de estar preocupado com o futuro dos seus estudantes e o que o futuro é para estes estudantes. Qual é o futuro do homem? Qual é o futuro da nossa consciência, que está tão confusa, perturbada, caótica, em conflito? Devemos viver perpetuamente em conflito, desgosto e dor? Quando o professor não está em comunicação com o estudante sobre todos estes assuntos, então ele é meramente uma máquina viva e inteligente a perpetuar outras máquinas.

Por isso estamos a fazer uma pergunta muito fundamental: o que é um professor? Ensinar é a maior profissão do mundo, embora a menos respeitada, pois se o professor estiver profundamente e seriamente preocupado, ele está a produzir o descondicionamento do cérebro humano, não apenas do seu próprio cérebro, mas dos cérebros

dos estudantes. Ele está condicionado e o estudante está condicionado. Quer ele o admita quer não, isto é um facto, e na relação com o estudante ele está a ajudar tanto o estudante como a si próprio a libertar a consciência da limitação.

Uma relação é um processo de aprendizagem. Uma relação não é um assunto estático, mas um movimento vivo. Por isso nunca é a mesma; o que foi ontem não é hoje. Quando o ontem domina na relação, então a relação é o que foi, não uma coisa viva. O amor não é o que foi. Quando a relação entre o professor e o estudante tem este elemento de companheirismo, de descondicionamento mútuo e humildade, a sensibilidade e o afeto são naturais.

Um professor poderia dizer que tudo isto é impossível quando as autoridades escolares exigem que haja cinquenta estudantes numa turma e todo o tipo de idiotice. Então o que deve um professor fazer? Obviamente, nessa situação ele não pode fazer nada, mas nós estamos a falar de escolas onde isto não acontece, onde o professor pode estabelecer esta relação. E aí ele está profundamente envolvido com o florescer dos seres humanos.

VULNERABILIDADE
Sem o centro como um eu, há uma força e beleza extraordinárias

Parece que muito poucos professores estão conscientes da sua grande responsabilidade, não apenas para com os pais, mas também na sua relação com os estudantes. Qual é esta relação? Como se considera esta relação? É comunicação de informação? É a afirmação verbal de certos factos? É a relação superficial, casual e passageira? É o professor um exemplo? Sou eu como professor uma influência? Se sou um exemplo que alguns dos meus estudantes devem seguir, então torno-me um tirano; então a disciplina torna-se conformidade. Eles imitam-me, aos meus modos, aos meus gestos, e assim por diante.

Mas eu não quero que eles me sigam ou sejam influenciados por mim. Quero que eles compreendam como todos nós somos influenciados, moldados para nos conformarmos a um padrão. A minha perceção, a minha intenção é ajudar os meus estudantes a estarem livres de todo o tipo de influência, boa ou má, para que vejam por si próprios o que é a ação correta; não que lhes seja dito o que é a ação correta, mas que tenham a capacidade e o impulso para ver o falso e o verdadeiro.

Isto é, a minha preocupação é primariamente cultivar a sua inteligência para que possam enfrentar a vida com todas as suas complexidades inteligentemente. Vejo isto não como um objetivo, mas como uma realidade imediata. Sei que eles são influenciados pelos seus pais, pelos seus colegas estudantes e pelo mundo ao seu redor. Os jovens são facilmente influenciados. Podem rebelar-se contra isso, mas consciente ou inconscientemente há pressão e a tensão dessa pressão. Por isso pergunto a mim próprio como professor, e como ser humano, de que maneira posso produzir o caráter e a energia da inteligência.

Começo a ver que devo ser tanto introvertido como extrovertido no mundo da ação, e interiormente; não ser centrado no eu, mas virar os meus olhos e os meus ouvidos para as subtilezas da vida. Isto é, devo ser capaz de proteger e ao mesmo tempo cultivar a generosidade, ser tanto o recetor como o doador. Sinto tudo isto se for um professor realmente dedicado no verdadeiro sentido dessa palavra. Para mim não é uma profissão; é algo que tem de ser feito. Por isso torno-me muito mais consciente do mundo, do que está a acontecer lá, e interiormente compreendo a necessidade de ir além e acima do interesse centrado no eu. Vejo isto como um movimento total, o exterior e o interior, indivisível como as águas do mar que entram e saem. Agora, como hei de ajudar o estudante a estar consciente disto?

A sensibilidade implica ser vulnerável. A pessoa é sensível às suas reações, às suas feridas, à sua existência sitiada. Isto é, a pessoa é sensível em relação a si própria, e neste estado vulnerável há realmente interesse próprio e, portanto, a capacidade de ser ferida, de

se tornar neurótica. É uma forma de resistência, que está essencialmente concentrada no eu. A força da vulnerabilidade não é centrada no eu. É como a folha jovem da primavera que pode resistir a ventos fortes e prosperar. Esta vulnerabilidade é incapaz de ser ferida sejam quais forem as circunstâncias. A vulnerabilidade é sem um centro como o eu. Tem uma força, vitalidade e beleza extraordinárias.

Como ser humano, em mim próprio e como professor, vejo tudo isto tão claramente quanto possível. Mas como professor eu não sou tudo isto. Estou a estudar isto, a aprender. Como professor estou em relação com os meus estudantes, e nessa relação estou a aprender. De que maneira hei de transmitir tudo isto aos meus estudantes que estão condicionados, desatentos, cheios de brincadeira, traquinas, como as crianças normais são? Eu ensino matérias e pergunto-me se posso transmitir tudo isto através da matemática, da biologia, da física. Ou serão elas separadas, algo a ser memorizado? Vejo que a inteligência não vem do cultivo da memória.

Por isso tenho este problema: por um lado vejo a necessidade do cultivo da memória para passar nos exames e ultimamente para uma ocupação, e por outro lado tenho um vislumbre de que a inteligência não é mecânica, não é o cultivo da memória. Este é o meu problema. Estou a perguntar a mim próprio se estes dois são separados, ou se a inteligência, se for despertada desde o próprio início da vida de alguém, pode incluir a memória e não ser uma escrava dela. O maior inclui o menor. O universo contém o particular. Mas o particular só pode permanecer na sua própria esfera estreita.

Estou a começar a compreender este fator importante, pois sou um professor dedicado que está a usar o ensino como um degrau para algo mais. Por isso estou a perguntar-me o que fazer com estas crianças à minha frente. Elas não estão interessadas em nada disto. Elas intimidam-se umas às outras, competem entre si; são invejosas, e assim por diante. Agora, se não está na escola, compreende o meu problema? Tem de compreender, porque também é um professor à sua maneira — em casa, nos campos de jogos ou nos negócios. Somos todos professores de uma forma ou de outra, por isso não me deixe

apenas com o meu problema. É o seu problema também, por isso falemos sobre ele.

Nós ambos vemos, espero eu, que estamos neste dilema: que é de primária e maior importância produzir esta inteligência em todas as crianças e nos estudantes pelos quais somos responsáveis.

Não me deixe sozinho a resolver este problema; falemos sobre ele. Antes de mais, quero que você e eu compreendamos o problema. Vemos que o estudante deve eventualmente ter uma ocupação, e assim ele deve compreender o mundo, as necessidades do mundo, a sua desordem implícita e a sua crescente destruição e declínio? Ele tem de enfrentar este mundo, mas não como uma entidade especializada que o torne incapaz de responder ao mundo. Tudo isto implica a aquisição de conhecimento e a disciplina cuidadosa do conhecimento.

Enquanto o mundo for o que é, ele tem de atuar numa certa direção e está ocupado a maior parte do tempo com isso, talvez oito ou dez horas por dia. Também tem de estudar e aprender sobre todo o mundo psicológico que não foi explorado totalmente por ninguém. Aqueles que o exploraram um pouco dizem o que descobriram; mas isto torna-se conhecimento, e o estudante meramente segue, o que não é uma exploração precisa sobre si próprio.

Por isso, você e eu temos esta questão. Você pode estar casualmente interessado, mas eu, como professor, estou realmente preocupado. Eu também estou condicionado; não sou inteiramente vulnerável no sentido que foi dado aqui. Tenho os meus problemas familiares e assim por diante, mas a minha dedicação supera-os a todos. O que devo eu fazer ou não fazer? Não exigirá isto nenhuma ação a não ser criar com outros professores a atmosfera de intenção? A intenção não é um objetivo a ser atingido mais tarde. A intenção é a atividade sempre presente na qual o tempo não está de todo envolvido.

INTENÇÃO
A nossa intenção vital é produzir um ser humano livre

A nossa intenção é muito mais importante do que atingir um objetivo, um fim; não é apenas em direção a uma conclusão intelectual e ideológica, mas é um presente ativo, vivo. É o pavio que está a arder numa taça de azeite. Não pode ser apagado; nenhuma brisa o pode apagar; o pavio é forte, e o azeite não é alimentado por nenhuma influência ou fonte externa. Não tem causa e, por isso, a chama, o pavio e o azeite são eternamente duradouros.

A nossa chama vital de intenção é produzir um ser humano bom, inteligente, extremamente capaz, livre. Esta é a minha intenção como professor dedicado, e deveria ser a sua também, como pais. Deveria ser a intenção de toda a humanidade, pois todos nós estamos preocupados. Não pode escapar a esta intenção. Está envolvido nela tanto quanto eu. Pode esquivar-se dela, desconsiderá-la, negligenciá-la, mas é tão responsável quanto eu.

O futuro é nossa responsabilidade, por isso este é o nosso problema imediato. O meu problema e o seu é cultivar a inteligência abrangente da qual todas as outras coisas fluem. Consigo ver isto no olho da minha mente como o fator central, pois nenhuma pessoa inteligente, no sentido em que estamos a usar essa palavra, quererá alguma vez ferir outra intencionalmente. Tal pessoa trataria toda a humanidade como trataria a si própria, sem estas terríveis divisões destrutivas. Também posso sentir de alguma forma vaga, não sentimentalmente, que esta inteligência é totalmente impessoal, nem sua nem minha. Posso sentir a sua atração tremenda e a sua verdade.

Agora, de que maneira posso cultivar isto nos meus estudantes e em mim próprio? Estou a usar a palavra errada cultivar — o cultivo implica a atividade do pensamento; implica uma realização, um trabalho. Por isso estou a começar a perceber que a inteligência é totalmente diferente da atividade do pensamento. O pensamento não tem relação com ela. Não pode nascer do pensamento, pois o pensamento é sempre limitado.

Agora, tendo afirmado isto, o que não é uma apreensão vaga, mas uma intenção ardente, pergunto a mim próprio se é possível para mim transmitir ao estudante a qualidade desta intenção, sabendo que os cérebros dos estudantes estão condicionados, limitados, conformados. Posso fazer isto através da matemática ou da biologia, ou de qualquer outra matéria? Digamos que sou um professor de matemática. A matemática é ordem, ordem infinita. A ordem é o universo, é a inteligência. A ordem não é estática, é um movimento vivo. A nossa vida é movimento, mas nós produzimos a desordem na nossa vida. Por isso vou falar aos estudantes não apenas sobre matemática, mas sobre ordem na nossa vida. A negação da desordem é a ordem. Um ser humano, estando confuso, desordenado, incerto, ao tentar estabelecer a ordem cria apenas mais desordem. Vejo isto muito, muito claramente, por isso vou ajudar os estudantes, e ao ajudá-los estou a ajudar-me a mim próprio.

Essa ordem não pode ser perseguida, como se pode perseguir a matemática, passo a passo. Por isso, a primeira coisa a perceber é que o pensamento, faça o que fizer, nunca pode produzir ordem através da legislação, administração ou compulsão. A ordem é independente do pensamento. O pensamento não pode reunir a ordem; quanto mais o tenta, maior é a confusão. A matemática não é desordem. A matemática em si mesma é basicamente ordem. O pensamento é capaz de ver a ordem da matemática, mas esta ordem não é o produto do pensamento. Pode-se ver a grande majestade e beleza de uma montanha, mas o ser humano que a vê pode não ter dignidade, nem majestade, nem beleza.

Devo estudar a ordem e a desordem antes de a poder discutir com os meus alunos. O estudo de um livro sobre qualquer matéria particular é muito diferente do estudo de mim próprio, que sou desordenado, confuso. O livro revela coisas frase por frase, capítulo por capítulo, chegando a alguma conclusão ou outra. O livro é visível, e a pessoa pode passar talvez anos sobre o assunto do livro. Mas eu não estou a estudar apenas um livro qualquer; estou a estudar um livro que não tem impressão nele, um que não pode ser lido através dos olhos de outro. Por isso devo descobrir como o estudar.

Você está a fazer isto comigo também, por isso não se afaste. Estou a estudar para meu próprio interesse e também para o transmitir ao estudante; não é que esteja a estudar apenas para mim próprio. O livro e a matéria são palpáveis, tangíveis; as palavras transmitem um certo significado definido. Mas estudar o assunto ténue, vivo, mutável que é a qualidade do meu próprio cérebro, que vive em desordem, confusão e medo, é muito mais difícil do que ler um livro. Requer rapidez, subtileza, mover-se sem deixar uma marca. Terei eu tal subtileza? Ao fazer essa pergunta a mim próprio, estou a estudar não apenas quem faz essa pergunta, mas também a intenção por trás da pergunta.

Por isso estou a estudar todo o fenómeno muito cautelosamente, nunca chegando a uma conclusão definitiva. Esta vigilância constante, nunca permitindo que sombra alguma passe sem uma observação cuidadosa, está a fazer o cérebro, toda a atividade do pensamento, aquietar-se sem se tornar embotado. Descanso e retomo-o novamente. O descanso é tão importante quanto a renovação da observação. Estou a captar o perfume dessa inteligência, a extraordinária subtileza dela, e assim todo o organismo físico está a tornar-se mais vivo, consciente, e está a começar a ter um ritmo diferente. Está a criar a sua própria atmosfera.

Agora posso ir para a aula debaixo de uma árvore ou numa sala onde é suposto eu ensinar matemática, sabendo que os estudantes têm de se qualificar nela. Nos primeiros cinco ou dez minutos, falo com eles, explicando muito claramente o que tenho estado a estudar e como é possível para eles estudá-lo também. Estou a ensinar-lhes a arte de estudar. Estou realmente profundamente interessado em transmitir-lhes a minha intenção profunda, e eles estão envolvidos no meu ardor. Explico-lhes como me aproximo desta questão da inteligência passo a passo. Assinalo-lhes a ordem e a beleza de uma árvore, que não é reunida pelo pensamento.

Insisto que eles vejam claramente que a natureza e os céus e os animais selvagens da floresta não são o produto do pensamento,

embora o pensamento os possa usar para a sua própria conveniência ou destruição. O pensamento na sua atividade produziu uma grande destruição e também uma grande beleza passageira. Em cada oportunidade, sem me aborrecer a mim próprio e aos estudantes, falo sobre estes assuntos com humor e seriedade. Esta é a minha vida, pois esta inteligência é suprema.

A ordem não tem causa, portanto é eterna; mas a desordem tem uma causa, e aquilo que tem uma causa pode terminar.

EMPENHO
Como devem os poucos lidar com os muitos?

O descontentamento não leva necessariamente à inteligência. A maioria de nós tem algum tipo de insatisfação e não está satisfeita com a maioria das coisas. Podemos ter dinheiro, posição e algum tipo de prestígio no mundo, mas há sempre este verme do descontentamento. Quanto mais se tem, mais se quer. A satisfação nunca está satisfeita. O descontentamento é como uma chama; por muito que a alimente, absorve mais. É curioso quão facilmente a satisfação encontra o seu preenchimento temporário, e a pessoa agarra-se a isso, embora logo se esvaneça e o querer mais volte novamente. Parece que este é o balanço constante de um objeto de satisfação para outro, física como interiormente.

"O mais" é a raiz do descontentamento. A chama da mensuração leva ou à saciedade, indiferença e negligência, ou a uma investigação mais ampla e profunda. Na investigação, a satisfação não é o objetivo. A investigação é a sua própria fonte, que nunca se apaga, e nunca se pode esquecer de si mesma através de qualquer tipo de satisfação. Esta

chama nunca pode ser sufocada por qualquer atividade exterior ou interior de realização. A maioria de nós tem uma chama minúscula, que é geralmente sufocada por alguma forma de ganho, mas de modo a permitir que esta chama minúscula arda furiosamente, a mensuração do "mais" tem de terminar totalmente. Só então a chama queima todo o sentido de gratificação.

Como educador, tenho estado preocupado com outro problema. Não posso ter uma escola só para mim. Numa escola tenho muitos colegas. Alguns são extremamente brilhantes — não estou a ser paternalista —, outros são de vária estultícia, embora todos sejam o que se chama bem-educados, tenham diplomas, e assim por diante. Talvez um ou dois de nós estejamos a tentar ajudar os estudantes a compreender a natureza da inteligência, mas sinto que, a não ser que todos estejamos juntos cooperativamente a ajudar o estudante nesta direção, aqueles professores que não estão preocupados com o cultivo dela atuarão como um impedimento. Este é o problema de alguns de nós; isto acontece a maior parte do tempo em centros educativos.

Por isso o meu problema é — e mais uma vez deixem-me repetir que isto não é dito de nenhuma forma paternalista — como devemos nós, os poucos, lidar com os muitos? Qual é a nossa resposta para eles? É um desafio que tem de ser enfrentado em todos os níveis da nossa vida. Em todas as formas de governo há a divisão entre os poucos e os muitos. Os poucos podem estar preocupados com toda a população, e os muitos estão preocupados com os seus próprios pequenos interesses particulares. Isto acontece em todo o mundo e está a acontecer no campo da educação. Por isso, como devemos nós estabelecer uma relação com aqueles de nós que não estão totalmente empenhados no florescer da inteligência e da bondade? Ou será tudo um único problema — despertar a chama em toda a escola?

Claro que a atitude autoritária destrói toda a inteligência. O sentido de obediência gera apenas medo, o qual em si mesmo afasta inevitavelmente a compreensão da verdadeira natureza da inteligência. Por isso, que lugar tem a autoridade numa escola? Temos de estudar a autoridade, não meramente afirmar que não deveria haver autoridade,

mas apenas liberdade. Temos de a estudar como estudamos o átomo. A estrutura do átomo é ordenada. A obediência, o seguir, o aceitar a autoridade, quer seja cega quer de olhos abertos, tem de produzir inevitavelmente a desordem. Qual é a raiz da obediência, que gera a autoridade? Quando se está em desordem, confusão, a sociedade torna-se totalmente caótica; então essa mesma desordem cria a autoridade, como aconteceu tantas vezes historicamente.

Será o medo a raiz de aceitar a autoridade, estar incerto, sem clareza em si próprio? Então cada ser humano ajuda a produzir a autoridade que nos dirá o que fazer, como aconteceu em todas as religiões, todas as seitas e comunidades. É o eterno problema do guru e do discípulo, cada um a destruir o outro. O seguidor torna-se então o líder. Este ciclo está para sempre a repetir-se.

Estamos a estudar juntos, no verdadeiro sentido da palavra, qual é a causa da autoridade. Se cada um de nós vir que é o medo, a confusão de ideias, ou algum fator mais profundo, então o estudo mútuo disso, verbal ou não verbal, tem significado. No estudar, pode haver uma troca de pensamentos e a observação silenciosa da causa da autoridade. Então esse mesmo estudo revela a luz da inteligência, pois a inteligência não tem autoridade. Não é a sua inteligência ou a minha inteligência. Alguns de nós podem ver isto profundamente, sem qualquer ilusão, e é nossa responsabilidade que esta chama seja espalhada onde quer que estejamos, na escola, em casa, ou num governo burocrático. Não tem lugar fixo; está onde quer que você esteja.

VISÃO
O ideal gera o conflito

Os nossos cérebros são muito antigos. Evoluíram através de incontáveis experiências, acidentes, morte. A continuidade do florescer do cérebro tem estado a acontecer há milénios. Tem variedades de capacidades, está sempre ativo, movendo-se e vivendo nas suas próprias memórias e ansiedades, cheio de medo, incerteza e

dor. Este é o ciclo eterno em que tem vivido, com prazeres passageiros e atividade incessante. Neste longo processo tem estado a condicionar-se a si próprio, a moldar o seu próprio modo de vida, a ajustar-se ao seu próprio meio ambiente como poucas espécies fizeram, combinando ódio e afeto, matando outros e ao mesmo tempo tentando encontrar uma vida pacífica.

É moldado pela atividade infinita do passado, modificando-se sempre. Mas a estrutura básica de recompensa e dor permanece quase a mesma. Este condicionamento tenta moldar o mundo exterior, mas interiormente está a seguir o mesmo padrão, dividindo sempre o "eu" e o "tu", "nós" e "eles", sendo ferido e tentando ferir, um padrão no qual o afeto e o prazer passageiros são o modo da nossa vida.

É necessário observar tudo isto sem julgamento de valor para que haja alguma mudança profunda e viva, perceber a complexidade da nossa vida sem escolha, apenas para ver exatamente o que é. O que é é muito mais importante do que o que deveria ser. Há apenas o que é e nunca o que deveria ser. O que é só pode terminar; não se pode tornar em algo mais. O fim tem maior significado do que o que está além do fim. Procurar o que está além é cultivar o medo; procurar o que está além é evitar, afastar-se do que é. Estamos sempre a perseguir aquilo que não é, algo diferente do real. Se pudéssemos ver isto e permanecer com o que é, por muito desagradável ou assustador que possa ser, ou por muito aprazível, então a observação, que é atenção pura, dissipa aquilo que é.

Uma das nossas dificuldades é que queremos avançar: diz-se a si próprio: 'Eu compreendo isto, e depois?' O "depois" é um afastar-se do que é. O "depois" é o movimento do pensamento. Se algo é doloroso, o pensamento tenta evitá-lo, mas se é aprazível, o pensamento segura-o e prolonga-o. Por isso este é um dos aspetos do conflito.

Não há oposto, mas apenas o que realmente é. Como não há oposto no sentido psicológico, a observação do que é não acarreta conflito. Mas os nossos cérebros estão condicionados para a ilusão do

oposto. Claro que há opostos: luz e escuridão, homem e mulher, preto e branco, alto e baixo, e assim por diante, mas aqui estamos a tentar estudar o campo psicológico do conflito. O ideal gera o conflito; e nós estamos condicionados por séculos de idealismo: o Estado ideal, o homem ideal, o protótipo, o deus. É esta divisão entre o protótipo e o real que gera o conflito. Ver a verdade disto não é uma avaliação de julgamento.

Estudei cuidadosamente o que foi dito nesta carta. Compreendo a lógica disso, o bom senso disso, mas o peso do passado é tão grande que a intrusão persistente e constante da ilusão cultivada, do ideal do que deveria ser, está sempre a interferir. Pergunto a mim próprio se esta ilusão pode ser totalmente dissipada, ou se deveria aceitá-la como uma ilusão e deixá-la murchar. Posso ver que quanto mais luto contra ela, mais lhe estou a dar vida, e é muito difícil permanecer com o que é. Agora, como educador, como pai e professor, posso transmitir este problema subtil e complexo do conflito nos seres humanos?

Que vida maravilhosa seria sem conflito, sem problemas. Ou melhor, à medida que os problemas surgem, o que parece ser inevitável, lidar com eles imediatamente e não viver com eles.

O caminho da educação até agora tem sido cultivar a competição e assim sustentar o conflito. Por isso vejo um problema atrás de outro a acumular-se na minha responsabilidade para com o estudante. As dificuldades afogam-me, e por isso começo a perder a visão de um bom ser humano. Estou a usar a palavra visão não como algum ideal, não como um objetivo no futuro, mas como a realidade profunda do momento presente da bondade e da beleza. Não é nenhum sonho fantasioso, uma coisa a ser atingida; a própria verdade disso é um fator libertador. Esta perceção é lógica, razoável e totalmente sã. Não tem matizes de sentimentalismo ou espuma romântica.

Agora, sou confrontado com a aceitação total do que é, e vejo os meus estudantes presos no evitação do real. Por isso há aqui uma contradição; e se não for cuidadoso e vigilante na minha relação com eles, poderei produzir conflito, uma luta entre eles e eu. Eu vejo, mas

eles não, o que é um facto. Quero ajudá-los a ver. Não é a minha perceção da verdade, mas que cada um deles veja a verdade que não pertence a ninguém. Qualquer forma de pressão é um fator de distorção, como ao dar ou ao ser um exemplo, por isso tenho de ir nisto muito suavemente e interessá-los em investigar se o fim do conflito é possível ou não.

Levou-me agora talvez uma semana ou mais para compreender isto, para apreender o significado disto. Posso não estar realmente a viver isto, mas apreendi o mecanismo delicado disso, e ele não se deve afastar de mim. Se eles apreenderem até o perfume disto, é como uma semente viva. Estou a descobrir que a paciência não tem elemento de tempo, enquanto a impaciência é da natureza do tempo. Não estou a tentar atingir um resultado ou chegar a uma certa conclusão. Não estou submergido por tudo isto; há um fator regenerador.

ESCOLHA
A liberdade não tem oposto

A liberdade é muito necessária na nossa vida. A liberdade não é obviamente fazer tudo o que gostamos, embora isto tenha sido considerado liberdade e tenha sido o modo da nossa vida. Sentimo-nos frustrados, inibidos quando os nossos desejos são negados. Disto surgem os nossos ressentimentos, os nossos sentimentos de que somos atacados e, assim, uma revolta contínua. Seguimos este curso de vida e podemos ver, se formos de todo reflexivos, que isso trouxe um caos absoluto ao mundo. Alguns psicólogos encorajaram-nos a perseguir os nossos impulsos sem qualquer contenção, a fazer o que gostamos imediatamente, racionalizando tal atividade como necessária para o crescimento de cada um. Este foi realmente o grito de muitas gerações, embora houvesse contenção exterior, e agora chama-se "liberdade" a permitir que a criança faça o que quer ao subir a escada da sua vida, que é a sociedade. Talvez, agora, haja um balanço oposto em direção ao controlo, inibição, disciplina e contenção psicológica. Esta parece ser a história da humanidade.

A somar a isto estão o computador e o robô. A tecnologia que se está a desenvolver nesta direção espera produzir e provavelmente produzirá um computador com um cérebro semelhante ao humano, mas que pode pensar mais rápido e com mais precisão e assim dar libertação de longas horas de trabalho. O computador também está gradualmente a tomar conta da educação das nossas crianças: professores e professores universitários altamente qualificados nas suas várias matérias podem informar os estudantes sem estarem realmente presentes. Isto também nos dará uma certa liberdade.

Exceto nos Estados totalitários, uma maior liberdade vai chegar ao homem e permitir-lhe-á talvez fazer o que gosta. Assim, um maior conflito pode surgir, maior miséria e guerras para o homem. Quando a tecnologia e os computadores com robôs dominarem e se tornarem parte da nossa vida diária, o que vai acontecer ao cérebro humano, que tem estado ativo até agora na luta física exterior? Tornar-se-á o cérebro atrofiado quando as pessoas trabalharem apenas um par de horas ou mais? Quando a relação for entre máquina e máquina, o que vai acontecer à qualidade e vitalidade do cérebro? Procurará alguma forma de entretenimento, religioso ou outro, ou permitir-se-á explorar os vastos recessos do próprio ser? A indústria do entretenimento está a reunir cada vez mais força, e muito pouca energia e capacidade humanas são voltadas interiormente; por isso, se não estivermos conscientes, o mundo do entretenimento vai conquistar-nos.

Por isso devemos perguntar o que é a liberdade. É dito frequentemente que a liberdade está no fim de uma disciplina drástica e controlo civilizado — "civilizado" significando no sentido de ter literatura, arte, museus e boa comida. Isto é meramente o revestimento exterior de um ser humano confuso e em declínio. Será a liberdade ter uma escolha de entretenimento? Será a liberdade escolha de todo? Nós consideramos sempre a liberdade como sendo de algo, da servidão, ansiedade, solidão, desespero, e assim por diante.

Tal consideração leva apenas a posteriores, e talvez mais refinados, estados de miséria, desgosto e à fealdade do ódio. A liberdade não está em escolher um líder político ou religioso para

seguir, o que obviamente nega a liberdade. A liberdade não é o oposto da escravatura. A liberdade é um fim, não dar continuidade ao que tem sido. A liberdade, em si mesma, não tem oposto.

Depois de ter lido isto e estudado isto, qual é a minha relação não apenas com o estudante e com a minha mulher e filhos, mas com o mundo? Para compreender realmente a profundidade da liberdade, a pessoa precisa de uma grande dose de inteligência e talvez de amor. Mas as atividades do mundo não são inteligentes e nem o é o meu grupo de crianças. Passo a maior parte do meu dia com elas. Tenho eu esta qualidade de liberdade com a sua inteligência e amor? Se tenho isto, os meus problemas tornam-se muito simples. Essa mesma qualidade atuará, e o que eu pensava ser um problema cessará de o ser. Mas eu realmente não tenho isto. Posso fingir, dar um espetáculo de simpatia, mas isso é muito superficial.

A minha responsabilidade é imediata. Não posso dizer a mim próprio que vou esperar até atingir a liberdade e este afeto, amor. Não tenho literalmente tempo porque os meus estudantes estão à minha frente. Não me posso tornar um eremita. Isso não resolverá problema algum, meu ou do mundo. Preciso do relâmpago do céu para ter esta liberdade e amor, para quebrar esta incrustação, este condicionamento; mas não há raio, nem céu. Posso permitir-me chegar a um impasse e ficar deprimido com o assunto; mas é um evitação do problema fechar-me completamente e assim ser incapaz de enfrentar o real.

Quando vejo realmente a verdade de que não há entidade externa para me ajudar neste dilema, de que nenhuma influência externa, nenhuma graça, nenhuma oração ajudará neste assunto, então talvez terei uma energia não contaminada. Essa energia pode então ser liberdade e amor.

Mas terei eu a energia da inteligência para desmantelar as coisas que os seres humanos em todo o mundo, dos quais eu sou um, construíram psicologicamente ao seu redor? Terei eu a persistência para passar por tudo isto? Estou a fazer estas perguntas a mim próprio, e estarei a fazê-las aos meus estudantes de uma maneira mais suave e

benevolente. Vejo as implicações de tudo isto muito claramente e devo andar muito suavemente. A verdadeira resposta reside na inteligência e no amor. Se tivermos estas qualidades saberemos o que fazer. Devemos perceber a verdade disto muito profundamente; caso contrário estaremos todos a perpetuar numa forma ou noutra a confusão entre os seres humanos.

A LIMITAÇÃO DO CONHECIMENTO
Não aprendemos com as guerras, mas repetimos a brutalidade e a bestialidade

A inteligência não é a consequência da disciplina. Não é um subproduto do pensamento. O pensamento é o resultado do conhecimento e da ignorância. A disciplina do pensamento, embora tenha certos valores, leva à conformidade. A via da disciplina, tal como é geralmente entendida, é a conformidade, o imitar e seguir um padrão. Disciplina significa verdadeiramente aprender, não vergar-se a uma norma. Não pode haver disciplina sem amor.

Desde a infância que nos dizem para nos moldarmos de acordo com uma estrutura religiosa ou social, para nos controlarmos, para obedecermos. Essa disciplina baseia-se na recompensa e na punição. A disciplina é inerente a qualquer matéria. Se se quer ser um bom jogador de golfe ou de ténis, isso exige que se preste atenção a cada pancada, que se responda com rapidez e graciosidade; o próprio jogo tem a sua ordem natural intrínseca. Esta ordem instrutiva desapareceu da nossa vida, que se tornou caótica, impiedosa, competitiva, e na qual procuramos o poder com todos os seus prazeres.

Não implicará a disciplina aprender todo o movimento complexo da vida — social, pessoal e além do pessoal? A nossa vida está fragmentada, e tentamos compreender cada fragmento ou integrar os fragmentos. Se reconhecemos tudo isto, a mera imposição de disciplina e de certos conceitos torna-se bastante sem sentido, mas sem alguma forma de controlo a maioria de nós enlouqueceria. Certamente que as inibições nos prendem, nos compelem a seguir a tradição.

Pessoa alguma deixa de perceber que tem de haver uma certa ordem na nossa vida. Será possível haver ordem sem qualquer forma de compulsão, sem qualquer pressão e, essencialmente, sem recompensa ou punição? A ordem social é caótica. Há injustiça — os ricos e os pobres, e assim por diante. Todos os reformadores tentam trazer a igualdade social, e aparentemente nenhum deles o conseguiu. Os governos tentam impor a ordem pela força, pela lei, por propaganda subtil. Embora possamos pôr uma tampa sobre tudo isto, a panela continua a ferver. Por isso, temos de abordar o problema de forma diferente.

Tentámos de todo o género de formas civilizar o homem, amansá-lo, e isto também não tem sido muito bem-sucedido. Cada guerra é uma barbaridade, quer seja uma guerra santa quer uma guerra política. Assim, temos de voltar à questão: pode haver uma ordem que não seja invenção do pensamento?

Disciplina significa a arte de aprender. Para a maioria de nós, aprender significa acumular memória, ler imensos livros, ser capaz de citar vários autores, recolher palavras de modo a escrever, falar ou transmitir as ideias de outras pessoas ou as nossas próprias, de modo a agir eficazmente como engenheiro ou cientista, músico ou bom mecânico. Uma pessoa pode sobressair no conhecimento destas coisas e, assim, tornar-se cada vez mais capaz de ter dinheiro, poder e posição. Isto é geralmente aceite como aprender — acumular conhecimento e agir a partir daí; ou, através da ação, acumular conhecimento, o que vai dar ao mesmo. Esta tem sido a nossa tradição, o nosso costume, e por isso estamos sempre a viver e a aprender no campo do conhecido. Não estamos a sugerir que exista algo desconhecido, mas sim a ter uma perceção clara das atividades do conhecido, das suas limitações, dos seus perigos e da sua continuidade sem fim. A história do homem é esta. Não aprendemos com as guerras, repetimos as guerras; e a brutalidade e a bestialidade continuam com a sua corrupção.

Apenas se vermos efetivamente a limitação do conhecimento — que quanto mais acumulamos, mais bárbaros nos tornamos — poderemos começar a indagar sobre o que é a ordem que não é imposta externamente nem imposta por si própria, que ambas implicam conformidade e, logo, conflito sem fim. O conflito é a desordem. A apreensão de tudo isto é atenção, não concentração, e a atenção é a essência da inteligência e do amor. Isto traz naturalmente a ordem sem compulsão.

Agora, como educadores e como pais, o que vai dar ao mesmo, não nos será possível transmitir isto aos nossos estudantes e filhos? Eles podem ser demasiado jovens para compreenderem tudo o que acabámos de ler. Nós vemos as dificuldades, e estas próprias dificuldades impedem-nos de apreender a questão maior. Não estou a fazer disto um problema; estou apenas muito consciente do que é o caos e do que é a ordem. Estes dois não têm relação um com o outro. Um não nasce do outro; e eu não estou a negar um nem a aceitar o outro.

A semente em flor da perceção trará a ação correta.

HUMILDADE
A humildade é a essência do amor e da inteligência; não é uma conquista

Em cada civilização tem havido alguns que se preocupavam e desejavam formar bons seres humanos; alguns que não se envolveriam em estruturas sagradas ou reformas, mas que não fariam mal a outro ser humano; que se preocupariam com a totalidade da vida humana; que seriam suaves, não agressivos e, assim, seriam verdadeiramente religiosos. Na civilização moderna em todo o mundo, o cultivo da bondade quase desapareceu. O mundo está a tornar-se mais brutal, nocivo, cheio de violência e engano. Certamente que é nossa função, como educadores, trazer uma qualidade de mente que seja fundamentalmente religiosa. Não queremos dizer pertencer a alguma religião ortodoxa com as suas crenças fantásticas, os seus rituais

repetitivos. O homem tentou sempre encontrar algo além deste mundo de ansiedade, sofrimento e conflito sem fim. Na sua busca por aquilo que não é do mundo, ele, provavelmente de forma inconsciente, inventou Deus e muitas formas de divindade, e fez intérpretes entre si próprio e aquilo que projetou. Tem havido muitos intérpretes, altamente sofisticados, talentosos e cultos. Historicamente, desde os tempos antigos que este ciclo tem continuado — Deus, o intérprete e o homem.

Esta é a verdadeira trindade na qual a credulidade humana tem sido mantida. O mundo tem sido demasiado para nós, e cada ser humano quer algum conforto, segurança e paz. Por isso, os seres humanos projetaram a essência de tudo isto numa entidade exterior, e também estamos a descobrir que isso é uma ilusão. Não sendo capazes de ir além e acima de todas as limitações da luta humana, estamos a regressar à barbárie, destruindo-nos uns aos outros interior e exteriormente.

Como um pequeno grupo, poderemos começar a pensar sobre estas coisas e, libertando-nos de todas as superstições inventadas da religião, descobrir o que é uma vida religiosa e, assim, preparar o solo para a floração da bondade? Sem a mente religiosa não pode haver bondade.

Há três fatores na compreensão da natureza da religião: austeridade, humildade e diligência. Austeridade não significa reduzir toda a vida a cinzas por uma disciplina severa, reprimindo cada instinto, cada desejo e até a beleza. A expressão exterior desta repressão no mundo asiático era o manto de açafrão e o pano da cintura; no mundo ocidental era tornar-se monge e fazer votos de celibato e absoluta obediência. A simplicidade de vida pode ser expressa em vestes exteriores e em viver uma vida restrita numa cela estreita, mas interiormente a chama do desejo ardia estavelmente e dava origem ao conflito. Essa chama devia ser apagada pela adesão estrita a um conceito, a uma imagem. O livro e a imagem tornaram-se os símbolos de uma vida simples.

A austeridade não é a expressão exterior de uma conclusão baseada na fé, mas sim compreender a complexidade interior, a confusão e a agonia da vida. Esta compreensão, que não é verbal ou intelectual, requer uma perceção muito cuidadosa e vigilante, uma perceção que não é a complexidade do pensamento, mas sim clareza. Esta clareza traz a sua própria austeridade.

A humildade não é o oposto da vaidade, não é curvar a cabeça a uma qualquer autoridade abstrata ou ao sumo sacerdote. Não é o ato de rendição a um guru ou a uma imagem, que são o mesmo. Não é a negação total e o sacrificar-se a um ser imaginário ou físico. A humildade não está associada à arrogância. A humildade não tem qualquer sentido de posse interiormente. A humildade é a essência do amor e da inteligência; não é uma conquista.

O outro fator é a diligência, que é o pensamento estar consciente das suas atividades, dos seus enganos, das suas ilusões. É discernir o real e o falso que transforma o real naquilo «que deveria ser». É estar consciente das reações ao mundo exterior e às respostas sussurradas interiores. Não é uma vigilância egocêntrica, mas sim ser sensível a todo o relacionamento.

Acima e além de tudo isto estão a inteligência e o amor. Quando eles existem, todas as outras qualidades seguir-se-ão. É como abrir o portão para a beleza.

Agora volto, como educador e como pai, à minha questão vacilante. Os meus estudantes e os meus filhos têm de enfrentar o mundo, que é tudo menos inteligência e amor. Isto não é uma afirmação cínica; é palpável e evidente. Eles têm de enfrentar a corrupção, a brutalidade e a absoluta insensibilidade. Estão assustados. Sendo responsável — estou a usar essa palavra muito cuidadosamente, e com intenção profunda —, como vamos ajudá-los a enfrentar tudo isto? Não estou a fazer a pergunta a mais ninguém; estou a colocá-la a mim próprio para que, ao questionar, fique esclarecido. Estou muito perturbado com isto, e certamente não quero uma resposta reconfortante. Ao questionar-me a mim próprio, a

sensibilidade e a clareza estão a mostrar os seus começos. Sinto-me muito fortemente em relação ao futuro destes estudantes e destas crianças, e ao ajudá-los a usar as palavras, a inteligência e o amor, estou a reunir forças. Ajudar um rapaz ou uma rapariga a ser assim é suficiente para mim, pois o rio começa nas altas montanhas como um ribeiro muito pequeno, solitário e distante. Mas ganha balanço até ser um rio enorme. Por isso, há que começar com muito poucos.

MEDIOCRIDADE
Que energia nos fará sair do lugar-comum?

O que nós somos, o mundo é. Na família, na sociedade, nós fizemos este mundo com a sua vulgaridade, brutalidade, crueldade e rusticidade e destruímo-nos uns aos outros. Também nos destruímos uns aos outros psicologicamente, explorando-nos mutuamente para os nossos desejos e gratificação. Parecemos nunca perceber que, a menos que cada um de nós passe por uma mudança radical, o mundo continuará como tem sido há milhares de anos, connosco a mutilarmo-nos uns aos outros, a matarmo-nos uns aos outros e a delapidar a terra.

Se a nossa própria casa não estiver em ordem, não podemos possivelmente esperar que a sociedade e as nossas relações mútuas estejam em ordem. É tudo tão óbvio que o negligenciamos. Descartamo-lo como sendo não só simples, mas demasiado árduo, por isso aceitamos as coisas como são, caímos no hábito da aceitação e continuamos. Esta é a essência da mediocridade. Uma pessoa pode ter um dom literário, ser reconhecida por alguns e trabalhar no sentido da popularidade; pode ser um pintor, um poeta ou um grande músico; mas nas nossas vidas diárias não nos preocupamos com a totalidade da existência.

Podemos talvez estar a somar à grande confusão e miséria da humanidade. Cada um quer expressar o seu próprio pequeno talento e

ficar satisfeito com isso, esquecendo ou negligenciando toda a complexidade do problema e da dor do homem. Aceitamos isto, e tornou-se a forma normal de vida. Nunca somos alguém de fora que permanece fora; sentimo-nos incapazes de permanecer fora, ou temos medo de não estar na corrente do lugar-comum.

Como pais e educadores, fazemos a família e a escola o que nós somos. Mediocridade significa realmente ir apenas até meio da montanha e nunca atingir o topo. Queremos ser como toda a gente ou, se queremos ser ligeiramente diferentes, mantemo-lo cuidadosamente escondido. Não estamos a falar de excentricidade, que é outra forma de expressão pessoal, que é o que toda a gente está a fazer à sua própria e pequena maneira. A excentricidade só é tolerada se se for abastado ou talentoso, mas se se for pobre e se agir de forma peculiar, é-se escorraçado e ignorado. Mas poucos de nós são talentosos; somos trabalhadores a continuar com as nossas profissões particulares.

O mundo está a tornar-se cada vez mais medíocre. A nossa educação, a nossa ocupação, a nossa aceitação superficial da religião tradicional estão a tornar-nos medíocres e bastante desleixados. Estamos preocupados aqui com a nossa vida diária, não com a expressão do talento ou de alguma capacidade. Como educadores, o que inclui os pais, podemos romper com esta forma de viver arrastada e mecânica? Será o medo inconsciente da solidão que nos faz cair em hábitos — o hábito do trabalho, o hábito do pensamento, o hábito da aceitação geral das coisas como são? Estabelecemos uma rotina para nós próprios e vivemos o mais próximo possível desse hábito, por isso gradualmente o cérebro torna-se mecânico. Esta forma mecânica de viver é a mediocridade. Os países que vivem de tradições estabelecidas são geralmente medíocres. Por isso, perguntamo-nos de que forma pode a mediocridade mecânica terminar e não formar outro padrão que gradualmente se tornará medíocre também?

O uso mecânico do pensamento é a questão, não como dar um passo para fora da mediocridade, mas o facto de o homem ter dado importância total ao pensamento. Todas as nossas atividades e aspirações, as nossas relações e anseios baseiam-se no pensamento. O

pensamento é comum a todos, quer sejam altamente talentosos quer camponeses sem qualquer tipo de educação.

O pensamento é comum a todos nós. Não é nem do Oriente nem do Ocidente, das terras baixas ou das terras altas. Não é teu nem meu. Isto é importante compreender. Nós fizemo-lo pessoal e, ao fazê-lo, limitámos ainda mais a natureza do pensamento. O pensamento é limitado, mas quando o fazemos nosso tornamo-lo ainda mais raso. Quando vemos a verdade disto, não haverá competição entre o pensamento de ideais e o pensamento do dia a dia. O ideal tornou-se suma importância e não o pensamento da ação. É esta divisão que gera o conflito, e aceitar o conflito é medíocre. São os políticos e os gurus que alimentam e sustentam este conflito e, logo, a mediocridade.

Novamente chegamos à questão básica: qual é a resposta do professor e do pai, o que inclui todos nós, à geração vindoura? Podemos perceber a lógica e a lucidez do que é dito nestas cartas, mas a compreensão intelectual parece não nos dar a energia vital para nos impulsionar para fora da nossa mediocridade. Que energia é essa que nos fará mover — agora, não eventualmente — para fora do lugar-comum? Certamente não é o entusiasmo ou a apreensão sentimental de alguma perceção vaga, mas é uma energia que se sustenta a si própria sob todas as circunstâncias. Que energia é essa, que tem de ser independente de toda a influência exterior? Esta é uma pergunta séria que cada um está a fazer a si próprio. Haverá tal energia, totalmente livre de toda a causalidade?

Agora examinemos isso juntos. O pensamento é o resultado de uma causa que é o conhecimento. Aquilo que tem uma dimensão tem sempre um fim. Quando dizemos que compreendemos, isso geralmente significa uma compreensão intelectual ou verbal, mas compreender é perceber sensivelmente aquilo que é, e essa própria perceção é o definhar daquilo que é. A perceção é esta atenção que está a focar toda a energia para vigiar o movimento daquilo que é. Esta energia de perceção não tem causa, tal como a inteligência e o amor não têm causa.

HARMONIA COM A NATUREZA
Se prejudicares a natureza, estás a prejudicar-te a ti próprio

Certamente os educadores estão conscientes do que está efetivamente a acontecer no mundo. As pessoas estão divididas racialmente, religiosamente, politicamente, economicamente, e esta divisão é fragmentação. Está a trazer um grande caos ao mundo — guerras, todo o género de engano político, e assim por diante. Há a violência crescente do homem contra o homem. Este é o estado real de confusão no mundo, na sociedade em que vivemos; e esta sociedade é criada por todos os seres humanos com a sua cultura, as suas divisões linguísticas, as suas separações regionais. Tudo isto está a gerar não só confusão, mas ódio, uma grande dose de antagonismo e mais diferenças linguísticas.

Isto é o que está a acontecer; e a responsabilidade do educador é realmente muito grande. Ele está preocupado, em todas estas escolas, em formar um bom ser humano que tenha um sentimento de relação global, que não seja nacionalista, regional, separado, agarrando-se religiosamente às velhas tradições mortas, que na verdade não têm valor algum. A responsabilidade do educador torna-se cada vez mais séria, cada vez mais empenhada, cada vez mais preocupada com a educação dos seus estudantes.

O que está a educação a fazer efetivamente? Estará realmente a ajudar a humanidade, as nossas crianças, a tornarem-se mais preocupadas, mais suaves, generosas, a não voltarem ao velho padrão, à velha fealdade e malícia deste mundo? Se o educador está realmente preocupado, como tem de estar, então tem de ajudar o estudante a encontrar a sua relação com o mundo, não com o mundo da imaginação ou da sentimentalidade romântica, mas com o mundo real em que todas as coisas estão a ter lugar; e também com o mundo da natureza, com o deserto, a selva ou as poucas árvores que o rodeiam, e

com os animais do mundo. (Os animais, felizmente, não são nacionalistas; caçam apenas para sobreviver.)

Se o educador e o estudante perderem a sua relação com a natureza, com as árvores, com o mar agitado, cada um perderá certamente a sua relação com a humanidade.

O que é a natureza? Há muita conversa sobre e esforço para proteger a natureza, os animais, os pássaros, as baleias e os golfinhos, para limpar os rios poluídos, os lagos, os campos verdes, e assim por diante. A natureza não é montada pelo pensamento, como a religião é, como a crença é. A natureza é o tigre, aquele animal extraordinário com a sua energia, o seu grande sentido de poder. A natureza é a árvore solitária no campo, os prados e o bosque; é aquele esquilo que se esconde timidamente atrás de um ramo. A natureza é a formiga e a abelha e todas as coisas vivas da terra. A natureza é o rio, não um rio particular, quer seja o Ganges, o Tamisa ou o Mississippi.

A natureza são todas aquelas montanhas, cobertas de neve, com vales azul-escuro e cordilheiras de colinas a encontrarem os mares. O universo faz parte deste mundo. É preciso ter um sentimento por tudo isto, não o destruir, não matar para prazer próprio, não matar animais para alimentação. Nós matamos os vegetais que comemos, mas é preciso traçar o limite em algum lado. Se não comeres vegetais, então como viverás? Por isso, é preciso discernir inteligentemente.

A natureza faz parte da nossa vida. Nós crescemos a partir da semente, da terra, e somos parte de tudo isso, mas estamos rapidamente a perder o sentido de que somos animais como os outros. Consegues ter um sentimento por uma árvore, olhar para ela, ver a beleza dela, escutar o som que ela faz; ser sensível à pequena planta, à pequena erva daninha, à trepadeira que está a crescer pela parede acima, à luz nas folhas e às muitas sombras? Tens de estar consciente de tudo isto e ter esse sentido de comunhão com a natureza ao teu redor. Podes viver numa cidade, mas tens árvores aqui e ali. O jardim do vizinho do lado pode estar mal cuidado, cheio de ervas daninhas, mas olha para a flor nele, e sente que és parte de tudo isso, parte de

todas as coisas vivas. Se prejudicares a natureza, estás a prejudicar-te a ti próprio.

Sabe-se que tudo isto já foi dito antes de diferentes formas, mas parece que não prestamos muita atenção. Será que estamos tão apanhados na nossa própria rede de problemas, nos nossos próprios desejos, nos nossos próprios impulsos de prazer e dor que nunca olhamos ao redor, nunca observamos a lua? Observa-a. Observa com todos os teus olhos e ouvidos, o teu sentido do olfato. Observa. Olha como se estivesses a olhar pela primeira vez. Se conseguires fazer isso, estás a ver a árvore, o arbusto, a lâmina de erva pela primeira vez. Então podes ver o teu professor, a tua mãe e o teu pai, o teu irmão e a tua irmã, pela primeira vez. Há um sentimento extraordinário sobre isso, como o espanto, a estranheza, o milagre de uma manhã fresca que nunca existiu antes, nunca existirá novamente.

Estar realmente em comunhão com a natureza, não preso verbalmente na descrição dela, mas ser parte dela, estar consciente, sentir que pertences a tudo isso. Ser capaz de ter amor por tudo isso, de admirar um veado, o melgaço na parede, um ramo partido no chão. Olha para a estrela da tarde ou para a lua nova, sem a palavra, sem meramente dizer quão bonita ela é e virar as costas para ela, atraído por outra coisa qualquer. Observa essa estrela única e essa lua nova e delicada como se pela primeira vez. Se houver tal comunhão entre ti e a natureza, então podes comungar com o homem, com o estudante sentado ao teu lado, com o teu educador, ou com os teus pais. Perdemos todo o sentido de relação no qual há não só uma afirmação verbal de afeição e preocupação, mas também este sentido de comunhão que não é verbal. É um sentido de que estamos todos juntos, de que somos todos seres humanos, não divididos, não despedaçados, não pertencentes a nenhum grupo ou raça particular, ou a alguns conceitos idealistas, mas de que somos todos seres humanos e estamos todos a viver nesta terra extraordinária e bonita.

Alguma vez acordaste de manhã e olhaste pela janela, ou saíste e olhaste para as árvores e a alvorada de primavera? Vive com isso. Escuta todos os sons, o sussurro, a brisa leve entre as folhas. Vê a luz

numa folha e observa o sol a vir por cima da colina, por cima do prado; e o rio seco, ou as ovelhas a pastar pela colina fora. Observa-as; olha para elas com um sentido de afeição, cuidado, de que não queres prejudicar uma coisa que seja. Quando tens tal comunhão com a natureza, então a tua relação com outra pessoa torna-se simples, clara, sem conflito.

Esta é uma das responsabilidades do educador, não meramente ensinar matemática ou como usar um computador. É muito mais importante ter comunhão com outros seres humanos que sofrem, lutam e têm grande dor e a dor da pobreza — e também com as pessoas ricas que passam de carro. Se o educador está preocupado com isto, ele está a ajudar o estudante a tornar-se sensível às dores de outras pessoas, às lutas de outras pessoas, às ansiedades e preocupações, e às discussões que se têm na família. Deveria ser a responsabilidade do professor educar as crianças, os estudantes, para terem tal comunhão com o mundo. O mundo pode ser demasiado grande, mas o mundo é onde ele está; esse é o seu mundo. E isto traz uma consideração natural, afeição pelos outros, cortesia e comportamento que não é bruto, cruel, vulgar.

O educador deve falar sobre todas estas coisas — não apenas verbalmente; tem de sentir o mundo, o mundo da natureza e o mundo do homem. Estão interligados. O homem não pode escapar a isso. Quando destrói a natureza, está a destruir-se a si próprio. Quando mata outro, está a matar-se a si próprio. O inimigo não é o outro, mas sim tu. Viver em tal harmonia com a natureza, com o mundo, traz naturalmente um mundo diferente.

SÓ HÁ APRENDIZAGEM
A aprendizagem traz a igualdade entre os seres humanos

Ao observar, talvez aprendas mais do que com os livros. Os livros são necessários para aprender uma matéria, quer seja matemática, geografia, história, física ou química. Os livros têm

impressos numa página o conhecimento acumulado de cientistas, de filósofos, de arqueólogos, e assim por diante. Este conhecimento acumulado, que se aprende na escola e depois no liceu ou na universidade, se se tiver a sorte de ir para a universidade, foi reunido ao longo das eras, desde tempos muito antigos. Há um grande conhecimento acumulado da Índia, do antigo Egito, da Mesopotâmia, dos gregos, dos romanos e, claro, dos persas. Tanto no mundo ocidental como no mundo oriental, este conhecimento é necessário para ter uma carreira, para fazer qualquer trabalho, quer mecânico quer teórico, prático ou algo que se tenha de pensar, inventar.

Este conhecimento trouxe uma grande dose de tecnologia, especialmente no século vinte. Há o conhecimento dos chamados livros sagrados, os Vedas, os Upanishades, a Bíblia, o Alcorão e as Escrituras Hebraicas. Há os livros religiosos e os livros pragmáticos, livros que te ajudarão a ter conhecimento, a agir com perícia, quer sejas engenheiro, biólogo ou carpinteiro.

A maioria de nós, em qualquer escola, e particularmente nestas escolas, reúne conhecimento, informação. Tem sido para isso que as escolas têm existido até agora: para reunir uma grande quantidade de informação sobre o mundo exterior, sobre os céus, por que razão o mar é salgado, por que razão as árvores crescem, sobre os seres humanos, a sua anatomia, a estrutura do cérebro, e assim por diante, e também sobre o mundo ao teu redor, a natureza, o meio social, a economia e tanto mais.

Tal conhecimento é absolutamente necessário, mas o conhecimento é sempre limitado. Por muito que possa evoluir, a recolha de conhecimento é sempre limitada. Aprender faz parte da aquisição deste conhecimento de várias matérias para que possas ter uma carreira, um trabalho que te possa agradar, ou um que as circunstâncias, as exigências sociais, te possam forçar a aceitar, embora possas não gostar muito de fazer esse tipo de trabalho.

Como dissemos, aprende-se muito ao observar — observar as coisas ao teu redor, observar os pássaros, as árvores, observar os céus,

as estrelas, a constelação de Orion, a Ursa Maior, a Estrela da Tarde. Aprende-se simplesmente ao observar não só as coisas ao teu redor, mas também ao observar as pessoas, como andam, os seus gestos, as palavras que usam, como se vestem. Observas não só o que está fora de ti, mas também te observas a ti próprio, por que pensas isto ou aquilo, o teu comportamento, a conduta da tua vida diária, por que razão os pais querem que faças isto ou aquilo. Estás a observar, não a resistir. Se resistes, não aprendes.

Ou se chegas a algum tipo de conclusão, a alguma opinião que consideras correta e te agarras a ela, então naturalmente nunca aprenderás. A liberdade é necessária para aprender, assim como a curiosidade, um sentido de querer saber por que razão tu ou os outros se comportam de determinada maneira, por que razão as pessoas se zangam, por que razão ficas irritado.

Aprender é extraordinariamente importante, porque a aprendizagem é infinita. Aprender por que razão os seres humanos se matam uns aos outros, por exemplo. Claro que há explicações nos livros, todas as razões psicológicas por que os seres humanos se comportam das suas maneiras particulares, por que razão os seres humanos são violentos. Tudo isto foi explicado em livros de vários tipos por autores eminentes, psicólogos, e assim por diante. Mas o que lês não é o que tu és. Se te observares a ti próprio, o que és, como te comportas, por que te zangas, tens inveja, por que ficas deprimido, aprendes muito mais do que num livro que te diz o que és. Mas é mais fácil ler um livro sobre ti próprio do que te observares a ti próprio. O cérebro está habituado a reunir toda a sua informação a partir de ações e reações externas. Não achas muito mais reconfortante seres dirigido, que os outros te digam o que deves fazer? Os teus pais, especialmente no Oriente, dizem-te com quem te deves casar e organizam o casamento, dizem-te qual deve ser a tua carreira. Assim, o cérebro aceita o caminho fácil, e o caminho fácil nem sempre é o caminho correto.

Pergunto-me se reparaste que já ninguém ama o seu trabalho, exceto talvez alguns cientistas, artistas, arqueólogos. Mas a pessoa

comum, habitual, raramente ama o que está a fazer. É compelida pela sociedade, pelos seus pais ou pelo impulso de ter mais dinheiro. Por isso, aprende ao observar muito, muito cuidadosamente o mundo externo, o mundo fora de ti, e também o mundo interno; isto é, o mundo de ti próprio.

Parece haver duas formas de aprender. Uma é adquirir uma grande quantidade de conhecimento, primeiro através do estudo e depois agindo a partir desse conhecimento. É o que a maioria de nós faz. A segunda é agir, fazer algo e aprender através do fazer; e isso também se torna na acumulação de conhecimento. Na verdade, ambas são o mesmo — aprender a partir de um livro ou adquirir conhecimento através da ação. Ambas se baseiam no conhecimento, na experiência; e, como dissemos, a experiência e o conhecimento são sempre limitados.

Por isso, tanto o educador como o estudante deveriam descobrir o que é realmente aprender. Por exemplo, podes aprender com um guru se ele for do tipo certo — um guru sensato, não o guru ganancioso, não um daqueles que querem ser famosos e correm para diferentes países para juntar uma fortuna através das suas teorias bastante desequilibradas.

Descobre o que é aprender. Hoje em dia, aprender está a tornar-se cada vez mais uma forma de entretenimento. Em algumas escolas ocidentais, quando os estudantes concluem o ensino secundário, nem sequer sabem ler e escrever; e quando sabem ler e escrever, e aprendem várias matérias, são todos pessoas tão medíocres. Sabes o que significa a palavra mediocridade? O significado da raiz é ir até meio da montanha, nunca atingindo o topo. Isso é mediocridade, nunca exigir o excelente, a coisa mais elevada de ti próprio. E a aprendizagem é infinita, realmente não tem fim.

Então, com quem estás a aprender? Com os livros? Com o educador? Talvez, se a tua mente for viva, ao observar? Até agora, parece que estás a aprender de fora. Estás a aprender, a acumular conhecimento e a agir a partir desse conhecimento, a estabelecer a tua

carreira, e assim por diante. Se estás a aprender contigo próprio, ou melhor, se estás a aprender ao observares-te a ti próprio, os teus preconceitos, as tuas conclusões definitivas, as tuas crenças, se estás a observar as subtilezas do teu pensamento, a tua vulgaridade, a tua sensibilidade, então tu próprio te tornas o professor e o ensinado. Então não dependes interiormente de ninguém, de nenhum livro, de nenhum especialista. Se estiveres doente e tiveres algum tipo de doença, claro que tens de ir a um especialista; isso é natural, é necessário. Mas depender de alguém, por muito excelente que seja, impede-te de aprender sobre ti próprio e sobre o que és. E é muito, muito importante aprender o que és, porque o que és origina esta sociedade que é tão corrupta, imoral; na qual há uma disseminação tão enorme da violência; esta sociedade que é tão agressiva, cada um procurando o seu próprio sucesso particular, a sua própria forma de realização.

Aprende o que és, não através de outro, mas observando-te a ti próprio; não condenando, não dizendo «Está tudo bem, eu sou assim, não posso mudar», e continuando. Quando te observas sem qualquer forma de reação, de resistência, então essa própria observação atua. Como uma chama, queima as estupidezes, as ilusões que se têm.

Por isso, aprender é importante. Um cérebro que cessa de aprender torna-se mecânico. É como um animal atado a um estaca; só se pode mover de acordo com o comprimento da corda, da amarra que está atado à estaca. A maioria de nós está atada a uma estaca peculiar nossa, uma estaca e uma corda invisíveis. Ficas a vagar dentro das dimensões dessa corda, e isso é muito limitado. É como um homem que passa o dia todo a pensar em si próprio, nos seus problemas, nos seus desejos, nos seus prazeres e no que gostaria de fazer. Conheces esta ocupação constante consigo próprio. É muito, muito limitada, e essa própria limitação gera várias formas de conflito e infelicidade.

Os grandes poetas, pintores, compositores nunca estão satisfeitos com o que fizeram. Estão sempre a aprender. Não paras de aprender depois de teres passado nos exames e ido trabalhar. Há uma grande força e vitalidade em aprender, especialmente sobre ti próprio.

Aprende, observa para que não haja um único ponto que não seja descoberto, olhado em ti próprio. Isto é verdadeiramente estar livre do teu próprio condicionamento particular. O mundo está dividido através do seu condicionamento como indiano, americano, britânico, russo, chinês, e assim por diante. Deste condicionamento resultam as guerras, a morte de milhares de pessoas, infelicidade e brutalidade.

Por isso, tanto o educador como o educado estão a aprender no sentido mais profundo da palavra. Quando ambos estão a aprender, não há educador nem aquele a ser educado: há apenas aprendizagem. A aprendizagem liberta o cérebro e o pensamento do prestígio, da posição, do estatuto. A aprendizagem traz a igualdade entre os seres humanos.

TRADIÇÃO
A revolta contra o passado traz apenas outra conformidade

Uma das coisas mais importantes que todos nós temos de compreender é o peso tremendo da tradição, especialmente neste país [Índia], onde é olhada como uma coisa extremamente sagrada. A palavra tradição significa render-se, entregar. Quando alguém se rende ao passado, a mente é moldada ou condicionada por aquilo que foi. O passado torna-se então tremendamente importante, em contraste, em oposição, ao presente. O passado é cultivado através de rituais, através dos chamados livros sagrados, através de propaganda religiosa. Isto condiciona a mente e, logo, limita-a. Nessa limitação, o tradicionalista procura a liberdade. Isto é como um prisioneiro que alarga as paredes da sua prisão: continua na prisão por muito grande que seja o pátio em que caminha.

Estes costumes que foram tão cuidadosamente cultivados pelas gerações passadas são transmitidos através da família, através da literatura, através das influências do meio; o que importa não é a cultura da mente, mas sim controlar a mente por padrões estabelecidos

no passado, o que se espera que traga ordem. Esse é o propósito da tradição.

Contra este peso da tradição, todas as jovens gerações, desde Sócrates, se rebelaram — os hippies, os beatniks e outros, com os seus uniformes de cabelo comprido, barbas, e assim por diante. Esta revolta contra o passado traz apenas outro tipo de conformidade, e indica, não é verdade, um grande protesto contra a ordem estabelecida das coisas e contra a geração passada, que é responsável pelas guerras, pelas desordens na sociedade, pela divisão da humanidade em nacionalidades e grupos religiosos?

A libertação do passado não é a revolta contra o passado, mas sim a compreensão de como o passado — a tradição, o costume — moldou as nossas mentes e corações. No estudo deste condicionamento, que é a consciência crítica de si próprio, no ver-se a si próprio como um prisioneiro neste mundo de grande dor que se criou, vem a liberdade. Sem esta liberdade, não podes possivelmente agir no presente. O presente ativo é a única ação.

Ou vais repudiar o passado completamente ou vais ser engolido pela sociedade, o que é renderes-te à sociedade, entregares-te à sociedade, com as suas tradições, com as suas guerras, e assim por diante. Ou seja, tornar-te-ás a ordem estabelecida para os teus filhos, que se rebelarão contra ti se forem minimamente inteligentes. A revolta dos jovens tem vindo a acontecer há milhares de anos. Cada geração destrói os jovens através de uma educação errada e de ideologias que não têm valor algum.

Quebrar esta corrente é o propósito principal da educação, não apenas cultivar uma memória forte que funcione para ajudar a ganhar a vida. A educação correta é ajudar o estudante não meramente a passar em exames de matérias técnicas, mas a compreender todo o campo da existência, que é a tua vida. Não só o educador, mas também o estudante devem exigir este tipo de educação; e através do questionamento, através de discussões, através da assembleia geral da

escola em que a relação entre o educador e o estudante não seja de autoridade, devem zelar para que esta educação seja mantida.

Na tradição nenhuma bondade pode florescer, e a continuidade da tradição não é bondade.

CULTURA
A verdadeira cultura é um movimento em liberdade

A cultura, como a palavra indica, é algo que está constantemente a crescer, a mudar, um movimento sem qualquer fim particular. Para cultivar uma planta ou uma flor, é precisa atenção e proteção, e cultivar a mente é muito mais difícil. A mente é muito complexa, muito subtil, e tem possibilidades imensas que são realmente incalculáveis. Negligenciamos a totalidade da mente e tentamos cultivar uma parte muito pequena dela através da educação, através da aprendizagem de uma técnica que nos dará a capacidade de ganhar a vida.

Este pequeno treino particular que se obtém através da educação, através de contactos sociais, através do relacionamento com outros seres humanos leva à contradição, que se expressa na vida diária em conflito, ódio, antagonismo e na agressão competitiva que se tornou tão importante meramente para sobreviver.

E porque não se é capaz de pôr fim a esta contradição em si próprio e na sociedade ou comunidade em que se vive, escapa-se para os templos, para as igrejas ou mesquitas, para a bebida ou para relações sexuais exageradas, e assim por diante. Todas as fugas são essencialmente a mesma, quer sejam fugas para o chamado Deus quer seja dando importância ao sexo.

O cultivo do fragmento tem inevitavelmente de levar à destruição e à dor, quer esse fragmento seja a nação, uma crença particular, a família ou uma ideia. O cultivo da glória e do sucesso do fragmento tem de dividir, separar e, assim, trazer o caos ao mundo. Até agora, o cultivo do fragmento tem sido a principal preocupação da educação, da sociedade. Este cultivo fragmentário tem de alimentar o medo e, logo, a busca constante de segurança, tanto exterior como interior. Esta é a sociedade em que vivemos, com as suas guerras, violência, brutalidade, agressão e a dor em constante aumento.

Numa escola, se dermos toda a importância à aquisição de conhecimento técnico e negligenciarmos totalmente a vastidão da mente como seres humanos, tornamo-nos mecânicos, aborrecidos com a vida e fundamentalmente preguiçosos. É isto que está a ter lugar. Podes cultivar o fragmento, mas não podes cultivar todo o campo porque não tens o instrumento com o qual entrar nesta vastidão. Nós não percebemos isto e, por isso, o intelecto torna-se de suma importância, ou damos uma devoção emocional e entusiástica a uma ideologia particular — do Estado, ou da imagem de si próprio, ou de um conceito desta vastidão a que se chama religião. Algo cultivado pelo homem nos seus medos torna-se tradição.

Por isso, o nosso problema não é apenas ter um treino de primeira ordem no conhecimento tecnológico, mas também sentir o nosso caminho para dentro desta mente extraordinária, com toda a sua imensidão. Inevitavelmente perguntarás como é que isto se faz. O «como» é o método, o sistema, e se segues o sistema ou o método, não importa qual seja, de quem seja, estás novamente a cultivar o fragmento. Quando perceberes isto, não perguntarás como. Assim, já mergulhaste numa investigação diferente. Esta investigação exige liberdade total. Esta liberdade não é desordem; não é *laisser-aller*. Se alguma vez exigiste esta liberdade de ti próprio, também construíste uma imagem, um conceito, uma ideia do que é esta liberdade, e obviamente isso não é liberdade. A liberdade não é algo a ser encontrado no céu, mas sim na nossa vida diária, na libertação da brutalidade, da violência, da ganância, e assim por diante. Sem esta

base de liberdade, o crescimento do fragmento traz o caos e indiscutíveis estragos e miséria.

A verdadeira cultura é um movimento em liberdade, não dentro do padrão de uma ideologia, que se torna tradição.

OBEDIÊNCIA
O medo gera a autoridade

Uma das coisas mais importantes da vida, talvez a mais importante, é a liberdade. Esta palavra tem sido grandemente mal utilizada tanto por governos tirânicos como democráticos, e as religiões em todo o mundo abusaram dela. A liberdade pessoal e a independência não existem, exceto talvez no mundo científico.

Não existem no mundo dos negócios ou nas estruturas religiosas que o homem organizou através do medo e da crença; não existem nos governos ou em qualquer campo da atividade humana. Mas o homem tem afirmado consistentemente que é livre e queixado que é o meio envolvente que o escraviza. A liberdade, que é a independência para pensar por si próprio com clareza e não agir de acordo com os ditames da sociedade ou com as inclinações pessoais de cada um, é muito difícil, mas sem liberdade não se pode possivelmente descobrir ou viver uma vida que seja totalmente diferente da miséria que todos conhecemos todos os dias.

A liberdade não é meramente a libertação de algo, mas é a liberdade em si mesma. Isto não significa liberdade para fazer o que quer que se goste, por isso há que compreender não meramente verbalmente, mas de facto, o que essa palavra implica. Não estamos a tentar definir o que é a liberdade; cada um interpretá-la-ia de acordo com a sua própria fantasia, inclinação ou educação, e alguns até negariam que exista de todo tal coisa.

A liberdade não deve ser encontrada procurando-a, mas sim compreendendo o que é que aprisiona a mente. Quando estas paredes

da prisão são quebradas, então há liberdade naturalmente, e não se tem de a procurar. Por isso, o que é importante não é como alcançar a liberdade ou perguntar o que é a liberdade, mas sim perguntar por que razão a mente — que é o produto do tempo e do meio envolvente e teve tantas experiências de miséria e conflito — não é livre.

O que é importante é indagar sobre por que razão a mente continua tão fortemente condicionada após tantos milhões de anos. Esta é a prisão em que vive. A mente é condicionada pela sociedade com as suas culturas, leis, sanções religiosas, pressões económicas, e assim por diante. A mente é, afinal de contas, o resultado do passado, e este passado é a tradição. Vive nesta tradição com todas as suas lutas, guerras e agonias. Há que perguntar se ela pode estar livre do seu próprio condicionamento. Alguns disseram que ela tem de permanecer sempre condicionada e nunca pode ser livre, e outros disseram que esta libertação do condicionamento nunca pode ser encontrada aqui, mas apenas num céu futuro, ou no fim de algum longo sacrifício, disciplina, programa de posterior conformidade com um padrão da chamada prática religiosa. Sem a libertação do condicionamento, a humanidade permanecerá sempre uma prisioneira e a vida permanecerá um campo de batalha.

A primeira coisa a compreender nesta indagação é a natureza da autoridade. Em qualquer comunidade, a lei e o polícia são necessários, mas nós também introduzimos um polícia no mundo interior do pensamento e do sentimento. Neste mundo, a obediência foi incutida pela tradição, pela experiência e pelo hábito — obediência aos pais, à sociedade, ao padre. Mas a obediência nasce do medo — medo de errar, de agir independentemente, de não estar seguro, de não fazer parte da comunidade, de estar sozinho, de cometer um erro.

Por isso, é o medo que gera a autoridade; quer-se viver de uma forma respeitada, aceite, que a sociedade estabeleceu. É este próprio medo que condicionou a mente; é o medo que construiu a sociedade da qual a mente se tornou escrava. A mente criou esta sociedade através do seu medo, ganância, ambição, inveja, e assim por diante.

Uma disciplina que vem naturalmente, sem qualquer conformidade, é a simples observação de todos estes medos, ansiedades e invejas; ver os teus próprios medos, as tuas próprias ambições como vês uma árvore. Este próprio ver é essa disciplina. A palavra disciplina significa aprender, não conformidade, supressão ou obediência. Aprender sobre a natureza e a estrutura do condicionamento traz a ordem, não a ordem da sociedade, que é desordem.

Por isso, ver o que o mundo é, com as suas guerras, ódio, lutas, confusões, é veres-te a ti próprio como és. E veres-te a ti próprio como és é veres o mundo que criaste a partir do que és. Neste ver há liberdade. Ver um perigo é evitá-lo. Ver o perigo deste pesado condicionamento do homem é evitar todo o condicionamento. O que é importante em tudo isto é ver não só com o intelecto, mas também com o olho real.

CONFLITO
A separação leva ao conflito

Evitar o mundo é ser mundano. Evitamo-lo de tantas maneiras. Evitar é resistência ao que é. O idealista e o intelectual, o homem emocional, o homem religioso e o homem do mundo, todos resistem ao que é das suas próprias maneiras especializadas. Por isso, nunca há qualquer mudança radical ou revolução. Esta resistência ou evitamento é cultivado desde a infância até morrermos.

Esta tem sido a tradição não só no Oriente, mas também no Ocidente; não pertence ao Oriente nem ao Ocidente, pois o homem não é europeu, asiático ou americano. A questão fundamental é saber se é possível viver uma vida diária sem qualquer resistência, isto é, sem qualquer defesa. Será possível ser vulnerável, logo altamente sensível, e ainda assim continuar com as nossas ocupações diárias?

Como isto não é feito, a consequência inevitável é o processo separativo que se cultiva através do mecanismo de defesa, e este

processo separativo tem inevitavelmente de levar ao conflito em todas as relações. Este conflito interior torna-se conflito exterior, levando a divisões nacionais, divisões religiosas, divisões morais, e assim por diante. Será possível na sociedade viver uma vida sem conflito, sem resistência, sem qualquer forma de evitamento do que é? O que é está sempre no presente ativo.

A resistência a esta atividade viva surge através de memórias passadas do que foi e da esperança do que possa vir a ser. A lembrança do passado e a esperança no futuro são o evitamento do que é. Nós resistimos ao real. O real é a raiva, ou a dor, ou o desespero, ou um momento de alegria. Será possível olhar para a dor sem qualquer forma de resistência ou de evitamento, olhar para ela não apenas com os sentidos, mas também sem o processo de autocomiseração, e não escapar dela, nem a condenando nem a aceitando, que são ambas formas de evitar o que é?

O que é é a dor ou o sofrimento. Olhar é sempre no presente. Se dizes: «Eu já olhei», e olhas para o presente com o que aprendeste desse olhar e com a memória desse olhar, então estás na verdade a olhar com olhos que estão enevoados por memórias passadas e, assim, não olhas de todo. Olhar verdadeiramente para esta dor, com a qual a humanidade tem vivido desde que começámos, é olhar sem tempo. Quando não há resistência, então esta dor perde o seu aguilhão. Mas aceitar a dor, ou adorá-la, ou explicá-la, nunca é entrar em contacto direto com ela.

A rede de fugas que cultivámos através do álcool, através do sexo, através das crenças organizadas a que chamamos religião, através da obediência ao Estado ou a alguma ideologia, é no fundo resistência a, evitamento do que é, tanto interior como exteriormente. Todo o cultivo da tradição de resistência nega a liberdade. A lembrança da ação passada é inação, pois a ação é um movimento no presente, a ação que brota do que é, não da lembrança do que foi.

TRABALHAR EM CONJUNTO

A educação serve para quebrar padrões

A cooperação e a agressão nunca podem ir juntas. A cooperação é uma necessidade absoluta num mundo que está tão despedaçado por crenças nacionais e religiosas, diferenças económicas e sobredesenvolvimento e subdesenvolvimento intelectuais. Há um certo tipo de cooperação em relações muito próximas, como na família, mas além disso há sempre diferenças de opinião, inclinações e conhecimento. Estas diferenças tornam-se intensificadas através da ambição e da inveja, e isto obviamente impede a cooperação.

Tradicionalmente, cooperação significava trabalhar em conjunto por uma ideologia ou em torno de um indivíduo dominante ou por algum ideal utópico, mas tal cooperação cessa ou desintegra-se quando o indivíduo ou a ideologia desaparece. Este é o padrão que o homem tem seguido, esperando trazer uma condição diferente ao mundo, ou para o seu próprio proveito pessoal. Trabalhar em conjunto por um fim, tendo cada indivíduo o seu próprio motivo para alcançar esse fim, tem inevitavelmente de gerar conflito. Tal trabalho em conjunto serve um conceito e não uma necessidade real. Trabalhar em conjunto deixa de ser uma fórmula quando há não só a compreensão da necessidade, mas também quando há essa relação que vem com o amor. Esta relação é negada quando há agressão.

O homem, por natureza, é agressivo; esta agressão vem do animal. Esta agressividade, esta violência, é incentivada na família, na educação, no mundo dos negócios e nas estruturas religiosas. A agressão toma a forma de ambição, que é novamente incentivada e respeitada. A agressão é violência, e para neutralizar esta violência que é tão proeminente no mundo, foram desenvolvidas várias formas de ideologia; mas isto só ajuda a evitar o facto real da violência. A violência não está apenas no campo de batalha, mas é a raiva, o ódio e a inveja. É a inveja que nos torna competitivos, o que é novamente uma coisa muito respeitada na sociedade, cuja própria estrutura se baseia na violência.

A maioria de nós consegue ver o padrão de tudo isto pelo menos intelectualmente, mas o que nos faz agir não é uma apreensão intelectual, mas sim ver a própria verdade da questão. Ver a verdade é o único fator libertador, não todos os argumentos intelectuais, os ajustamentos emocionais ou meras racionalizações. Ver é agir, e essa ação não é o resultado da ideação.

A cooperação tem de existir, e ela não pode possivelmente existir quando cada indivíduo está em competição com outros seres humanos e está a perseguir a sua própria realização. Para cooperar, não pode haver tal coisa como realização individual, familiar ou nacional, pois esta realização enfatiza a separação, negando a cooperação. Quando vês tudo isto, não como uma ideia descritiva, mas como um perigo para o bem-estar total da humanidade, então esse próprio ver traz uma ação que será não agressiva e, logo, cooperativa. Ver é amar, e um homem que ama está num estado de cooperação. Compreendendo a cooperação, ele verá também quando não deve cooperar.

Na plenitude da cooperação, a bondade, que não é sentimentalismo, pode florescer. É a autoridade que destrói a cooperação, pois o amor não pode possivelmente existir onde há autoridade. Vivemos há tanto tempo nos padrões aceites da vida que isso se tornou tradicional, e a liberdade, o amor e a cooperação perderam os seus significados fundamentais. A educação serve para quebrar estes padrões. Na própria quebra deles está o ver da verdade do novo.

ORDEM
A obediência ao passado é desordem

Exceto talvez na natureza, quando olhas ao teu redor vês que há muita miséria, confusão e violência. Se o homem se tivesse proposto deliberadamente a trazer o caos ao mundo, não poderia possivelmente ter tido tanto sucesso como o atual estado real de destruição, ódio e anarquia. Este é o resultado das gerações passadas; as vidas, as atitudes, os valores e as superstições das gerações passadas são

responsáveis por este caos. Ouve-se frequentemente dizer que o futuro está nas mãos da geração mais jovem. Será assim? Ou será que as gerações mais jovens estão também tão fortemente condicionadas pelo passado — do qual podem nem estar conscientes de todo — que se rebelam apenas superficialmente contra a ordem estabelecida? Esta revolta superficial dá-lhes uma certa vitalidade e frescura, que é confundida com um novo começo. Cada geração esteve mais ou menos em revolta contra o passado, mas é logo apanhada na armadilha do passado, pela sociedade, cultura em que viveu. Tudo isto é bastante óbvio e não requer uma análise profunda.

O que é mais urgente é que, como seres humanos, cada um de nós tem de pensar, agir e viver de uma forma totalmente diferente, que não se baseie na agressão, na ganância de posse e no instinto predatório que o homem herdou. Esta revolução não é no campo social ou económico, mas a uma profundidade muito maior; é na própria estrutura da consciência humana. Por isso, a crise não é de jovens contra gerações anteriores, ou de uma fórmula religiosa contra outra, ou de um país contra outro, mas sim nas próprias raízes do nosso ser. A decisão é se continuamos com o passado ou se encontramos uma forma de viver na qual o conflito, sob qualquer forma, não exista.

Para encontrar uma nova forma de vida, a ordem é necessária. A ordem não é a imitação ou a aceitação de um padrão como forma de vida. Não é a obediência a uma autoridade superior, quer essa autoridade seja exterior quer interior. A ordem não é também a conformidade nem com uma forma de vida estabelecida através da tradição nem com uma forma de vida cultivada para si próprio. Toda essa ordem é essencialmente uma forma de aceitação da conformidade. A ordem não pode possivelmente existir quando há medo; o medo e a desordem vão juntos. A estrutura social em que vivemos produz, pela sua própria natureza, esta desordem. É desta desordem que temos medo, e cultivamos uma moralidade para superar este medo. Por isso, a nossa chamada moralidade não passa de um ajustamento à desordem.

Quando falamos de ordem, queremos dizer um estado de mente que é o resultado natural da compreensão da natureza real da desordem. Não é o cultivo de um novo padrão ou sistema a ser seguido, mas sim ver a natureza da desordem e o seu perigo. Se te agarras à velha forma de vida, obviamente não verás o perigo desta desordem. Por isso, ver a desordem é a disciplina, e não o contrário. A liberdade não vem da disciplina como ela é geralmente entendida, que é conformar-se, reprimir, obedecer, e assim por diante. Disciplina significa aprender. Por isso, tens de te tornar um discípulo da liberdade; e não há nenhum guru ou professor para te dizer o que é a liberdade. Assim, a ordem só é possível quando há aprendizagem sobre a liberdade. Esta aprendizagem é a continuação da liberdade em ação.

Deste modo, a autoridade chega ao fim. Claro que tem de haver a autoridade do polícia e da lei, mas não há outra autoridade. Pois a liberdade, que é ordem, não pode existir à sombra da autoridade, quer seja a autoridade da tradição quer a autoridade que se acumulou através da experiência e do conhecimento. A autoridade é sempre o passado, e a obediência ao passado é desordem.

MORALIDADE
A conformidade nega a virtude

Os governos tirânicos e os pais tirânicos tentaram estabelecer a ordem através do medo e da punição. Eles assumem a autoridade da própria «Providência» para dominar e moldar as mentes de acordo com os seus conceitos e tradições do que a ordem deveria ser. A tradição pode ter dez mil anos ou um dia. Na família, esta autoridade está investida nos pais, e nos governos tirânicos é imposta através de várias formas de persuasão, assassínio e intimidação.

Uma vez estabelecidos no poder, é uma questão simples para os governos, através da propaganda, construir uma tradição que é gradualmente aceite para assegurar a continuação da sua autoridade. A família, a igreja e os governos tirânicos têm feito isto ao longo das

eras. Nisto, a lei básica é a aceitação, a obediência e a conformidade, uma conformidade que tanto o tirano como o pai consideram que trará a ordem. Ordem para eles significa obedecer àquilo que consideram ser o bem supremo para a comunidade, bem como para o indivíduo.

Esta chamada ordem tenta estabelecer a relação entre indivíduos e entre o indivíduo e a comunidade. Esta relação é condicionada, mas como toda a vida é relação, forçá-la a entrar num molde particular tem naturalmente de trazer conflito. Este conflito é a revolta contra o padrão, o que traz a desordem; e para superar esta desordem, a autoridade é novamente exercida para trazer a chamada ordem. Este padrão óbvio pode ser visto a funcionar na vida diária dos governos, das organizações religiosas e de todo o poder estabelecido. Isto não é ordem de todo.

A ordem tem de vir da liberdade, não a ordem primeiro e a liberdade depois. A liberdade não pode possivelmente existir se não houver disciplina; mas a disciplina de acordo com o padrão do poder ou de acordo com uma tradição estabelecida ou a conformidade com a necessidade não é disciplina de todo. Como dissemos, disciplina é aprender. Aprender precisa de uma mente ativa, não de uma mente que acumulou conhecimento e adiciona a este através do que chama aprender. Aprender exige atenção; mas é a inatenção que é incentivada através da acumulação de conhecimento e do hábito. O hábito e o conhecimento são contrários à virtude. É a virtude que traz a ordem.

A moralidade é costume e hábito, e a virtude não o é. Quando compreendemos o mecanismo do hábito e do costume — não intelectualmente, mas entrando efetivamente em contacto direto com ele —, então esse próprio ver é o fator libertador do costume e do hábito, que é a tradição profundamente enraizada que os seres humanos têm mantido cuidadosamente e que é a aceitação da tirania e da moralidade, a ordem estabelecida, da sociedade.

Assim, em todos os seres humanos há este impulso compulsivo para se conformar, para seguir, que é a própria negação da virtude. A virtude como conduta, comportamento, só pode florescer como

bondade quando a moralidade como costume cessa. Por isso, a ordem não é o costume compelido pela autoridade, quer exterior quer interior, mas sim o florescer de um comportamento que não é moldado pelo meio envolvente. Tal comportamento é a retidão. Sem um comportamento reto não há ordem. Estamos tão habituados à desordem, cuja indicação é o conflito, que estar sem esse molde traz medo. O medo apenas gera resistência e agressão, e nunca a ordem.

O amor não é a lembrança da imagem do prazer ou do desejo, pois isto gera contradição e conflito, que é uma das causas da desordem. O amor não é a fotografia sobre a lareira ou a imagem na igreja ou a lembrança sexual, que geram hábito, costume e, portanto, desordem. O amor é retidão, comportamento no presente ativo, e isto é ordem.

AÇÃO
Viver é ação em relação

Certamente todos nós procuramos uma forma de vida na qual o conflito não tenha lugar. A humanidade tem procurado isto num mosteiro, tornou-se um monge itinerante ou retirou-se do mundo para uma caverna, uma torre de marfim, esperando encontrar uma forma de vida na qual a dor e a dor tenham chegado ao fim. Mas a humanidade aceitou a guerra, interior e exteriormente, como uma forma de vida. Até o monge passa por várias lutas, caos e ansiedades.

Aceitámos a vida como um campo de batalha no qual estamos não só uns contra os outros, mas estamos também divididos dentro da consciência limitada do nosso próprio ser. Por isso, só conhecemos uma forma de viver que é agitação e uma ação que traz mais ansiedades e desesperos.

Agora podemos perguntar se há alguma ação que não gere conflito. A ação não é um conceito ideológico do que a ação deveria ser. A ação é o próprio fazer no presente. A ação nunca é o que foi ou o que será. O que foi é a memória da ação, e o que será é a projeção

através do presente do que foi. Nós pensamos numa ação e executamo-la no presente, modificando-a se necessário; por isso, a ação é algo que foi elaborado pelo pensamento no passado para nós. A ação, portanto, nunca é no presente; é sempre à sombra do passado. Esta sombra é a memória, a experiência e o conhecimento, uma ideologia ou um conceito do que a ação deveria ser. E assim a ação nunca é.

Esta divisão da ação como o passado no presente para produzir um resultado no futuro é o trabalho do pensamento. O pensamento é o resultado do passado e, por isso, o pensamento é sempre velho. Não há nada de novo no pensamento, por isso, quando o pensamento domina a ação, ela deixa de ser ação, sendo apenas um resultado, um efeito. Mas viver, sentir, o relacionamento são sempre no presente, sendo o presente o movimento ativo. Por isso, há sempre uma contradição entre o que é e o que foi, e assim esta ação produz sempre conflito.

Quando se vê toda esta estrutura do que chamamos ação, com os seus conflitos resultantes, pergunta-se a si próprio se a ação pode brotar não do pensamento, mas de um estado de mente que é completamente quieto e silencioso. Só então a ação pode não ser um resultado e, logo, não ser produtora de dor e dor.

O esvaziamento da mente em relação ao passado é a meditação; e então a ação é meditação. Afinal de contas, viver é ação em relação. Libertar a mente da imagem do passado é a ação da meditação.

PRECONCEITO
O relacionamento não é intelectual

A violência e o niilismo estão a espalhar-se por todo o mundo. Quanto mais altamente organizada é a sociedade, mais possibilidade há de violência; e o sentido de não cooperação, que é o niilismo, tem de estar a aumentar. A lei não pode resolver este problema, pois todos dependemos uns dos outros. Se um grupo altamente especializado faz

greve contra outro e a greve é legal, não há saída para esta desordem. Os Estados tirânicos proibiram as greves, mas isso também não é o caminho. Cada segmento especializado da comunidade opõe-se a outro grupo especializado; e os pobres, vendo a afluência, querem naturalmente parte dela.

Por isso, há uma luta tremenda a decorrer dentro da sociedade, levando à violência sob todas as formas. A lei e a ordem policial não podem trazer a paz ao mundo, e temos de ter paz para podermos sobreviver de todo. A paz não é estabelecida pelos políticos; a deles é apenas uma paz entre dois conflitos. A paz está no relacionamento dos seres humanos, quer sejam negros, brancos ou cor-de-rosa, comunistas ou católicos, e assim por diante. O relacionamento não é ao nível intelectual. Um relacionamento a esse nível não é relacionamento de todo. O relacionamento é ao nível humano de compreensão e afeição. Isto é negado quando a ação se conforma ou se ajusta a uma imagem feita pelo intelecto. As ideias são muito mais importantes para nós do que o relacionamento humano de afeição com a sua consideração.

Por que razão se tornaram as fórmulas tão importantes? Será porque não sabemos como agir e, por isso, escapamos para ideias, para fórmulas com as quais esperamos resolver os problemas? Matar um animal ou um ser humano é o ato definitivo de violência. Todos reconhecemos isto no fundo do nosso coração, mas ainda assim encontramos razões, lógicas e ilógicas, pelas quais deveríamos matar. Assim, matar torna-se a forma tradicional de lidar com os problemas que surgem do viver.

Matar não é apenas com a baioneta ou com a bomba, mas também com as atitudes, as opiniões, os julgamentos e os gestos que se usam para destruir os outros. Somos ensinados a odiar desde a infância: um pai diz aos seus filhos: «Não vejas fulano, ele não é um homem agradável», ou «Ela não é das nossas», e assim a semente do ódio é semeada. A miséria de tudo isto é a importância dada ao preconceito, aos valores estabelecidos e a coisas perigosas como o nacionalismo e deuses separados aos quais nos habituámos. A recolha do lixo e a representação de Deus são funções especializadas que as

pessoas criam como monopólios, e assim estas próprias pessoas tornam-se a fonte de violência.

A maioria de nós sabe todas estas coisas, alguns de nós intelectualmente e outros com preocupação emocional, mas a humanidade parece ser incapaz de começar de novo, de olhar para todos estes problemas com olhos frescos. Aqueles que se rebelam contra o passado caem noutra armadilha. Este tem sido o processo histórico: os novos deuses tornam-se os velhos deuses de um dia para o outro.

Observando tudo isto sem emoção, e certamente não intelectualmente, vemos que a ação que não é nascida de ideias, mas sim de um estado de mente completamente diferente, se torna uma necessidade urgente. Afinal de contas, o amor não é o monopólio de nenhum Estado ou de nenhuma religião; não pode ser domesticado ou amansado e colocado na estrutura de uma família. É feroz e apaixonado, sem as cinzas mortas do ontem. A ação nascida disto é relacionamento, e este é o único caminho de saída.

UMA EDUCAÇÃO DIFERENTE
A essência da cultura é a harmonia completa

Embora a palavra educação tenha significados mal aplicados, tem de ser usada para transmitir geralmente o que se está a passar no mundo. O uso dessa palavra, quer no Oriente quer no Ocidente, implica frequentar aulas desde a infância até à universidade, tirar diplomas e acumular uma grande quantidade de informação sobre várias matérias — desde a física teórica ao cultivo de vegetais, da música à medicina, e assim por diante. Este cultivo da memória tornou-se uma necessidade na atual estrutura social e económica. Para ter um bom trabalho no campo da educação ou no campo da política ou nos negócios, um diploma é considerado essencial. Para adquirir este diploma, tens de te conformar com a estrutura do conhecimento e com a ordem estabelecida da sociedade ou do Estado — quer esse Estado seja socialista, comunista ou capitalista.

Ao adquirir estas variedades de conhecimento, o cérebro tem de reter uma grande quantidade de factos, experiência e tradição. Ao longo do curso de muitos anos a adquirir informação, e a aplicá-la na prática, o cérebro inevitavelmente tem de ser condicionado e, assim, torna-se mecânico, embora tenha liberdade para funcionar dentro da sua área limitada. Toda a existência se destina a ganhar a vida, a conformar-se com um padrão e a viver com o conhecido.

O exercício do cérebro está confinado ao campo do conhecimento, o conhecido. O conhecido é o passado, tal como é o conhecimento, e a partir daí o futuro ou o presente é construído. Por muito intrincado e subtil que o conhecimento seja, está sempre dentro do campo do tempo, o conhecido. E o pensamento tem as suas raízes no passado. O pensamento pode ir muito longe, explorar muitos campos para o passado ou para o futuro, para a ciência abstrata ou para a antropologia; pode explorar o espaço.

Desde a infância que o cérebro é treinado para ser competitivo, para ser ambicioso, para adorar o sucesso, o que dá importância ao «eu», à pessoa, ao ego; e assim a essência da cooperação é destruída. Tudo isto é geralmente o que se chama educação, mesmo nas formas mais elevadas que dão estatuto na sociedade, o que se tornou mais importante do que a função. Em todo o mundo isto é o que se chama educação, e por isso começa-se a questionar ou a duvidar dessa própria palavra.

A cultura é algo totalmente diferente. A palavra implica não só o cultivo do conhecimento, mas também a essência total do homem, tanto interior como exterior. Esta divisão é artificial; a harmonia completa na qual não há divisão é o real. As culturas atuais do mundo estão rapidamente a desaparecer, e porque estão a desaparecer estão a ser substituídas por conhecimento e não por sabedoria. A essência da cultura é a harmonia completa. Esta harmonia é o próprio cerne da mente religiosa.

Sem religião não há cultura; mas não a religião da propaganda organizada, que todas as religiões são, nem a busca pessoal de alguma vasta experiência. A mente religiosa não se baseia em nenhuma crença, fé ou autoridade; é a ausência total da pessoa. Quando, na desintegração de qualquer cultura, o sexo, os gurus e a autoridade com os seus seguidores surgem — como cogumelos num campo húmido de floresta em decomposição —, então a tradição e o livro tornam-se de suma importância. Isto é o que está a acontecer basicamente, no fundo da mente humana, quando o misticismo fantasioso, as visões agradáveis, os deuses e salvadores projetados por si próprio são perseguidos. Quando o conhecimento, o conhecido, se tornou de suprema importância, então a mente procura mistérios, corre atrás das experiências dos outros e estabelece novos deuses.

A cultura é a porta para a realidade, que não está nas filosofias, na psicologia e na análise. Sem a beleza da religião, a cultura não tem significado. É como uma flor encantadora sem o perfume, e nós esfacelamos a flor em pedaços para encontrar o perfume.

O amor é harmonia, que não pode ser cultivada como o conhecimento pode, por isso há um fosso cada vez maior entre o conhecido e a harmonia da perceção. O ver é o fazer, mas o conhecimento, pela sua qualidade temporal, impede a ação instantânea. A mente religiosa tem esta qualidade de ação imediata.

Um tipo diferente de educação é necessário. Não é a mera cultura da memória com todo o seu ênfase na compulsão, conformidade, imitação, levando à violência, mas a cultura total do homem na qual o «tu» e o «eu» desaparecem e não são substituídos pelo Estado nem por uma nova figura de santidade. Esta educação diferente preocupa-se com o conhecimento, com a liberdade, com o que é, e com o ir além do que é.

A sabedoria não está em nenhum livro nem na perfeição do conhecimento. Está no movimento de liberdade na aprendizagem. Não há fim para a aprendizagem; e a sabedoria é o fim da dor.

LIBERDADE FUNDAMENTAL
Sem responsabilidade não há liberdade

A liberdade é um dos fatores mais importantes da vida. O homem lutou politicamente pela liberdade em todo o mundo. As religiões prometeram a liberdade, não neste mundo, mas noutro. Nos países capitalistas, a liberdade individual existe em algum grau, e no mundo comunista tem sido negada. Desde os tempos antigos que a liberdade tem significado muito para o homem, e tem havido os seus opositores, não só políticos mas religiosos — através da Inquisição, pela excomunhão, torturas e banimentos, e a negação total da busca do homem pela liberdade. Houve guerras e contra-guerras travadas pela liberdade. Este tem sido o padrão dos esforços do homem pela liberdade ao longo da história.

A liberdade de expressão pessoal e a liberdade de palavra e de pensamento existem em algumas partes do mundo, mas noutras não. Aqueles que foram condicionados rebelam-se contra os seus antecedentes e reagem de formas imaturas. Esta reação, que toma diferentes formas, é chamada «liberdade». A reação à política é muitas vezes esquivar-se ao campo da política.

Uma reação económica é formar pequenas comunidades baseadas em alguma ideologia ou sob a liderança de uma pessoa, nas quais a autoridade é negada e se faz uma tentativa para ser autossustentável, mas estas geralmente desintegram-se. A reação religiosa contra organizações estabelecidas de crença é rebelar-se, quer juntando-se a outras organizações religiosas, quer seguindo algum guru ou líder, quer juntando-se a algum culto. Ou então nega-se

todo o esforço religioso. Não indicam todas estas coisas meros movimentos exteriores em direção à liberdade?

Pensa-se na liberdade apenas como liberdade de movimento, quer físico quer dos movimentos do pensamento. Parece que se procura sempre a liberdade na superfície, o direito de ir daqui para ali, de pensar o que se gosta, de fazer o que se gosta, de escolher e de procurar experiências mais amplas. Certamente que esta é uma liberdade bastante limitada, envolvendo uma grande dose de conflito, guerras e violência. A liberdade interior é algo inteiramente diferente. Quando há uma liberdade profunda e fundamental, que tem as suas raízes não na ideia de liberdade, mas na realidade da liberdade, então essa liberdade abrange todo o movimento, todos os esforços do homem. Sem esta liberdade, a vida será sempre uma atividade dentro do círculo limitado do tempo e do conflito.

Por isso, quando falamos de liberdade, estamos a falar da questão fundamental. Não é a libertação de algo, mas a qualidade de uma mente e de um coração que são livres, e nos quais a direção não existe. A libertação de algo é apenas uma continuidade modificada do que tem sido e, portanto, não é liberdade. Quando há direção, e portanto escolha, a liberdade não pode existir; pois a direção é divisão e, houvera aí, escolha e conflito. Não há tal coisa como liberdade individual, mas apenas liberdade. A palavra individual, no seu próprio significado, implica indivisível, não uma entidade oposta ao coletivo. Mas nós fizemos um conceito de individualidade com as suas características peculiares, tendências, e assim por diante, que são a resposta do condicionamento, e opomo-la ao coletivo. Este condicionamento faz parte da cultura — económica, social, e assim por diante — na qual a mente é educada. A liberdade reside além deste condicionamento, não dentro do campo da consciência com o conteúdo que constitui a consciência. A responsabilidade que reside além do condicionamento é diferente da responsabilidade da chamada liberdade.

A responsabilidade de uma mente condicionada é a irresponsabilidade, que pode ser percebida nas culturas atuais da

sociedade, quer do Oriente quer do Ocidente. Esta irresponsabilidade é mostrada na educação, na injustiça social, nas divisões nacionais com diferentes ideologias levando à competição, guerras, fome, afluência e pobreza. A irresponsabilidade das religiões organizadas é mostrada no seu apoio e manutenção destas culturas. Estas religiões pregam a moralidade, mas sustentam a corrupção. Estão em guerra umas com as outras, afirmando que só elas têm a verdade, que os seus deuses e salvadores são os reais. Esta irresponsabilidade é mostrada quando um intermediário é colocado entre o real e o humano. Esta irresponsabilidade é mostrada quando templos, mesquitas e igrejas se tornam um poder na terra.

A responsabilidade tem um significado completamente diferente quando há liberdade. A responsabilidade não nega a liberdade: elas vão juntas. Quando há a realidade profunda e fundamental da liberdade, a responsabilidade preocupa-se com a totalidade da vida e não com um fragmento da vida; preocupa-se com todo o movimento e não com algum movimento particular; preocupa-se com toda a atividade da mente e do coração e não com uma atividade ou direção particular. A liberdade é a harmonia total na qual a responsabilidade é tão natural como a flor no campo. Essa resposta não é induzida nem imposta; é o resultado natural da liberdade. Sem responsabilidade, não há liberdade. Responder a cada desafio a partir da liberdade é responsabilidade. É a resposta inadequada que é a irresponsabilidade. A mente que é dependente no apego torna-se irresponsável perante o todo.

Por isso, a liberdade é amor, que na sua própria natureza é responsável perante a flor à beira do caminho e perante o vizinho, quer o vizinho seja ao lado quer a mil milhas de distância.

A compaixão é a própria essência da liberdade.

RELACIONAMENTO
O relacionamento é a sociedade

A liberdade não é algo que te proponhas a encontrar. Não é uma coisa a ser cultivada. Vem naturalmente, através da negação do que ela não é. Não é uma reação, e esta é uma coisa básica que tem de ser compreendida. A reação ao que é é uma continuação do que é numa forma diferente. Pode ser modificada, pode ser estruturada diferentemente, pode ser racionalizada e posta a funcionar, mas isto não é liberdade.

Esta reação pode tomar a forma de opinião, avaliação, de julgamento, mas isto não é liberdade. A reação a uma velha ordem, à tradição, a várias formas de autoridade não é liberdade. A reação da tendência particular, idiossincrasia ou características de cada um, que são a resposta do seu condicionamento, não é liberdade. A reação a ter sido dito para reprimir, para controlar, para obedecer, indo numa direção diferente qualquer, agradável ou desagradável, neurótica ou racional, não é liberdade.

E ir de uma ortodoxia para outra, de uma crença para outra, de uma autoridade para outra, por muito agradável que seja, não é liberdade; trocar uma ideologia por outra não é de modo algum liberdade. Fazer o que se gosta é uma liberdade imaginada. Afirmar a própria individualidade, e a identificação dos próprios desejos com algo que é romanticamente ou misticamente grande, não é liberdade.

A liberdade é a compreensão de tudo isto, não só verbalmente, mas transcendendo efetivamente tudo isto. É por isso que é tão importante observar claramente as reações repetitivas sob o disfarce de liberdade e experiência. Através da negação destas reações e ao transcendê-las, é-se confrontado com o real, o que é. O que é é o relacionamento.

O relacionamento é a sociedade, esta sociedade que a humanidade construiu. Como tu e eu construímos esta sociedade, somos responsáveis pela sociedade. É a nossa sociedade, não a «deles». Não é criada apenas pelos teus pais, tu também és responsável por ela. Tu, como ser humano, estás a criar esta sociedade e és parte desta sociedade. Por isso, tu és a sociedade, o mundo.

É o teu relacionamento com outro, o teu comportamento, os teus conflitos, as tuas ambições, a tua competição que trouxeram esta estrutura na qual vivemos. Novamente, isto é muito importante compreender. Compreender não é ao nível intelectual ou verbal; compreender é ação. Não é primeiro compreender e depois a ação a seguir; elas são simultâneas, vão juntas. Este relacionamento não é apenas com o teu amigo íntimo ou com o teu vizinho, mas com pessoas que nunca vês, que podem estar a milhares de milhas de distância. A responsabilidade do relacionamento é enorme. Não podes viver sem relacionamento; a vida é relacionamento. Por muito que alguém queira isolar-se por razões neuróticas ou por alguma forma de especialização, continua em relacionamento.

Por isso, o relacionamento é da mais alta importância. Não há relacionamento se a tua atividade diária está centrada em torno das tuas próprias atividades egotistas. Não há relacionamento se constróis uma parede ao teu redor porque foste magoado, ou porque não podes ter o que queres, ou porque estás a tentar realizar-te numa atividade particular. Não há relacionamento se estás atado a uma crença forte ou a uma conclusão, quer uma dada por outro quer uma que tenhas construído tu próprio.

Não há relacionamento se pertences a um grupo em oposição a outro, ou se te comprometeste com um curso de ação baseado em alguma conclusão racional ou irracional. Não há relacionamento se tens uma imagem sobre ti próprio ou sobre outro. Essa imagem pode basear-se no teu conhecimento, na tua experiência, e estas imagens, quer tradicionais quer tuas, separam-te de outro. Onde há separação de qualquer tipo, nacional, religiosa, económica ou social, tem de haver conflito em ti próprio e, logo, com o mundo. Onde há conflito, não há relacionamento.

O amor não tem conflito. Quando o amor se torna prazer, aí começa o conflito. O desejo não é amor, e na realização do desejo o amor é negado.

O relacionamento não é apenas com seres humanos, mas com a natureza, com a árvore e com o animal. Quando perdemos o contacto com a natureza, perdemos o contacto uns com os outros. Quando perdes o contacto com os pássaros, com a codorniz tímida e receosa, então perdes o contacto com o teu filho e com a pessoa do outro lado da rua. Quando matas um animal para comer, estás também a cultivar a insensibilidade que matará aquele homem do outro lado da fronteira. Quando perdes o contacto com o movimento enorme da vida, perdes todo o relacionamento. Então tu, o ego com todos os seus impulsos fantasiosos, exigências e buscas, tornas-te de suma importância, e o fosso entre ti e o mundo alarga-se em conflitos sem fim.

Por isso, o relacionamento e a liberdade vão juntos. A negação do que não é relacionamento e a negação do que não é liberdade trazem uma ação de responsabilidade total. E isto é amor.

AUTORIDADE
A liberdade não tem autoridade

A liberdade traz consigo a criatividade. Isto não tem nada a ver com a criação que vem através do conflito. Não há liberdade se a mente está condicionada. O condicionamento é o resultado de culturas sociais, económicas ou religiosas. Quando a mente está condicionada, funciona numa área especializada muito limitada. Este funcionamento, quer seja altamente tecnológico quer um movimento no campo do condicionamento, é geralmente chamado criatividade. Este movimento condicionado gera a sua própria energia, e esta energia é expressa na literatura, na ciência, na música e nas várias humanidades.

Mas tudo isto é dentro do campo do condicionamento, quer seja estreito quer largo. Esta atividade faz um caminho que é aceite e seguido, mas novamente isto é ainda dentro dos confins do

condicionamento. O homem procura a liberdade dentro desses limites e o exercício dessa liberdade é chamado liberdade de vontade ou escolha, mas é ainda dirigida ou moldada pelo condicionamento. É como um homem na prisão a procurar a liberdade dentro das suas paredes, quer estreitas quer largas. Isto não é liberdade.

A liberdade é algo totalmente diferente. É a compreensão do condicionamento, tanto verbal como não verbalmente, de modo a que a mente o transcenda. Esta liberdade não está num livro nem é para ser encontrada através de outro, e não é um ideal. Não é para ser comprada através de nenhuma prática ou disciplina, pois a prática e a disciplina implicam sanção e autoridade. Nesta liberdade não há direção ou autoridade. Esta liberdade é inteligência e é responsável. Não é ditada por circunstâncias ou eventos. Esta liberdade é a negação total de toda a estrutura da prisão que o pensamento construiu ao redor de si próprio. Esta própria negação é a ação positiva da liberdade. Esta liberdade não pode existir onde há desordem. É a desordem exterior e interior que traz a necessidade da autoridade, do ditador, do governante.

A liberdade não tem autoridade. Nunca conheceu a autoridade. Não é a rejeição da autoridade, mas sim a inexistência dela. Tanto a autoridade como a lei, exterior e interior, são construídas pelo pensamento. A autoridade exterior, por vezes racional, por vezes irracional, tem o seu lugar e a sua responsabilidade; não se pode colocá-la de parte, e a inteligência da liberdade conhece a sua limitação e a sua necessidade. A autoridade interior, que é mais subtil e mais profunda, é muito mais complexa.

Diretrizes, que parecem dar certeza e garantia, tornam-se um padrão, a norma, que se torna a autoridade. Esta autoridade pode ser tradicional, uma pessoa, um símbolo ou uma ideia. A mente, estando consciente, consciente ou inconscientemente, da sua própria perturbação e desordem, origina tanto a autoridade exterior como a interior. Um grupo desordenado depressa encontra o seu líder, que depois dirige e controla. A reação a isto não é liberdade. A

compreensão da natureza desta desordem e da perturbação e o ir além delas é a liberdade.

A aceitação da autoridade é causada pela perturbação e pela desordem. O efeito é a autoridade, e a reação a isso é conformar-se ou negar. Esta própria negação assume outra forma de autoridade. Onde não há liberdade, tem de haver autoridade. Isto traz a supressão, o controlo ou a fuga, e o próprio movimento destes culmina num princípio ou crença, um padrão que assume dominância.

A causa nunca é permanente; a causa torna-se o efeito e o efeito torna-se a causa seguinte. Quando isto é claramente compreendido, não intelectualmente, mas de facto, então a negação desta cadeia é liberdade. O conhecimento tem a sua própria autoridade: experiência e memória. Mas enquanto se permanecer dentro desse campo, o movimento criativo da liberdade é inexistente. A liberdade é espaço, e o espaço é ordem.

COMPULSÃO
Aprende sem compulsão

Não há liberdade quando há desordem. A desordem gera a autoridade, e a autoridade sob qualquer forma é má — se se pode usar essa palavra má. Onde há liberdade, a desordem ou a falta de ordem não podem existir, contudo a mente desordenada está sempre a procurar a liberdade. Tal mente definirá a liberdade nos termos da sua própria confusão. Uma mente desordenada a procurar a liberdade ou a afirmar a liberdade não tem significado algum. Uma mente desordenada convida a disciplina imposta pela autoridade em diferentes formas — politicamente, religiosamente, socialmente, e assim por diante — tirania política e dogma religioso.

Para que estamos a ser educados? É para fazer a mente conformar-se com os padrões estabelecidos pelas gerações anteriores, ou é para compreender e ir além de toda a estrutura da nossa vida desordenada, tanto exterior como interiormente? É meramente para

adquirir conhecimento ou é para nos libertarmos da desordem e, assim, trazer uma nova sociedade?

Obviamente, se se der um pensamento sério a isto, a educação é para trazer à mente uma liberdade total, de modo a que seja capaz não só de ordenar a sua própria vida, mas também, neste próprio processo, de trazer uma estrutura social diferente. Esta é a ação que não é a da mente que está comprometida com um curso de ação particular ou com uma crença, ideal ou ação particular influenciada pelo meio envolvente.

Estamos preocupados com a educação e com o modo de trazer a ordem sem compulsão. Onde há compulsão sob qualquer forma, subtil ou óbvia, há não só conformidade, imitação, mas também o medo é gerado. O nosso problema nestas escolas é como educar sem qualquer forma de autoridade e compulsão. Sabendo como a autoridade passa a existir e os efeitos da compulsão, como é que uma mente desordenada há de libertar-se da sua confusão naturalmente, sem esforço? Os estudantes vêm de famílias e de uma sociedade desordenadas. Eles próprios estão confusos, incertos. Reagem a partir do seu condicionamento. A sua revolta, a que chamam liberdade, é a resposta da sua confusão. Por isso, esse é o estado dos estudantes. Eles querem segurança, afeição; isto não pode ser se houver compulsão. Na sua revolta ansiosa, rejeitam não só a palavra disciplina com a sua autoridade, mas também qualquer forma de coerção. Quanto mais sensíveis são, mais fortes são as suas reações, e a sua revolta é infelizmente expressa de muitas formas superficiais.

Educação não é a palavra correta, mas temos de a usar para transmitir um significado que implica a verdadeira cultura da mente humana em todas as suas relações e atividades. A cultura da mente e do coração é a nossa responsabilidade.

O estudante vem já condicionado, e a partir desse condicionamento as suas reações são o seu temperamento, a sua peculiaridade, o seu desejo de realização. Por isso o educador, que está também condicionado com as suas próprias peculiaridades, na sua

responsabilidade de relacionamento com o estudante tem de estar consciente das suas próprias limitações, bem como das do estudante; assim, ambos se estão a educar juntos. Se o educador é desordenado na sua vida privada e exteriormente assume uma vida ordenada, a sua palavra não tem significado. Quando diz ao estudante para ser ordenado, torna-se um hipócrita. Por isso, o educador precisa de educação, bem como o estudante. Esta é a ação principal — que ambos estão a aprender — e por isso o espírito de autoridade não entra de todo neste relacionamento. Quando isto é clara e profundamente compreendido, então tem de se estabelecer um relacionamento no qual a compulsão e a conformidade cessem completamente.

Como há de o estudante, estando confuso e desordenado, aprender sem compulsão a ser ordenado? A ordem é necessária. A ordem expressa-se no comportamento. A ordem é a própria natureza do universo. Há ordem na natureza. Só quando o homem interfere na natureza é que há desordem, porque ele próprio é desordenado. A ordem é a ação da virtude. A ordem é amor. Não há ordem quando há esforço ou contradição. A ordem é a forma mais elevada de inteligência. A inteligência não é capacidade intelectual; não é a oposição de opiniões e conclusões; não é a mera capacidade de raciocínio, por muito lógica que essa possa ser. A inteligência é a forma mais elevada de sensibilidade exterior e interior para com os outros, bem como para consigo próprio.

Como há de esta inteligência ser despertada? Obviamente não através de nenhum método ou sistema. Só é possível quando tanto o mais velho como o mais jovem estão conscientes do mundo ao seu redor, da natureza e das suas próprias atividades, estão conscientes dos acontecimentos que estão a decorrer no mundo e das suas próprias reações interiores. Esta consciência não é uma coisa para ser praticada e tornada mecânica. A pessoa torna-se consciente das atividades totais da sua mente e do seu corpo, da forma como se senta, se levanta, caminha. Escuta a sua voz e o significado das palavras, as suas opiniões e atitudes, a linguagem do olhar e do gesto, a linguagem do comportamento e o seu efeito nos outros. Tudo isto implica uma consciência dos seus próprios motivos e atividades egocêntricos.

Separámo-nos logicamente do mundo. Esta separação é linguística e não real. A realidade é que nós somos o mundo e o mundo é nós. Não estamos totalmente conscientes disto. Podemos aceitar esta ideia intelectualmente, mas não é uma realidade. Da mesma forma, dividimo-nos como o corpo e a mente, como sentimento ou emoção. Nunca olhamos para nós próprios como um todo.

Esta fragmentação é causada pelo pensamento, e através do pensamento esta consciência não é possível. Nesta consciência, a identificação com os desejos e a escolha de cada um desaparece, por isso tanto os jovens como os velhos estão a aprender a ser. A consciência não é só na sala de aula, mas à mesa, no campo de jogos. É para ser aprendida também quando se caminha sozinho pelos campos ou se está sentado quietamente no próprio quarto. Desta consciência sensível vem a inteligência.

Como há de isto ser transmitido e sustentado? Obviamente falando sobre isso, observando o que está a acontecer ao redor e nas próprias reações. É esta inteligência que trará a ordem. Quando esta consciência está a atuar, a pontualidade, o comportamento, a polidez, o respeito, tudo se torna uma coisa natural, não imposta a si própria ou compelida. O professor e o ensinado são um. Portanto, o observador é o observado. Quando este relacionamento é estabelecido — e ele só pode ter lugar quando há a qualidade da inteligência —, há a possibilidade de um ser humano psicologicamente diferente.

É para isto que estas escolas existem, e é nossa responsabilidade ver que isto passe a existir.

DISCIPLINA
Aprender é disciplina

Quando olhas ao teu redor, não tanto no mundo humano mas na natureza, nos céus, ves um sentido extraordinário de ordem, equilíbrio e harmonia. Cada árvore e flor tem a sua própria ordem, a sua própria

beleza; cada topo de colina e cada vale tem um sentido do seu próprio ritmo e estabilidade. Embora o homem tente controlar os rios e polua as suas águas, eles têm o seu próprio fluxo, o seu próprio movimento de longo alcance. Além do homem, nos mares, no ar e na vasta expansão dos céus há um sentido extraordinário de pureza e de existência ordenada. Embora a raposa mate a galinha, e os animais maiores vivam dos animais pequenos, o que parece ser crueldade é um desenho de ordem neste universo, exceto para o homem. Quando o homem não interfere, há uma grande beleza de equilíbrio e harmonia. Esta harmonia só pode existir na liberdade, não na restrição e não no conflito.

Tudo na natureza tem a sua estação, o seu morrer e renascer. É apenas o homem que vive em confusão, em conflito, em desordem. Se observaste numa mata, todas as coisas vivas têm as suas formas instintivas, o seu próprio padrão de vida que é imemorial e sem fim. Mas o homem é moldado pelo seu egoísmo, e a sua chamada espontaneidade está dentro do campo do seu interesse pessoal. Ele é moldado e controlado pela cultura, pelo meio envolvente em que vive. A sociedade diz-lhe o que fazer; os mais velhos tentam moldar as mentes dos jovens para se conformarem, para obedecerem e para viverem num espaço muito pequeno, tanto exterior como interiormente. A reforma é a quebra de um padrão apenas para se conformar a outro. Vivemos uma vida muito curta, em conflito, em medo e dor. Só quando somos muito jovens é que parecemos ser completamente felizes e despreocupados. Tudo isto em breve se desvanece, e começa então o desgastante conflito da existência.

Em todo este tumulto não há nem liberdade nem a ordem da espontaneidade, pois a liberdade é um grande sentido de espontaneidade. Na sociedade, na família, numa escola, se não há ordem não há relacionamento. E contudo queremos um relacionamento que é na verdade um apego a outro sem um sentido interior de harmonia, totalidade, integridade. Se passas a caminhar junto a um campo de parada ves o pobre soldado a ser treinado dia após dia pelo bater do tambor e pela voz do sargento para obedecer, para se conformar e para seguir. Ele é transformado numa máquina

para matar e para se proteger. De formas semelhantes, desde a infância somos treinados para nos protegermos conformando-nos com o velho ou com o novo. Este treino continua no escritório, na oficina, na igreja, na escola. A isto se chama ordem, e é isto que preocupa a maioria dos pais. Isto tem vindo a acontecer geração após geração, e o fosso entre duas gerações é apenas um intervalo no qual um novo padrão ganha forma.

Não será possível haver ordem sem esforço, sem a luta entre aqueles que veem que a ordem é necessária e aqueles que se rebelam contra qualquer forma de compulsão? Haverá uma ordem sem conformidade? Haverá uma ação que não leve à rotina e ao tédio? Este é um dos problemas no nosso mundo de relacionamento. Cada pessoa inteligente, quer velha quer jovem, vê que a ordem é necessária: levantar-se, aprender, jogar, e assim por diante. Se queres ser um bom jogador de golfe, tens de balançar o taco de uma determinada maneira; se queres ser um bom nadador, tens de aprender os movimentos. Aprender a ser um bom jogador de golfe ou de ténis traz o seu próprio movimento natural de controlo. Este controlo não é imposto por ninguém, mas o próprio movimento da mão e do braço, do corpo, é infinitamente ordenado e subtil. Cada ofício tem a sua própria disciplina, e aprender é a disciplina.

Disciplina é uma palavra infeliz. Nela estão implicados treino, prática, conformidade, subjugação, restrição e o conflito da indolência. O significado do dicionário para a palavra disciplina é aprender — apenas aprender e nada mais. Se não queres aprender, então os pais, a escola, a sociedade forçam-te a conformar-te, quer gostes quer não. Por muito nova que a sociedade possa ser, força-te a encaixar. Os religiosos prosperaram disto através do medo e da recompensa. Ou aprendes através de um interesse espontâneo ou és impelido, compelido a aprender. Quando és compelido a aprender, então o teu conhecimento é mecânico e usas esse conhecimento mecanicamente. Depois queixas-te de que a vida não tem significado, e tentas escapar através de várias ilusões, através de devaneios ou palavras fantasiosas. As discotecas, o recreio de fim de semana, as

férias são as bagatelas da fuga. Estreitaste a tua vida à família e à responsabilidade que ela traz, ao trabalho sem fim e ao inevitável.

Aprender sem recompensa ou punição é uma questão completamente diferente. Se compreendes e ves isto muito claramente, quando jogas futebol, críquete, ou quando estás a estudar uma matéria, descobrirás que aprender liberta a mente em vez de a moldar. O conhecimento por si só molda a mente, e assim a mente torna-se velha. As escolas e universidades estão a tornar as mentes velhas. Elas condicionam a conformidade, pois o conhecimento tornou-se de suma importância — não o aprender, mas o adquirir conhecimento. É uma mente velha que se conforma, não a mente que está sempre a aprender. Nesta aprendizagem há liberdade na qual o conhecimento pode ser usado quando é necessário. Há enciclopédias, há computadores, por isso não faças da tua mente meramente o armazém do passado. Isto é ordem.

Interrogador: Quer dizer que não tenho de adquirir conhecimento de matéria nenhuma, que não tenho de estudar?

Krishnamurti: De modo nenhum. Quando colocas essa pergunta, o que está por trás dela? Será que não queres estudar porque te aborrece? Ou estás a perguntar como aprender, isto é, como prestar atenção? Quando não queres prestar atenção, não prestes atenção. O que é importante é ter uma mente que nunca foi moldada no conflito, no querer e não-querer prestar atenção. Nisso há conflito. Se queres olhar pela janela, olha pela janela completamente sem o conflito de dizeres que tens de olhar para o livro. Olha pela janela com os teus olhos, os teus ouvidos, a tua mente e o teu coração. Depois, quando olhares para o livro à tua frente, seja qual for a matéria, olha para ele da mesma forma que olhaste pela janela. Farás isso, se não tiveres conflito. Esta é a coisa primordial a aprender: nunca, sob circunstância alguma, ter um conflito. Porque aprendeste a olhar pela janela livremente, sem qualquer restrição ou compulsão, olharás para o livro da mesma maneira, porque isto é aprender. Ambos são aprender: olhar pela janela e olhar para o livro. Aprender a estar livre do conflito não é indiferença ou permitires-te não fazer nada.

I: Se me livrar do conflito, farei então apenas o que me dá prazer.

K: Podes realmente fazer o que queres? Não será aquilo que queres uma reação àquilo que te disseram para fazer? Estará aquilo que queres livre da estrutura da sociedade em que vives? O que tu queres é a busca do teu prazer particular. Então desenvolverás um duplo padrão de vida. Secretamente buscarás o prazer e abertamente serás forçado pela cultura em que vives a conformar-te com o respeitável. Assim estás a desenvolver conflito, querendo os teus prazeres e não sendo capaz de os ter, ou tendo-os e pagando por isso. Tudo isto obviamente mantém o conflito. Aprender sobre o conflito é a compreensão de todo este padrão do comportamento do prazer.

I: Está a negar-me o prazer?

K: Pelo contrário. Se eu te negasse o prazer, tu lutarias, tornar-te-ias violento. Encontrarias um meio de realizar o teu prazer, e assim ficarias novamente apanhado no conflito. Estamos sempre apanhados entre a punição e a recompensa, o que é medo; aprender sobre isso é a libertação do conflito.

I: Está a dizer que a disciplina está errada?

K: Não, não estamos a dizer isso.

I: Então por que razão temos regras?

K: Escutaste o que foi dito sobre esta questão da disciplina? Ou escutaste apenas a parte que te agrada? Se escutaste apenas a meias, tiraste uma conclusão ou uma ideia, e a partir daí vais agir ou não agir de acordo com o que o prazer dita. Nós dissemos que a ordem é necessária. O universo inteiro funciona em ordem, exceto o homem. O homem permitiu-se viver nesta condição contraditória e disto surge toda a sua miséria. Olha para tudo isto de uma forma diferente, não em termos de prazer e punição, mas vendo uma forma de viver na qual

toda a forma de conflito chegue ao fim. Tens de aprender sobre isto e a própria aprendizagem cria a sua própria ordem.

SANIDADE
A liberdade é um viver são na vida diária

Liberdade é uma palavra que é tão frouxamente usada que já não tem real significado. Embora falemos dela sem fim na escola, no liceu, politicamente e religiosamente, nós na verdade não queremos a liberdade. O que queremos é segurança completa em todas as nossas formas de vida. Rebelamo-nos contra a autoridade, mas na verdade estamos a rebelar-nos para expressar a nossa exigência de identidade e ação. A liberdade é realmente uma coisa perigosa. É a libertação de toda a miséria, confusão que existe tanto interior como exteriormente. A negação total da estrutura de ideias e da ação baseada nessas ideias é liberdade. Não é uma expressão de egoísmo individual desenfreado. A negação disso também, não verbalmente mas de facto, é liberdade. Estar sozinho sem se isolar é sanidade. Sanidade significa saúde, totalidade e também santidade. Neste estado não há desequilíbrio. Isto é liberdade.

Esta liberdade não é uma ideia, um conceito, mas sim um viver são na nossa vida diária. A ação do insano é uma coisa, mas esta ação é outra, levando ao florescimento da bondade. Se observas o mundo ao teu redor, vês como tudo isto é insano: mães a enviarem os seus filhos para a guerra para matarem e serem mortos; as divisões da religião e dos governos com o seu conflito e a sua corrupção; a conversa sobre a paz enquanto se preparam para a guerra; o quebrar sem fim dos seres humanos em categorias, temperamentos, com os seus gurus e analistas. Esta insanidade tem a sua própria atividade, que é contraditória, imitativa e divisiva. A educação, tal como existe agora, serve para conformar com o padrão de insanidade. Esta ação do «eu» e do «tu» é a raiz da corrupção, quer seja em nome da sociedade, da nação ou de Deus. A educação serve para desmamar a mente desta insanidade e das suas atividades.

Então qual é a ação da sanidade? Pois na vida estamos preocupados com a ação: a vida é ação em relação. Não há a tua ação e a minha ação. Se há, é a insanidade a operar em nós. O homem dividiu a ação em grandíssimas variedades, nas categorias de uma mente que é em si mesma fragmentada.

Por isso há apenas ação, não a atividade do artista, do escritor, do político, e assim por diante. Quando a ação é dividida em categorias inventadas pelo homem, a corrupção instala-se. Se isto for compreendido muito claramente — isto é, quando vês a verdade interior disto, o facto disto —, então a ação é o resultado do todo. Então não estás comprometido com um curso de ação particular, mas estás comprometido com a totalidade da vida, que é ação. Quando estás comprometido com uma ação particular que te pode dar gratificação e expressão pessoal, então descobrirás que esse ato levará à contradição interna e, portanto, ao desperdício de energia. O somatório da ação não é em si mesmo contraditório e, portanto, liberta uma grande energia. Assim, a ação é a inação total.

Novamente se deve salientar que estas não são palavras, ideias e abstrações especulativas, mas sim factos. A ação do facto, ou do que é, é vastamente diferente da ação de uma ideia. Para a maioria das pessoas, a ideia é vastamente mais importante do que a ação: conceito e ação são duas coisas diferentes; há espaço entre os dois, e neste espaço está o tempo e a divisão da ação, pois a ação está a tentar ajustar-se à ideia ou conformar-se com o conceito ou fórmula, e daí há conflito. O conflito é esta divisão entre ideia e ação.

Onde há sanidade há ação e não a ideia de ação. Cultivámos o intelecto, e por isso o intelecto tornou-se tremendamente importante — o intelecto que concebe, formula, recorda, calcula, imagina. Quando isto opera, há sempre arrependimento ou perdão e dependência de causa-efeito. Nisto, a ação que tem uma causa torna-se o efeito de uma causa anterior, uma causa que tem um motivo, que se torna a causa de outra ação.

Onde há sanidade, a ação não tem futuro. Não há «Eu farei» ou «Eu tentarei». Há apenas o fazer que não tem tempo, que não tem amanhã. Para o amor não há amanhã. O amanhã existe apenas numa ação que se baseia numa ideia, e para fazer a ponte entre a ação e o conceito precisas de tempo. Por isso, para tal ação há sempre o amanhã com todos os seus arrependimentos, frustrações e incompletude.

Assim começas a ver o que é a ação, não de acordo com alguém que se torna depois a autoridade a ser seguida. Quando tu próprio vês a verdade desta totalidade, a ação tem um significado completamente diferente. O amanhã desaparece de todo, contudo, o amanhã existe nas tuas disposições, no planeamento da vida diária; mas este planeamento está contido na totalidade e não está separado dela.

Há a ação do pensamento e a ação do não-pensamento. A ação do pensamento tem o seu lugar, mas não traz o florescimento da bondade. A ação do não-pensamento traz. O pensamento não gera o amor; gera satisfação, prazer, a atividade egocêntrica que não tem absolutamente nada a ver com o amor e a bondade. A totalidade da ação é o amor.

Interrogador: Está a dizer que não nos devemos conformar com o que as outras pessoas estão a fazer? É divertido fazer o que os outros fazem; dá-me um sentido de companheirismo. Torna mais fácil falar, e também é divertido meter-me em alguns sarilhos. Não deveríamos ver como é meter-nos num pequeno sarilho? A maioria das pessoas mete-se. Não aprenderemos algo com isso?

Krishnamurti: A educação serve para te tornar sensível não só aos teus próprios desejos, fantasias e sarilhos particulares, mas também aos dos outros. Podes ser sensível — isto é, altamente inteligente — se te estás a conformar, se estás a copiar, por muito agradável que seja de momento, o que toda a gente faz? Permitirá a inteligência que te metas em sarilhos, e o que há para aprender com os sarilhos? Podes roubar algo numa loja ou a um amigo teu. Se o fizeres, acabarás numa esquadra de polícia. É esta a ação da sensibilidade, da inteligência? O que aprendes com os sarilhos? Ou aprendes a nunca te envolver neles

ou ganhas excitação, sensação, e moves-te então de uma excitação para outra, exigindo sempre sensações maiores. E o que aprendes com isso?

Aprendes as implicações do companheirismo, que precisas de depender dos outros para o teu sentido de estima de ti próprio, para cobrir a tua insuficiência, o teu sentimento de seres querido num lugar mas não noutro? Aprendes realmente isto ou usas meramente a palavra aprender para cobrir a tua exigência de excitação? É preciso ter diversão, é preciso ser capaz de rir e de falar com outro, mas isso tem de vir de dentro de ti. Isso é a juventude.

Ter de ir fora de ti próprio para buscar diversão leva a todo o género de sarilhos, e isso faz parte desta insanidade do mundo em que vivemos. É como ir a um templo ou a uma igreja para encontrar Deus. Podes não ir lá, mas queres a tua pequena excitação lá fora em algum lugar. Ambos são o mesmo. Se estás realmente a aprender, é aqui e não lá fora.

I: Não tenho a certeza de ser suficientemente inteligente para compreender tudo o que disse. Não posso refutá-lo nem concordar com ele, mas a seriedade com que diz isto afeta-me em algum lugar. Mas sinto que isso não é suficiente. Como é que a minha mente se torna suficientemente afiada para tudo isto?

K: Não se trata de modo algum de ser inteligente. Essa é uma palavra horrível. Nela há uma grande dose de astúcia, ligeiro engano, um toque de hipocrisia, um comportamento fingido. Não precisas de uma mente inteligente. O que realmente precisas, se posso apontar, é da capacidade de observar, de escutar; de observar sem todo o clamor que se encontra por trás da observação, o ruído de opiniões, racionalização, condenação. Podes observar muito simplesmente uma folha na brisa; podes observar uma mosca no quarto; e podes também observar o teu comportamento, por que fazes isto e aquilo, por que te magoas, por que guardas a mágoa, por que cedes e por que és obstinado. Apenas observar e escutar sem qualquer murmúrio do teu próprio gostar e desgostar.

Sabes, para fazer isto tens de prestar atenção, e o aprender disto é a atenção. E nisto há uma grande dose de diversão, muito mais do que percebes. É uma diversão que vem por si própria e que é real. O outro tipo desvanece-se.

ORDEM E LIBERDADE
A ordem é a ação do novo, que é inteligência

A liberdade é ordem absoluta: nem a liberdade nem a ordem são relativas. Ou és livre ou não és. Ou há ordem completa em ti ou há desordem. A ordem é harmonia. Os seres humanos parecem gostar de viver na desordem, tanto exterior como interiormente. Veste isto politicamente. Todos os governos são corruptos; uns mais, outros menos. São dirigidos por pessoas que em si mesmas são desordenadas, ambiciosas, enganadoras, com antagonismos pessoais e vaidades. Por isso há guerra económica, os muito ricos e os muito pobres e todas as misérias que vêm das lutas da pobreza.

Ves esta confusão na educação, que está principalmente preocupada com o cultivo da memória como conhecimento, desconsiderando toda a estrutura psicológica do homem. Ves a expressão desta desordem onde um grupo de pessoas está a matar outro grupo, preparando-se para a guerra enquanto fala de paz. A ciência tornou-se a ferramenta do governo. Os negócios e o progresso estão a destruir a terra, a poluir o ar e as águas dos mares.

Por isso exteriormente, quando olhas ao teu redor, há caos, confusão e grande miséria. E interiormente também, os seres humanos são infelizes, vivem vidas contraditórias, lutando sem fim, em conflito, procurando segurança e não a encontrando nem na crença nem nas coisas que possuem. Há dor na vida e na morte. A desordem interior do homem traz a estrutura exterior da desordem. Estes são

todos factos óbvios. Embora falemos de liberdade, aparentemente muito poucos parecem chegar a ela.

A educação serve primordialmente para trazer a ordem ao nosso viver diário e para compreender todo o significado da vida. Compreender a ordem e viver nessa ordem precisa da forma mais elevada de inteligência, mas não estamos a ser educados para isso. Estamos principalmente preocupados com a aquisição de conhecimento como meio de sobrevivência, uma sobrevivência conflituosa num mundo caótico.

A ordem é uma coisa extraordinária. Tem a sua própria beleza, a sua própria vitalidade não dependente do meio envolvente. Não podes dizer a ti próprio que serás ordenado nas tuas formas, nas tuas ações e nos teus pensamentos. Se o fizeres, depressa descobrirás que isso cria um padrão de comportamento que se torna então mecânico. Este hábito mecânico, quer no pensamento quer na ação — e assim no comportamento —, faz parte desta confusão. A ordem é vastamente maleável, subtil e rápida. Não podes colocá-la numa moldura e tentar viver de acordo com ela. A imitação em si é uma das razões para a confusão e para o conflito. Não podes estabelecer regras para o movimento da ordem. Se o fizeres, então essas próprias regras tornam-se a autoridade que exige obediência e conformidade. Isto trouxe novamente a miséria do homem.

Depois há a pessoa que tem de ter tudo ao seu redor certinho, sem nada fora do lugar. Para ela, ordem é estar tudo numa linha reta, e fica neuroticamente irritada se essa linha for torcida ou empurrada para o lado. Tal pessoa vive numa gaiola da sua própria neurose. Há vários monges e ascetas do mundo que treinaram as suas mentes e os seus corpos para obedecer; o Deus deles só pode ser abordado através das portas de uma estrita crença e aceitação. A disciplina é o treino do hábito em nome da virtude, em nome do Estado, em nome de Deus, da paz, ou do que quiseres.

Por isso ves isto ao teu redor todos os dias da tua vida. Nisto estás apanhado, és parte disto. Podes negar a disciplina, a ordem, e agarrar-

te a uma ideia do que pensas ser liberdade, mas o teu próprio conceito é uma negação da liberdade. A liberdade não é um conceito, uma ideia, mas sim uma realidade. É não verbal, não construída pelo pensamento como uma reação. A negação total da desordem em que se vive é liberdade.

Então o que é a ordem? A definição de acordo com o dicionário é uma coisa, e de acordo com o teu próprio raciocínio pessoal, inclinação ou temperamento é outra. Estamos preocupados com o significado dessa palavra no dicionário e não com o que pensas que ela é. Estamos preocupados com ela objetivamente e não a partir de qualquer reação pessoal. O ponto de vista pessoal sobre qualquer coisa distorce o que é. O facto é importante, não o que pensas sobre o que é. Quando olhas para todo o movimento da vida a partir de uma reação ou opinião pessoal condicionada, então divides a vida no «eu» e no «tu»; o «tu» é o exterior, o «eu» é o interior, e assim começa o conflito. Esta fragmentação é a causa principal da confusão e do conflito interiores e exteriores. A ordem surge numa mente que não está fragmentada ou dividida pelo pensamento.

A ordem do pensamento é uma coisa, e a ordem de uma mente que é inteira é outra. Uma leva ao estrago, e a outra leva ao florescimento da bondade. A ordem do pensamento como lei tem o seu lugar, mas a ordem do pensamento na conduta e no relacionamento torna-se desordem, pois o pensamento é a atividade da fragmentação. O pensamento dividiu as pessoas como nações, como religiões sectárias, como «nós» e «eles», como comunistas e não comunistas. Não há pensamento sem a palavra, a imagem, o símbolo. Isto dividiu as pessoas. O pensamento construiu este mundo monstruoso, e através do pensamento estamos a tentar criar um novo mundo sem percebermos que o próprio pensamento origina as atividades de confusão, divisão e conflito.

A ordem de uma mente que é inteira é algo inteiramente diferente, e aqui vem a dificuldade. Quando lês esta afirmação, estás a traduzi-la num processo de pensamento, e por isso a leitura dela é uma abstração. Tendo feito uma abstração da afirmação, tentas depois

combiná-la com uma abstração existente na tua memória. Quando não há combinação, dizes que não compreendes o que a afirmação significa. Dizes que compreendes quando elas se conformam. Por isso, esta consciente do que está a acontecer na tua mente, de quão rapidamente o pensamento intervém, de que nunca escutas ou lês com uma mente que não esteja sobrecarregada com o passado. O conhecimento é o passado. Este conhecimento tem o seu significado utilitário, mas quando esse conhecimento é usado nas nossas relações, então a confusão, o conflito e a dor começam.

Por isso, a ordem é a ação do novo, que é inteligência.

Agora voltemos atrás e olhemos para tudo isto. Estávamos a dizer que a ordem absoluta é a liberdade. Esta ordem absoluta só pode existir quando o conflito de todo o tipo tiver chegado ao fim em ti. Quando há esta ordem, então não perguntarás sobre as desordens no mundo. Só farás essa pergunta quando fores o mundo e o mundo for tu. Quando não és do mundo, o que significa que há ordem absoluta em ti, então a tua relação com o mundo passou por uma mudança total. Estás no mundo, mas não és dele.

Por isso, fica consciente da desordem do mundo e da desordem em ti. Então não há divisão entre ti e o mundo, há apenas desordem. Quando a mente está conscientemente sem escolha ciente desta desordem sem qualquer movimento de pensamento, então a ordem vem sem ser chamada. O que tu convidas não é ordem: o teu convite vem da desordem. A ordem e a desordem não estão relacionadas, não são opostas. A ordem não surge através do conflito dos opostos. Ou há ordem ou não há. Qualquer fingimento de ordem é nascido da desordem.

Onde há ordem há humildade.

PÓSFÁCIO

Esta nova coleção das *Cartas às Escolas* de J. Krishnamurti combina as cartas originalmente publicadas no Volume I (1981) e no Volume II (1985) com dezassete cartas anteriormente não publicadas de anos anteriores. As cartas do Volume I, numeradas de 1 a 37 nesta edição, foram datadas quinzenalmente entre 1 de setembro de 1978 e 1 de março de 1980. As cartas do Volume II, numeradas de 38 a 55, foram datadas como segue: quatro mensalmente em novembro e dezembro de 1981 e janeiro e fevereiro de 1982, dez quinzenalmente de 1 de outubro de 1982 a 15 de fevereiro de 1983, e quatro quinzenalmente em outubro e novembro de 1983.

As novas cartas incluídas estão numeradas de 56 a 72, e foram datadas entre janeiro e maio de 1968 (números 56 a 64) e quinzenalmente entre 1 de março e 1 de julho de 1973 (números 65 a 72). Estas cartas adicionais, embora escritas mais cedo, estão colocadas no fim.

As cartas foram originalmente ditadas a uma secretária, que as dactilografou e enviou cópias mimeografadas para cada escola.

Agradecimentos ao Sr. K. Krishnamurthy pelas valiosas sugestões detalhadas de edição.

Ray McCoy